VÍDEO PACOTAÇO CLASSE A: COPPOLA • DISNEY • AL PACINO • GENE KELLY • SINATRA • LIZ TAYLOR • RITA HAYWORTH

SET

CINEMA & VÍDEO

5633 - Agosto, 1993 - Ed. 74 - Ano VII - Nº 08 - Cr$ 330.000,00

EDITORA AZUL

sharon STONE

A NOVA RAINHA DE HOLLYWOOD EM *INVASÃO DE PRIVACIDADE*

BATALHA DAS BILHETERIAS

ENTREVISTA EXCLUSIVA SCHWARZENEGGER

+ A TÉCNICA E A ARTE DOS EFEITOS ESPECIAIS DE *JURASSIC PARK*

JOSÉ MOJICA

TERROR BRASILEIRO PARA EXPORTAÇÃO

ISSN 0104-1592

9 770104 159003 74

PERDAS E DANOS

Pessoas feridas são perigosas

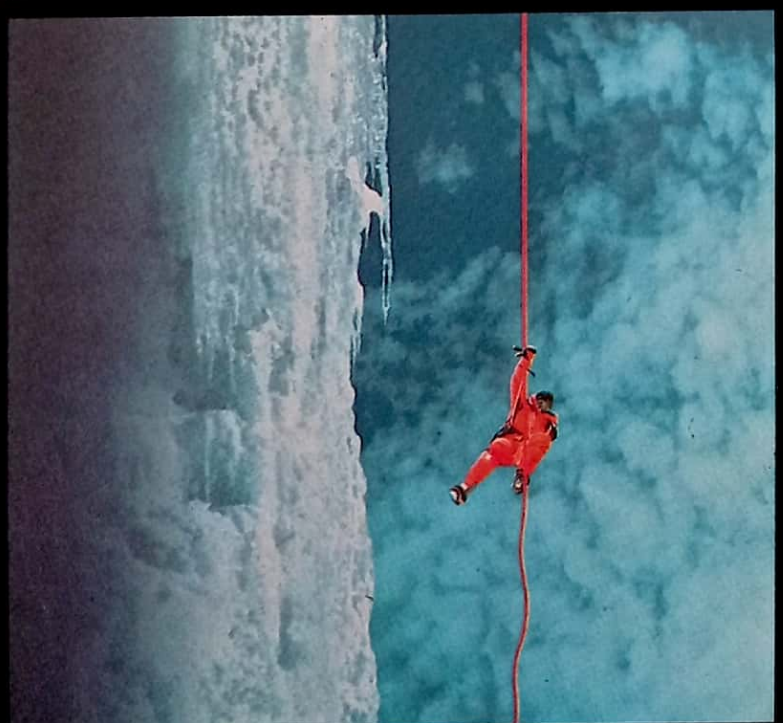
Um filme de
Louis Malle

Jeremy Irons
Juliette Binoche
Miranda Richardson

SUCESSO DE PÚBLICO E DE CRÍTICA!

IMPERDÍVEIS

Já na sua locadora dois grandes sucessos do cinema!



K2
A MONTANHA DA MORTE

MICHAEL BIEHN
MATT CRAVEN
RAYMOND J. BARRY
HIROSHI FUJIOKA
PATRÍCIA CARBONNEAU

direção FRANC RODDAM

AMERICA VIDEO

ENTRE O CÉU E A TERRA,
EXISTE A OUTRA FACE DA AVENTURA!

Imagine, leitor, que você conseguiu instalar uma câmera secreta no apartamento de Sharon Stone. Dia após dia, noite após noite, você observa os mínimos movimentos, os momentos mais íntimos da loura fatal. Excitante?

Pois foi a partir desta idéia que o produtor Robert Evans e o diretor Phillip Noyce fizeram *Invasão de Privacidade*, novo thriller erótico que tem Sharon no papel central. Projetado para repetir o êxito de *Instinto Selvagem*, o filme realizou uma façanha que parecia impossível: foi considerado muito mais selvagem que o próprio *Instinto* e entrou em rota de colisão com a poderosa MPAA (Moving Pictures Association of America), entidade que controla a "censura" nos Estados Unidos.

Remontado com cortes, o filme não agradou à crítica americana, mas conquistou boa parte do público. Afinal, quem não pagaria para ver Sharon deliciosamente nua e sexy a mercê dos voyeurs do mundo inteiro? Todas as tramas, dramas e brigas que tumultuaram as filmagens de *Invasão de Privacidade* estão nesta edição, que traz ainda fotos exclusivas de Miss Stone.

Enquanto Sharon colidia com a moral WASP, Arnold Schwarzenegger perdia a batalha para o pior e mais cruel inimigo que já havia visto pela frente: um dinossauro. As bestas pré-históricas de *Jurassic Park* transformaram em merenda *O Último Grande Herói*, sua aventura cheia de auto-ironia. Numa entrevista exclusiva para SET, o Exterminador, ainda atordoado, reflete sobre sucesso, dinheiro, fama e, naturalmente, o fracasso. Vitoriosos, os dinos digitais de Spielberg são dissecados no "Making of Jurassic Park", que mostra como foram feitos vários dos truques inventados pela Industrial Light & Magic.

Mas os fãs da demência e do underground não foram esquecidos. Acompanhamos um dia de filmagens de *Alucinação Macabra*, novo e horroroso filme de José Mojica Marins. Como se não bastasse, ainda contamos como e por que Mojica está sendo considerado um *cult-director* nos EUA, onde as fitas de Coffin Joe (Zé do Caixão) são disputadas a tapas pelos fãs do mestre.

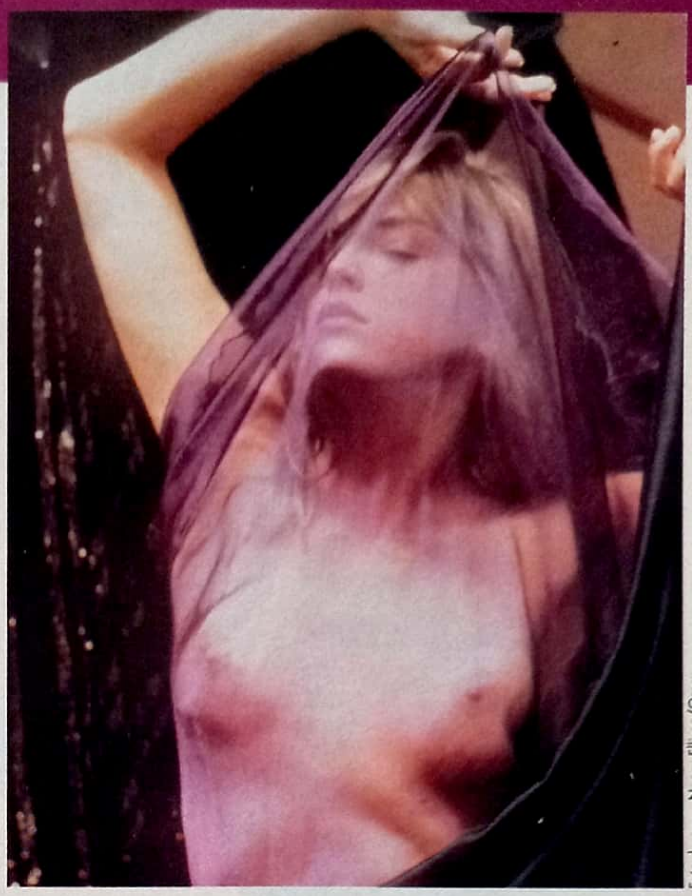


Foto de capa: Nancy Ellison/Onyx

4 TAKES
James Bond tem a licença renovada e volta à ativa

14 SHARON STONE
Sexy e louca em *Invasão de Privacidade*, o filme mais polêmico do ano

24 SCHWARZENEGGER
Arnie tenta explicar o que deu errado em *O Último Grande Herói*

31 MAKING OF JURASSIC PARK
Todos os truques do filme de Spielberg

36 ALUCINAÇÃO MACABRA
Um dia nas filmagens do novo e horroroso filme de Zé do Caixão

41 VIDEOLANÇAMENTOS
Sob o Domínio do Mal*, *Drácula de Bram Stoker*, *O Último dos Moicanos* e *Perfume de Mulher

54 NOVOS FILMES
O Último Grande Herói*, *Madadayo*, *Feita por Encomenda* e *Robocop III

58 MITO
Jean Harlow, a Vênus Platinada que abalou o cinema dos anos 30

64 CARTAS

65 FILMOGRAFIA

66 NOSTALGIA

JAMES BOND

APOSENTADORIA CANCELADA

A estréia já está marcada: final de 1994. Mas, por enquanto, isto é tudo que se sabe sobre a volta de Bond, James Bond. Afundada em dívidas, a MGM decidiu ressuscitar o agente secreto, inativo desde 1989 quando Timothy Dalton estrelou *Permissão para Matar*. Não é à toa que o estúdio deposita suas esperanças no personagem: desde a estréia, há 31 anos, foram 16 filmes e mais de dois bilhões de dólares de bilheteria mundial. Como muitos em Hollywood duvidam do sucesso de 007 nos anos 90, a MGM e o produtor Albert Broccoli planejam uma readaptação aos novos tempos. Eles contrataram o roteirista Michael France, de *Risco Total*, e garantem que o próximo filme terá muitas novidades, como por exemplo uma mudança na personalidade das mulheres que acompanham Bond – até hoje, sempre submissas e decorativas. Para colaborar, a revista americana *Entertainment Weekly* realizou uma pesquisa com alguns dos roteiristas e produtores mais em evidência no momento para descobrir o que fazer para salvar Bond. Eis algumas das sugestões apresentadas: desistir de Timothy Dalton e chamar Sean Connery de novo, colocar Connery ou Anthony Hopkins como o vilão, dar o personagem para Wesley Snipes, Ben Kingsley, Liam Neeson ou... Sharon Stone.

Universal

Rick Moranis cuida das belas pernas da duquesa Catherine Zeta Jones

HUMOR

DECADÊNCIA DO IMPÉRIO BRITÂNICO

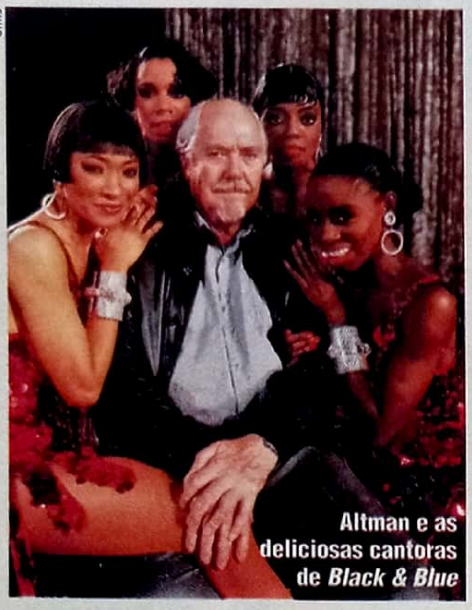
Splitting Heirs foi execrado pela crítica em Cannes, mas tem, justiça seja feita, atrativos que merecem atenção. Como, por exemplo, a deliciosa Catherine Zeta Jones (foto). A história do filme, dirigido por Robert Young, é um primor de absurdo: na década de 60, um rico casal inglês esquece o filho em uma festa. O bebê é criado por uma família paquistanesa e, adulto (Eric Idle), descobre que é, na realidade, o milionário Duque de Bournemouth. Só que seu primo americano (Rick Moranis) já tomou posse do título e das propriedades que lhe pertencem. Para dar uma força ao ex-colega *Monty Python* Idle, autor do roteiro, John Cleese faz uma pontinha.

MEG RYAN

NAMORADINHA DA AMÉRICA

Margareth Mary Emily Anne Hyra, aliás Meg Ryan, bem que poderia se candidatar ao título de Namoradinha da América. Linda, sexy e, além de tudo, engraçada, a garota está se especializando em comédias românticas ao estilo daquelas que Doris Day imortalizou ao lado de Cary Grant e Rock Hudson. O último sucesso da moça chama-se *Sleepless in Seattle*. No filme, Meg é Annie, uma jornalista que se apaixona perdidamente por um viúvo (Tom Hanks). *Sleepless* foi a grande surpresa do verão americano: faturou 17 milhões de dólares na estréia (dois a mais que o hiperbadalado *O Último Grande Herói*). Bons tempos aqueles em que Schwarzenegger tinha que se preocupar apenas com o Stallone...

Stills



Altman e as deliciosas cantoras de *Black & Blue*

MINISSÉRIE

ROBERT ALTMAN JAZZ BAND

Robert Altman (*O Jogador*) abandonou temporariamente o cinema para mergulhar de cabeça no jazz numa série para a TV americana. *Black & Blue* pretende resgatar as músicas e coreografias que faziam a cabeça dos jazzófilos que freqüentavam os legendários Cotton Club e Apollo. A trilha é de primeiríssima: tem Fats Waller, Duke Ellington e outras feras da Era do Swing. No elenco, as cantoras Ruth Brown, Linda Hopkins e Carrie Smith, mulatas nota 10 de deixar as meninas do Sargentelli morrendo de inveja.

TRIÂNGULO

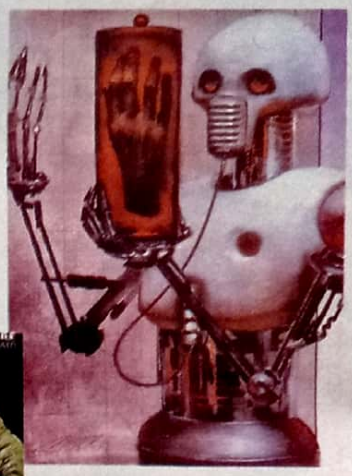
ELES SÓ QUEREM É AMAR

A deliciosa Catherine Tramell de *Instinto Selvagem* podia ter lá os seus defeitos (a obsessão por picadores de gelo, por exemplo). Mas foi ela, sem dúvida, quem oxigenou o moralista cinema americano dos anos 90. Seguindo os (maus) passos de Catherine, acaba de estrear nos Estados Unidos a comédia romântica *Three of Hearts*. Aparentemente, é mais uma história sobre um triângulo amoroso que, desde *Casablanca*, é receita garantida para o sucesso. Este triângulo, no entanto, é bem mais excitante. Connie (Kelly Lynch) transa com Ellen (Sherilyn Fenn). Ellen, entretanto, desiste de brincar de médica com a amiga e parte para outra. Connie, espertinha, contrata o scort profissional Joe (Billy Baldwin) para seduzir a ex-namorada. Os três, claro, acabam dividindo o mesmo lençol. Moderninho, né?

CARTÕES

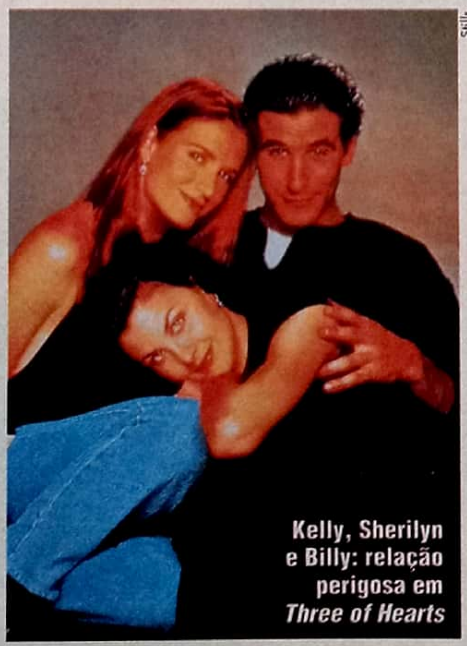
STAR WARS PELOS MAIORES ILUSTRADORES AMERICANOS

Por enquanto, nenhum sinal da segunda trilogia de *Star Wars* (o primeiro filme era o episódio seis, lembra-se?). Mas a Força está com você, leitor fanático pela *space opera* de George Lucas. A Topps, editora americana especializada em trading cards, lança este mês uma série de 140 cartões sobre o universo *Star Wars*. E o time de artistas envolvido no projeto é de deixar qualquer um babando. Veja só: Kyle Baker (desenhista da nova versão de *O Sombra* e da cultuada série *Why I Hate Saturn*), Esteban Maroto (*Cinco por Infinitus*), Howard Chaykin (*American Flagg*), Bill Sienkiewicz (*Elektra Assassina*), Steve Ditko (*Homem-Aranha,* na primeira fase) e outros, muitos outros. Procure seu importador.



Alguns dos cards da série *Star Wars*. Acima, a mão de Luke Skywalker, amputada no final do segundo filme

Stills



Kelly, Sherilyn e Billy: relação perigosa em *Three of Hearts*

TV

GLOBO USA PELÍCULA 16 MM EM NOVELAS

O cinema chegou à Globo. Ou quase. Oito cenas da novela *Renascer* foram gravadas em películas de 16 milímetros e não nas tradicionais fitas de vídeo. Embora a prática seja rara no Brasil, as películas são comuns nas produções das grandes redes de TV mundiais. É por isso que os filmes americanos, mesmo quando feitos para televisão, têm qualidade de imagem superior às telenovelas tropicais. Espera-se que a experiência seja levada adiante. Afinal, é a parceria com a TV que está salvando o cinema inglês e francês, por exemplo, da extinção. Vários filmes são lançados simultaneamente em cinema e TV (ou em TV no mercado interno e em cinema no externo). É claro que, antes disso, é preciso uma certa oxigenação nas redes brasileiras, que têm o péssimo hábito de produzir seus shows em vez de comprá-los de produtores independentes.

ALPHA FILMES

INFINITAMENTE SEMPRE O MELHOR PARA SUAS EMOÇÕES!

UM ASSASSINO PSICOPATA, UM PREDADOR A SANGUE FRIO,
A PERFEITA ENCARNAÇÃO DE UM PESADELO.

BRYAN DENNEHY

(Rambo-Programado para Matar, O Mistério no Parque Sonho, Perigosamente Juntos, F.X. I e II)

A implacável força da justiça se torna a única esperança
quando o horror da tortura
provocada por uma monstruosa série de assassinatos,
explode num calmo e pacato bairro.

POLICIAL
PRODUÇÃO 1992

ele agora é um...

ASSASSINO Por NATUREZA

Baseado em fatos reais.

com

MARGOT KIDDER (Irmãs Diabólicas, Superman I, II, III e IV, Morte no Cinema)

e

MEG FOSTER (O Poderoso Chefão II, Mestres do Universo, A Floresta de Esmeraldas, Projeto Mortal)

BRYAN DENNEHY, MARGOT KIDDER e MEG FOSTER em "TO CATCH A KILLER"
estrelando MICHAEL RILEY, MARTIN JULIAN, DAVID EISNER, SCOTT HYLANDS
e MARK HUMPHREY escrito e dirigido por ERIC TILL.

Rua Mauá, 836 - casa 18
Sta. Efigênia - 01028-000 - São Paulo SP
Telefones: (011) 229-3864 - 229-0240 - 228-2230
Fax: (011) 227-1957

ALPHA FILMES

GAMES

SPIELBERG CRIA JOGO

Steven Spielberg parece não ter mais onde colocar sua imaginação: agora ele está começando uma carreira como inventor de videogame. O jogo, feito para ambiente PC, se chama *The Dig*, e se passa em 1998. Além de ter tido a idéia, Spielberg foi co-autor da história sobre a tripulação de uma nave espacial que recebe a missão de evitar que um asteróide gigante se choque com a terra. O game vai ser lançado pela LucasArts, empresa do colega cineasta George Lucas. O lançamento, nos Estados Unidos, está marcado para os próximos meses. Procure seu importador.

DIVINA COMÉDIA

CHUCK NORRIS CONTRA O CAPETA

Stills

Chuck e o parceiro Calvin Levels tentando armar alguma pro demo

Os trogloditas estão mesmo em extinção. Depois de Sylvester Stallone renovar sua imagem com o alpinista desarmado de *Risto Total* e Schwarzenegger dar um tempo na truculência em *O Último Grande Herói*, chegou a vez de Chuck Norris retocar a maquiagem. Em *Hellbound*, seu novo filme, o jeca carateca não distribui coices e pontapés gratuitamente: ele enfrenta o próprio demônio. Chuck é um policial que, com seu parceiro Calvin Levels, investiga uma série de assassinatos. O problema é quem comete os tais crimes é um diabo que saiu da idade média para infernizar os Estados Unidos. Só falta agora o Steven Seagal fazer Shakespeare.

R.I.P.

FRED GWYNNE E CURLY JOE

Fred e Gary Owens numa cena do cultuado *Os Monstros*

Apesar de uma carreira que começou na Broadway nos anos 40, Fred Gwynne sempre foi lembrado pelo papel de Herman Monstro no seriado para a TV *Os Monstros*. Seu último trabalho de sucesso foi o de um juiz no filme *Meu Primo Vinny*, no ano passado. Gwynne tinha 66 anos e sofria de câncer no pâncreas. Ele morreu em sua casa em Baltimore, no dia 2 de julho.

Joe Derita era o último integrante dos Três Patetas ainda vivo. Ele entrou para o grupo em 1959, assumindo o personagem Curly Joe. Derita morreu vítima de pneumonia, aos 83 anos, um dia depois de Gwynne. Ele estava internado no hospital dos Artistas de Hollywood havia dois anos, por causa de um derrame.

TRAILER

BREVE NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

Stills

Ao mesmo tempo em que trabalhava em Nova York nas filmagens de *Carlito's Way*, **AL PACINO** mantinha encontros com o diretor Jamie Foley para acertar uma nova parceria. Os dois, que já trabalharam juntos no ano passado em *O Sucesso a Qualquer Preço*, vão agora fazer *Two Bits*, um drama passado durante a Depressão do final da década de 20.

O novo projeto de **PEDRO ALMODOVAR** parece ser mais uma típica produção do diretor espanhol. "É um filme maluco com mulheres emocionalmente perdidas, seres humanos deslocados e todo tipo de gente com veneno em suas entranhas e uma forte inclinação para vomitar", afirmou Almodovar. *Kika*, que será o décimo longa-metragem do diretor, terá no elenco o americano **PETER COYOTE**.

LFI

Estava demorando muito: a Paramount já tem tudo planejado para fazer uma seqüência de *Top Gun*. Tudo vai depender, é claro, de **TOM CRUISE**, que ainda não topou, mas não tem nenhum filme agendado para os próximos meses.

BRUCE WILLIS parece decidido a se recuperar dos seus últimos fracassos da maneira mais segura possível: está analisando dois roteiros para voltar a interpretar o tira John McLane. *Especula-se que se ele gostar dos dois poderemos ter não apenas Duro de Matar III*, mas também um *Duro de Matar IV*, que seria rodado ao mesmo tempo, para baratear a produção. Caso isso se concretize, Willis deve ganhar um cachê em torno de US$ 18 milhões.

ROBERT ALTMAN vai rodar em 1994 uma versão para a peça teatral gay *Angels in America*, vencedora da maioria dos prêmios Tony deste ano. O filme vai consumir US$ 26 milhões e só começa no ano que vem porque Altman está com a agenda lotada de compromissos, entre eles a produção de *Mrs. Parker and the Roundtable*, um filme independente sobre Dorothy Parker a ser dirigido por Alan Rudolph.

CHRISTIAN SLATER e **JOE PESCI** (foto) participarão do próximo longa-metragem de Barry Levinson. Ainda sem título, o filme será uma comédia do tipo *O Gordo e o Magro*.

Reuters

CONHEÇA O PERFUME RESPONSÁVEL POR GRANDES CONQUISTAS.

Z-Y-Denison

PERFUME DE MULHER foi feito para conquistar. Começou como um premiado clássico do cinema italiano. E se transformou numa excelente versão americana que superou todas as expectativas de público e crítica, conquistando 3 GLOBOS DE OURO e mais três indicações para o OSCAR, com Al Pacino recebendo Prêmio de Melhor Ator. Como se não bastasse, também foi uma das maiores bilheterias deste ano aqui no Brasil. Mas para o sucesso de PERFUME DE MULHER ser completo ainda está faltando conquistar o principal: você. Passe na sua locadora e deixe-se seduzir.

UNIVERSAL

Uma cena de *Happily Ever After*, que promete ser a picaretagem do ano

Stills

DESENHO DOS X-MEN CHEGA AO BRASIL ESTE ANO

Boas novas para os X-maníacos: a Fox já detém os direitos dos X-Men e pretende transformá-los em filme até 94. Para a direção, o mais cotado é Richard Doner, de *Máquina Mortífera*. Enquanto esperam, os fãs brasileiros da série poderão se divertir com os desenhos animados – nos EUA eles são campeões de audiência – que foram comprados por uma TV brasileira e chegam aqui no segundo semestre.

Outra novidade: a versão *live-action* do Homem-Aranha finalmente sairá do limbo. Previsto para 85, o filme terá, como se sabe, direção de James Cameron. Para o papel de Peter Parker – surpresa! – os mais cotados são Emilio Estevez e Tom Cruise. Arnold Schwarzenegger está sendo sondado para fazer um dos vilões. Como se não bastasse, em março de 94 chegará à TV americana uma nova série de desenhos animados com o personagem.

Os mutantes da Marvel vêm aí

BRANCA DE NEVE 2 – A REVANCHE

Walt Disney deve estar rolando na câmara criogênica. O obscuro diretor John Howley resolveu produzir uma espécie de *Branca de Neve 2 – A Revanche*. O filme de animação chamado *Happily Ever After*, com roteiro de Martha Moran e Robby London, retoma a história da princesinha albina logo após seu casamento com o Príncipe Encantado. A Madrasta Malvada entra em cena novamente e dá sumiço ao marido da moça. Auxiliada pelos sete anões, Branca de Neve parte em busca do príncipe. Tirem o Walt da geladeira, por favor!

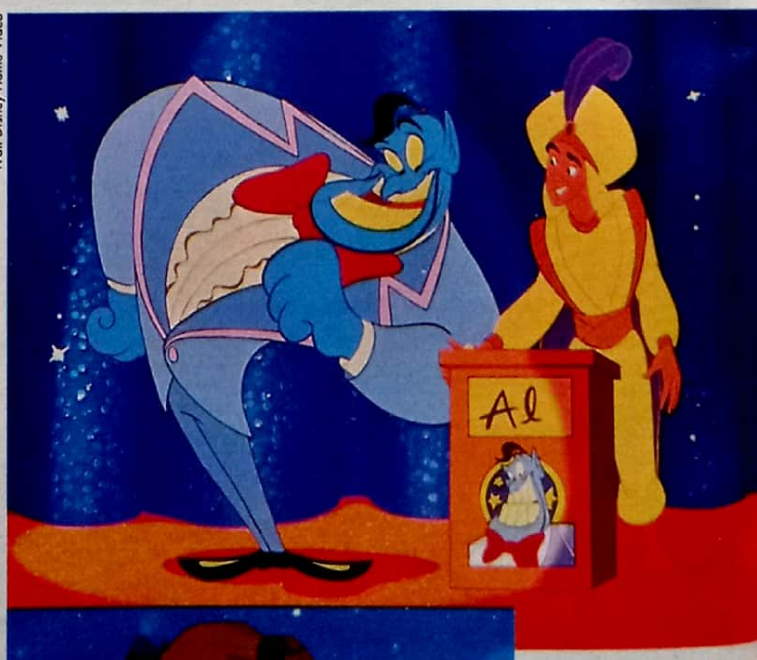
ALAN MENKEN

EM TIME QUE GANHA NÃO SE MEXE

Vencedor de seis Oscar com os desenhos *A Bela e a Fera*, *A Pequena Sereia* e *Aladdin*, Alan Menken já está escalado para fazer a trilha sonora do próximo longa-metragem de animação da Disney. *Pocahontas* vai se basear na história verídica de uma índia americana que se apaixonou pelo explorador inglês John Smith. "Uma das imagens clássicas desse romance é a de Pocahontas se atirando na frente do machado que vai cortar a cabeça do explorador. Basicamente, o filme é uma história de amor do tipo Romeu e Julieta, mostrando o encontro de duas culturas diferentes", disse Menken à SET. O compositor e músico norte-americano, que tem um contrato de exclusividade com a Disney para trabalhos em cinema, atua em várias áreas: está trabalhando numa adaptação de *A Bela e a Fera* para a Broadway e planeja lançar uma carreira como músico pop, tocando piano e teclados com uma banda. "Não quero me tornar um rock star, mas gostaria de me apresentar para o público, dissociando um pouco meu trabalho da Disney." O estilo de Menken no palco, como seria de se esperar, será bem família: vai seguir a linha de Billy Joel e Elton John.

Walt Disney/Robert Isemberg

Walt Disney Home Video



Warner

Menken: banda de rock família depois do sucesso de *Aladdin* (acima) e *A Bela e a Fera*

THE ONE

Uma nova era em imagem e som.

CÂMERA

VHS-C
NV-S500 PN(*)
NV-G200 PN

MULTI LASER DISC PLAYER

LX-K700(*)
LX-101

VIDEOCASSETE
NV-J48BR(*)

TELA SUPERPLANA

A tela de THE ONE é 30% mais plana que a dos modelos convencionais. Isto permite que você tenha um maior campo de visão e possa apreciar imagens nítidas de qualquer ângulo.

TELA NEGRA

Com mais de 750 linhas de resolução, a série THE ONE consegue um grande realismo nas imagens. Graças aos pigmentos negros no vidro da tela, a reprodução dos tons escuros também é mais realista, com uma melhora de 46% no contraste.

OBRA DE RITA QUEIROZ

SISTEMA DE SOM DE ALTA QUALIDADE

No exclusivo New Dome Sound Stereo System/Surround System, as caixas acústicas estão dentro do gabinete e envolvem o tubo de imagens. Isto proporciona um som ambiente mais rico, como no cinema, com graves mais profundos, médios e agudos cristalinos.

Modelo TC-33V2L
(com sistema "PinP")

A Panasonic produz seus televisores como quem cria uma obra de arte. Ela busca expressar todo o seu talento para emocionar uma pessoa verdadeiramente especial: você. THE ONE reúne uma série de características que o fazem único no mercado. Ele possui um design arrojado e os mais sofisticados recursos de áudio e vídeo.
Conquiste este privilégio.

THE ONE

CONTROLE REMOTO MULTIFUNCIONAL

Para operar, ao mesmo tempo, o televisor e a maioria dos videocassetes Panasonic.

THE ONE
TC-29V2L (29")
TC-33V2L (33")

Panasonic

(*) À venda na Zona Franca de Manaus
Produtos importados

Representam um terço da população
Você teria coragem de fazer

Toda quinta-feira o Estadão publica um suplemento voltado exclusivamente para o público jovem: o Cola. Aqui você encontra desde as últimas novidades em comportamento (assuntos como sexo, música, família e moda) até orientações para quem está se preparando para o mercado de trabalho. Só que partindo do seguinte princípio: jovem é quem tem menos idade, não menos QI.

E, ainda na quinta, o público em geral encontra o polêmico e contundente Paulo Francis no seu Diário da Corte, direto de Nova Iorque. Onde, além de crônicas sobre essa metrópole mundial, ele faz comentários sobre a economia e a política nacional.

o, curtem trash e andam em turma. um caderno qualquer para eles?

*Circulação somente na Grande São Paulo, de 3ª a sábado.

Também vai encontrar ótimos negócios nos Classificados do Estadão, os mais confiáveis. E terá em mãos, com total exclusividade, as colunas de Joelmir Beting e Sonia Racy no Caderno Economia & Negócios e Cristiana Lôbo na Coluna do Estadão.

Agora, se ainda com tudo isso você ler outro jornal, você é mesmo muito corajoso.

CADERNOS E SUPLEMENTOS QUE CIRCULAM TODAS AS QUINTAS-FEIRAS:		
Primeiro Caderno	Cidades	Caderno 2
Economia & Negócios	Esportes	Classificados
Empresas*		Cola

ESTADÃO
É muito mais jornal.

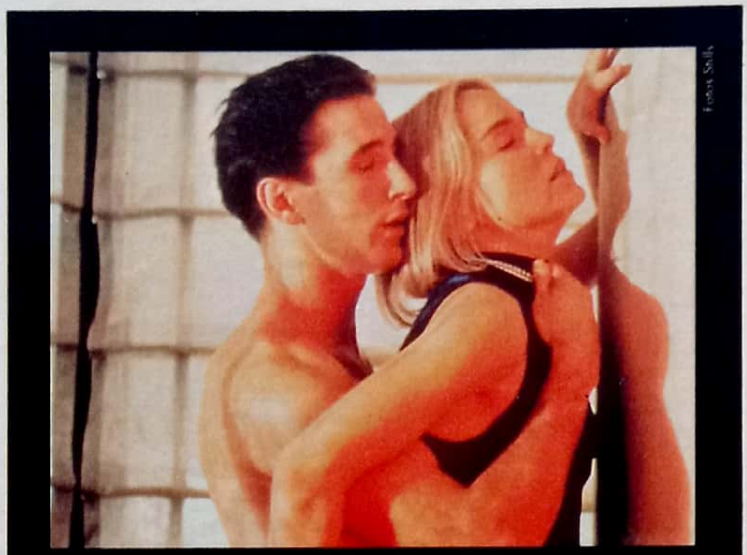
o diabo na carne de MISS STONE

Projetado para repetir o êxito de *Instinto Selvagem*, *Invasão de Privacidade* decepciona a crítica mas conquista o público com uma Sharon Stone nua, carente e diabolicamente sexy

Sharon Stone está um pouco nervosa. A cena que deve fazer é uma das mais importantes de *Invasão de Privacidade*: Ela tem que tirar as calcinhas no meio de um restaurante – e o local não está propriamente vazio. Diante da hesitação da atriz, William Baldwin, co-star do thriller erótico mais polêmico do ano, fala alto, para que todos no estúdio da Paramount possam ouvi-lo: "Não sei qual é o problema. Eu e o resto do mundo já vimos isso. E não é grande coisa".

A cena, embora não registrada em celulóide, define bem o clima que cercou a realização do filme do diretor australiano Phillip Noyce. Como se não bastasse, *Invasão de Privacidade* – projetado para repetir o êxito de *Instinto Selvagem* – trombou de frente com a censura americana. A sensualidade explícita do roteiro foi minimizada e as intrigas de bastidores acabaram se mostrando bem mais interessantes que o próprio filme.

As relações pouco amistosas entre Baldwin e Sharon começaram, aparentemente, de maneira idiota: um desastrado pisão que ele teria dado no pé da moça. As hostilidades progrediram rapidamente. Segundo Sharon, complicaram-se ainda mais porque ela se recusou a lhe dar um beijo de despedida depois de uma noite em que saíram juntos. Baldwin negou a história e deu o troco com a sutileza de um Jece Valadão. Depois de beijar a atriz em cena, comentou com um assistente: "Lábios finos, hálito OK".



William e Sharon, acima, numa das cenas mais polêmicas de *Invasão*. Abaixo, Berenger que tentou manter o astral no set, apesar das brigas e confusões

O mais irônico é que Sharon e o diretor Noyce foram os responsáveis pela escolha de William Baldwin para o papel (River Phoenix era um dos candidatos). A decisão, porém, teve lá suas razões. William está cotado para figurar em breve no primeiro time dos atores de Hollywood – superando até Alec, o irmão mais famoso. E ele sabe disso. Tanto que ficou extremamente ofendido quando soube que teria de fazer um teste para o papel. O produtor Robert Evans trouxe-o de volta à terra: "Se até Marlon Brando fez teste para *O Poderoso Chefão*, você também pode". A guerra das estrelas foi inevitável.

Antes que o clima ficasse insuportável e contagiasse toda a equipe técnica, Evans chamou Sharon e William para conversar sobre a importância de um bom ambiente de trabalho. O puxão de orelhas, no entanto, não melhorou o relacionamento.

Apenas Tom Berenger, o principal coadjuvante, era uma ilha de tranqüilidade nesse maremoto de problemas. Desde o começo dos trabalhos, Sharon criou com ele um clima de simpatia e admiração.

Durante um intervalo das filmagens, quando Berenger dava uma entrevista para a equipe que fazia o *making of*, Sharon foi advertida porque estava falando alto e atrapalhando a gravação. Ela se levantou, caminhou até Berenger e, sem nenhuma palavra, sentou-se no colo dele. Berenger continuou falando. Sharon recorreu a seu arsenal fatal: balançou os cabelos e abraçou o ator, gemendo. Ele não deu o braço a torcer e não parou de falar. Sharon, então, virou a bunda para a câmera e se colocou de joelhos no seu colo. Berenger desistiu e caiu na gargalhada.

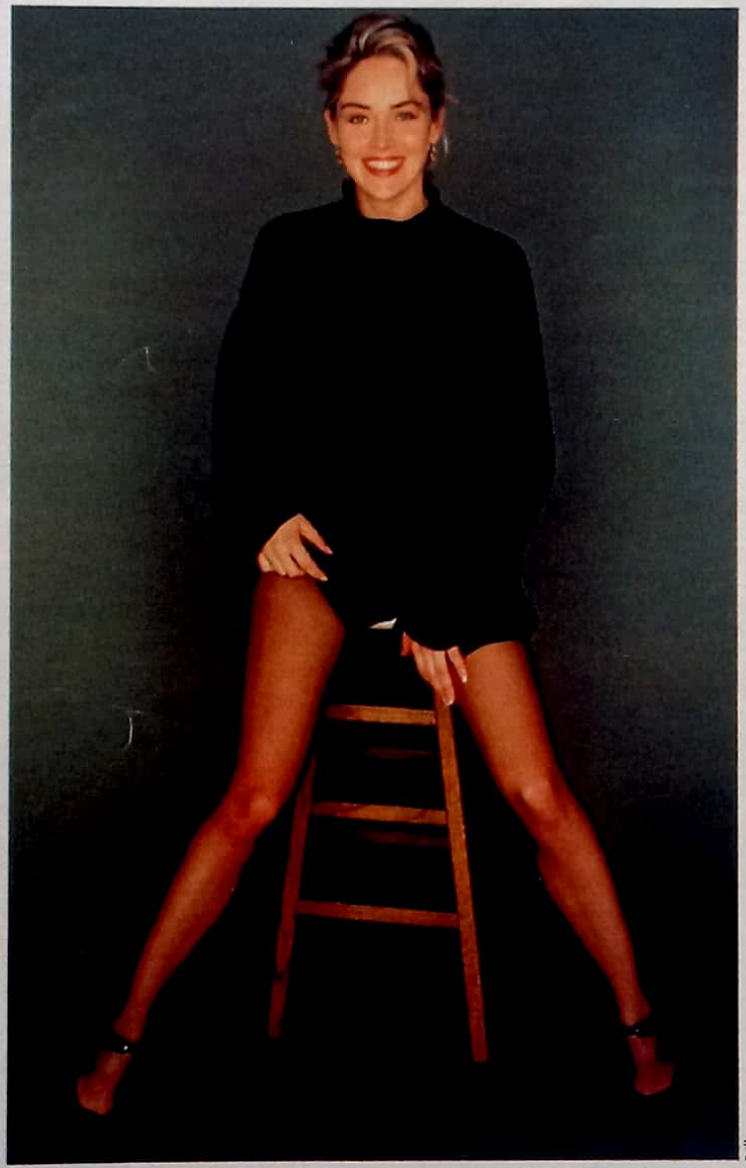
A briga Sharon X William era apenas um *preview* das dores de cabeça que Robert Evans teria. Quando *Invasão de Privacidade* finalmente ficou pronto, a Motion Picture Association of America resolveu catalogar o filme com um temido "NC-17" (*No Children under 17*, rigorosamente proibido para menores de 17 anos), potencialmente perigoso para seu desempenho nas bilheterias. Começaram, então, exaustivas e tensas negociações envolvendo a Paramount, Evans, Noyce e a MPAA para que o filme fosse classificado como "R" (*restricted*, liberado para menores desde que acompanhados dos pais). Noyce foi obrigado a fazer 110 mudanças no filme para conseguir o desejado "R". Uma cena em que Baldwin aparece por trás de Sharon foi examinada mais de vinte vezes pela MPAA até ser aprovada (a solução encontrada

GUESS

para evitar o corte foi escurecer a imagem).

No final, além das mudanças negociadas, foram tirados do filme quase todos os nus frontais masculinos (sobrou apenas um, discreto), um take em que aparece uma mulher com um vibrador e dez *frames* (um terço de segundo) da bunda de Sharon. A pressão foi tanta que Evans foi parar duas vezes no hospital com problemas no coração.

E não é para menos. Aos 62 anos, Robert Evans vê em *Invasão de Privacidade* a sua última chance de recuperar o prestígio. Produtor de *O Poderoso Chefão I* e *II*, *O Bebê de Rosemary*, *Chinatown* e *A Maratona da Morte*, Evans caiu em desgraça depois do fracasso de *Cotton Club* e de uma condenação por posse de cocaína, além dos respingos que recebeu quando uma ex-namorada foi presa por assassinar um outro produtor de *Cotton Club*. *Invasão de Privacidade* era, por tudo isso, bem mais que um simples filme. Era a chance que Evans tinha de sair das páginas do *National Inquirer* e voltar para o *Variety*.



Stills

A história do filme é baseada no livro de mesmo nome escrito por Ira Levin. Como Evans e Levin já se conheciam – ele também é o autor de *O Bebê de Rosemary* –, o produtor conseguiu comprar os direitos para filmar a obra por menos de US$ 500 mil, uma pechincha no inflacionado mercado de histórias originais em Hollywood. A seguir, Evans tentou repetir o time de *O Bebê de Rosemary*, convidando Roman Polanski para dirigir o filme. Isto, porém, impossibilitaria que a produção fosse realizada nos Estados Unidos – Polanski não pode entrar no país sob pena de prisão, depois que foi condenado por ter seduzido uma menor em 1977.

Como a Paramount decidiu priorizar o projeto (a produção foi orçada em US$ 33 milhões e há quem diga que ultrapassou a casa dos US$ 50 milhões) e tocá-lo o mais rápido possível, Evans acabou escolhendo Phillip Noyce para a direção, que já havia mostrado talento com *Dead Calm*, produção australiana que lançou Nicole Kidman, e competência com *Jogos Patrióticos*.

Sem Polanski, Evans tentou uma nova cartada. Com menos de US$ 1 milhão, conseguiu atrair o roteirista Joe Eszterhas, de *Instinto Selvagem*, para adaptar o livro de Levin. Outra pechincha, já que Eszterhas costuma cobrar o triplo para escrever um roteiro. Na hora de escolher o elenco as coisas se complicaram. Sharon Stone estava no auge do sucesso depois do êxito de *Instinto* e era assediada por todos os estúdios de Hollywood. "Hoje em dia, eles me pagarão para interpretar qualquer coisa que eu queira, até Lassie", resumiu ela com precisão numa entrevista para a *Movieline*.

Preocupado, já que estava próximo à data-limite para início das filmagens (13 de outubro de 92), Evans resolveu apelar: disse a Sharon que Demi Moore estava tão interessada em *Invasão de Privacidade* que Bruce Willis dispunha-se a trabalhar de graça no filme para que a esposa conseguisse o papel. Sharon não se comoveu. Evans partiu para a provocação. Disse que Geena Davis – uma das atrizes cortejadas (e que não topou o assédio) para *Instinto Selvagem* – estava pronta para começar a filmar na segunda-feira seguinte. Deu certo. Sharon assinou contrato por US$ 2,5 milhões, mais uma porcentagem da bilheteria.

Uma das razões que faziam a atriz hesitar é que a personagem guardava várias semelhanças com a que interpretara em *Instinto Selvagem*. De fato, sua personagem em *Invasão de Privacidade*, Carly Norris, é bem parecida com a perigosa Catherine Tramell. Catherine era escritora, Carly é uma editora de livros. Catherine era a suspeita de um assassinato e tinha uma vida sexual de deixar atrizes *x-rated* ruborizadas. Carly, ao se separar do marido, muda-se para um prédio, e é arrastada para dentro de um turbilhão de assassinatos e voyeurismo, através do envolvimento com os vizinhos Zeke Hawkins (Baldwin), um homem mais jovem do que ela, e o cínico escritor de histórias policiais Jack Lansford (Tom Berenger).

A trama, porém, caminha em outra direção. Seu combustível são as câmeras secretas espalhadas por

Nancy Ellison/Onix

todos os apartamentos para servir a propósitos "voyeurísticos".

Sharon conta que o que a atraiu para o papel foi a possibilidade de mostrar a sexualidade das mulheres através do ponto de vista feminino, algo que considera raro no cinema americano. Mas ela reavaliou seus conceitos e não gostou nada do resultado final.

Até o bom humor de Tom Berenger foi por água abaixo no final da maratona quando o diretor Noyce o chamou para fazer *reshoots*. Depois que as quinze semanas de filmagens terminaram, em fevereiro deste ano, Noyce e Evans ficaram assustados com a reação da platéia na exibição-teste. Não houve entusiasmo, as cenas que deveriam ser picantes foram consideradas "infantis" e ninguém gostou do final, em que não havia punição para os criminosos. Imediatamente, pensaram em cinco novos desfechos e Noyce pediu a Berenger e à atriz Polly Walker que posassem para algumas fotos em poses sado-masoquistas. Berenger perdeu a paciência: "Eu não sou seu escravo! Você criou armadilhas para mim! Vou te obrigar a cumprir o contrato!" E acabou não posando.

Quando *Invasão de Privacidade* finalmente chegou às telas americanas em maio, a reação foi quase unanimemente negativa. Brian Lowry, do trade paper *Variety* – um dos diários que falam de Hollywood para Hollywood – declarou-se rigorosamente desapontado com o filme: "Depois de toda a badalação quanto à sexualidade incontida que apresentaria, *Invasão de Privacidade* demonstra que não passa de um filme ostentoso, mas sem calor". A revista *Entertainment Weekly*, geralmente caridosa, jogou mais areia em Miss Stone: "Será que Sharon Stone é capaz de ter algum impacto fora dos thrillers sexuais medíocres?", perguntou o semanário.

Fotos Stills

Berenger: poses sadomasô, nem pensar!

Apesar de todos os problemas e de não ter cumprido a promessa de "romper barreiras" no campo da ousadia, *Invasão de Privacidade*, em três semanas, fez 30 milhões de dólares, bem mais que *Dragão: A História de Bruce Lee* ou *Posse*, por exemplo, lançados no mesmo período. A cifra, porém, está bem longe dos valores que a Paramount pretendia arrecadar. Espera-se, agora, que o prejuízo seja recuperado quando *Invasão de Privacidade* for lançado em video-cassete (com todas as cenas cortadas, claro). Afinal, quem não pagaria para ver, no aconchego do lar, Sharon Stone nua se masturbando na banheira? Miss Stone, em bons ou maus filmes, continua sendo o alvo predileto dos vouyers cinéfilos.

Sem tesão e sem tensão

Remodelado para agradar a gregos e troianos, o filme cumpre muito pouco do que promete

Daqui para frente, quando alguém disser "Frankenstein", talvez não esteja se referindo à criação de Shelley, mas a *Invasão de Privacidade*, o thriller pretensamente sexual estrelado pela louraça fatal Sharon Stone. A viagem que a história fez das páginas do livro de Ira Levin para o filme do diretor Phillip Noyce (*Jogos Patrióticos*) teve tantos percalços e mudanças que pouco ou nada sobrou do tema sombrio e claustrofóbico (ainda que não necessariamente muito mais eletrizante) do original.

No afã de atender aos desígnios de uma platéia que assistiu a uma exibição-teste de *Invasão de Privacidade* e não gostou do que viu, os realizadores picotaram tanto a narrativa e inseriram tantos trechos refilmados que mudaram substancialmente o final. E, ainda assim, a produção não melhorou. No filme, o verdadeiro assassino das jovens moças louras que vão morar no edifício Sliver – entre elas a editora de livros Carly Norris (Sharon Stone), a possível próxima vítima – não é o mesmo do livro. A tensão do convívio assumido de Carly com o criminoso (que ela descobre rapidinho no livro), a maneira como ela se sente atraída pela mente doentia dele, e a resolução triunfal, onde ela mesma se desencumbe dele na boca de um vulcão, inexistem no filme.

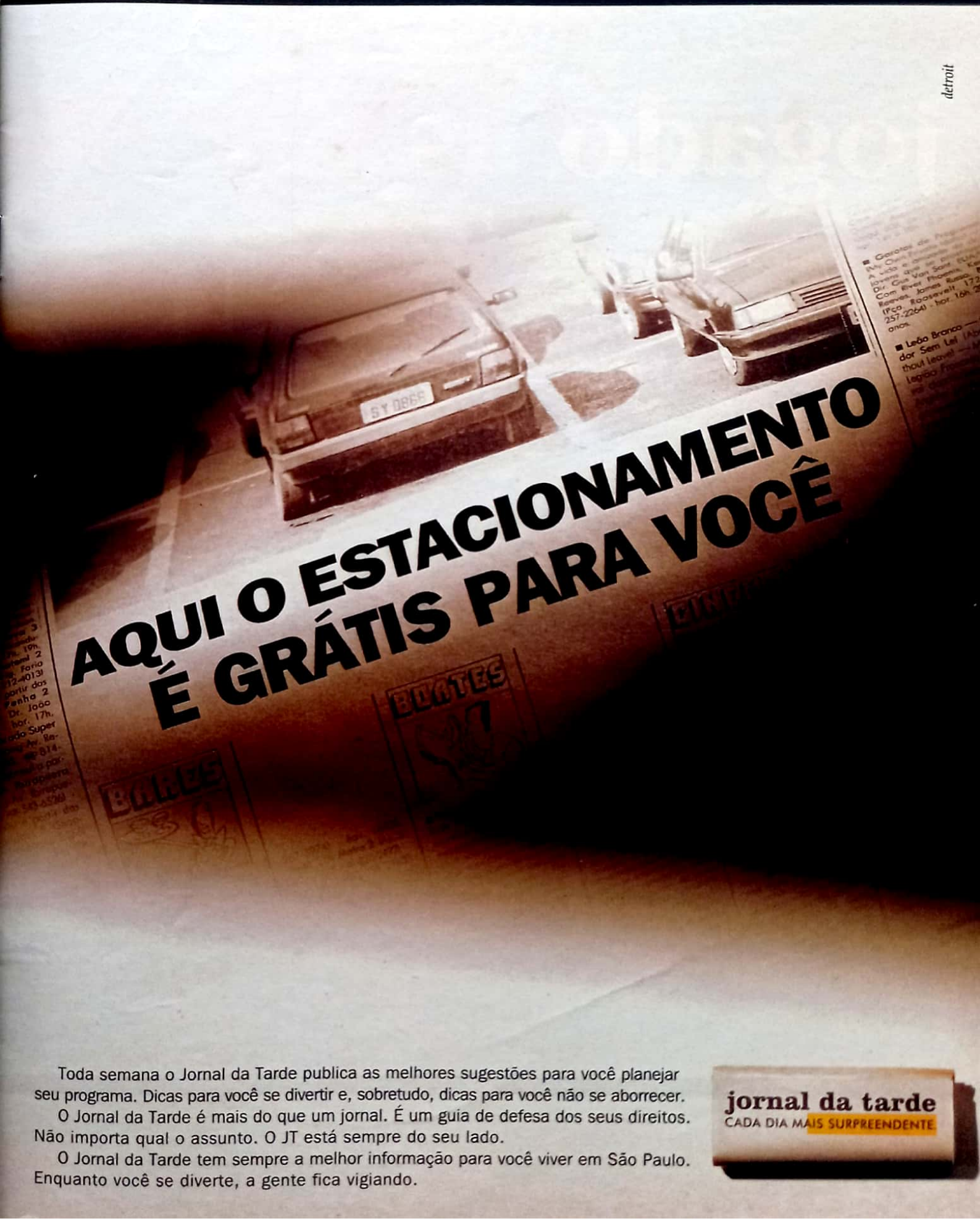
Além disso, a promessa de sexualidade – um ponto de marketing superalimentado ao ponto da vulgaridade hoje em dia em Hollywood – nem é cumprida. Descontada uma cena de masturbação no chuveiro (que mão ela estaria usando, uma vez que as duas parecem desocupadas o tempo todo? Huuumm...), Stone e seu par romântico William Baldwin (vítima da mesma Síndrome do Biquinho Incansável de que sofre o irmão Alec) jamais chegam a sequer provocar faíscas, quanto menos levantar a temperatura do cinema.

José Emílio Rondeau

Noyce ensina Baldwin e Miss Stone a se comportarem diante das câmeras

ESTE É O JOGO: VOCÊ NÃO PODE APROVEITAR A NOITE SEM ANTES ABRIR A CARTEIRA PARA OS GUARDADORES DE CARRO.

SE VOCÊ NÃO CONCORDA COM AS REGRAS, LEIA O JORNAL DA TARDE.



Toda semana o Jornal da Tarde publica as melhores sugestões para você planejar seu programa. Dicas para você se divertir e, sobretudo, dicas para você não se aborrecer.

O Jornal da Tarde é mais do que um jornal. É um guia de defesa dos seus direitos. Não importa qual o assunto. O JT está sempre do seu lado.

O Jornal da Tarde tem sempre a melhor informação para você viver em São Paulo. Enquanto você se diverte, a gente fica vigiando.

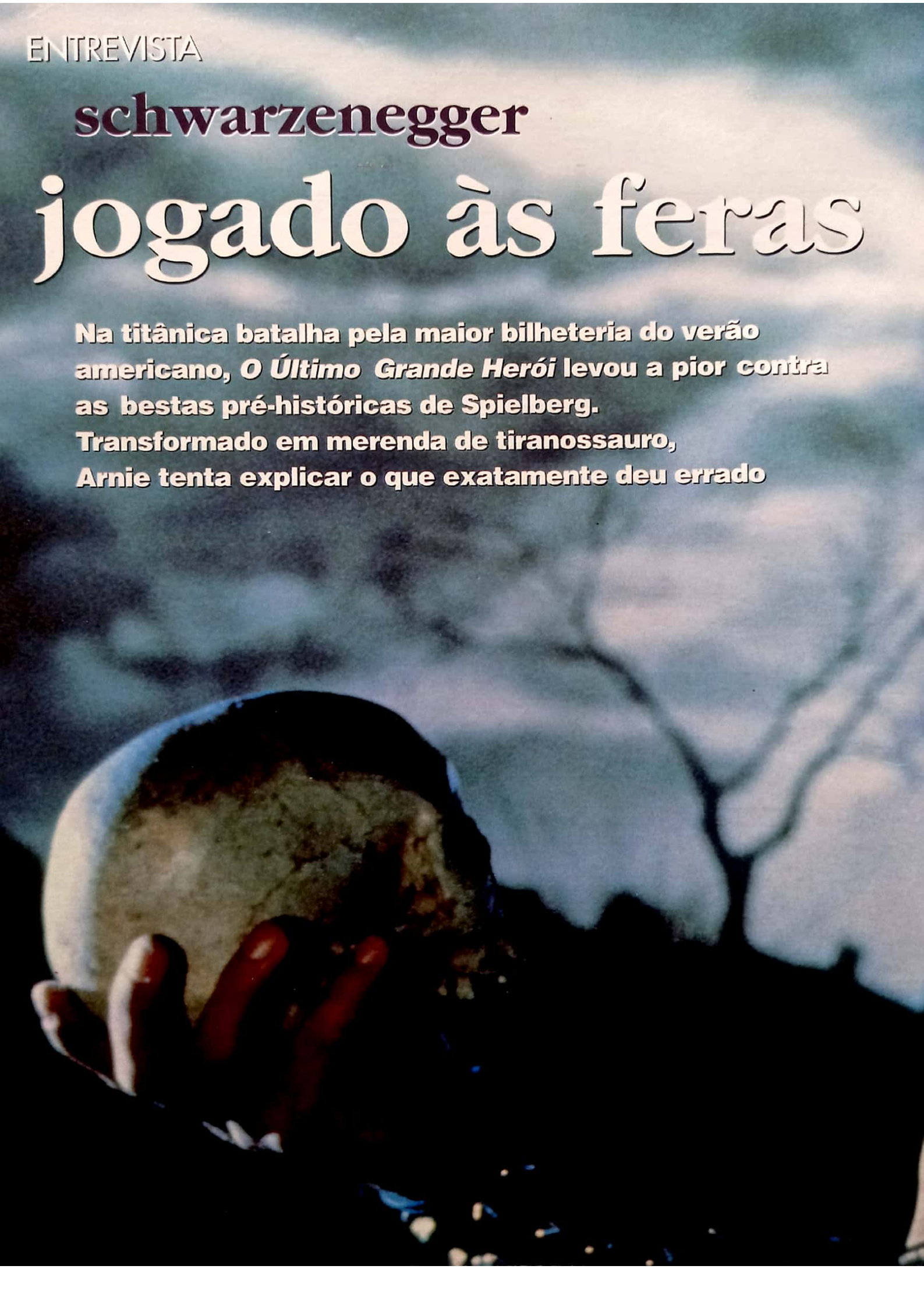
jornal da tarde
CADA DIA MAIS SURPREENDENTE

ENTREVISTA

schwarzenegger

jogado às feras

Na titânica batalha pela maior bilheteria do verão americano, *O Último Grande Herói* levou a pior contra as bestas pré-históricas de Spielberg. Transformado em merenda de tiranossauro, Arnie tenta explicar o que exatamente deu errado



Fotos Columbia Tri-Star

schwarzen

"O que aconteceu?", indagava o jornal *The Los Angeles Times* uma semana e meia após o lançamento de *O Último Grande Herói* nos Estados Unidos. Essa pergunta do jornal era a mais ouvida em Hollywood durante o mês de junho, quando todos tentavam entender exatamente como e por que um filme estrelado por Arnold Schwarzenegger - o homem mais bem pago da indústria, com cachês já passando dos 15 milhões de dólares - havia dado chabu. Em sua segunda semana de exibição - o período crucial, depois que os fãs de carteirinha já assistiram ao filme e deixaram vagas as cadeiras para os freqüentadores "normais" - *O Último Grande Herói* havia acumulado uma renda inferior a 30 milhões de dólares. E apresentava um declínio de público próximo a 50% em relação à estréia, sinais de que o filme não tinha mais tanto futuro pela frente.

E o que aconteceu para provocar tamanho fracasso? Segundo o jornal, uma combinação letal de ego, falta de sensibilidade e pressa. Ultrabadalado desde o início de sua produção em outubro de 1992, escrito e reescrito por mais de seis roteiristas diferentes (dos quais apenas quatro são creditados), mudado regularmente ao longo das filmagens conforme as determinações de Arnold (que, estreando como produtor executivo, interferiu até no design do poster do filme), *O Último Grande Herói* já chegou às telas com vários problemas: é caríssimo (entre 70 e 80 milhões de dólares), fora de hora (quis bater de frente com os dinossauros e Steven Spielberg e virou merenda de T. Rex), todo remendado e, aqui o golpe fatal, antipatizado. De grande herói imbatível nas bilheterias e amigo do ex-presidente George Bush, Arnold se transformou num republicano arrogante que representa tudo o que havia de errado na Hollywood perdulária e elefantina dos anos 80. Nesta entrevista em três atos – o 1°, em Cannes; o 2°, no hotel Four Seasons, em Beverly Hills; o 3° e último, em Santa Mônica, tomando café da manhã no Schatzi On Main, restaurante do astro – Schwarzie fala sobre sucesso, fracasso, dinheiro e, claro, cinema.

primeiro ato
Adeus às Armas

Nosso herói se desvencilha de sessenta entrevistas num só dia. Esta é uma delas, realizada no final da tarde de maio que precedeu ao lauto rega-bofe promovido pela Columbia Pictures no luxuoso Hotel Du Cap para recepcionar dignatários da indústria e da imprensa. Cannes, a essa altura, estava literalmente "invadida" por Schwarzy (assim mesmo, com "y", o apelido dado pelos franceses) e pelos bonecos infláveis que anunciavam à Croisette a chegada iminente de *O Último Grande Herói*. Com uma camiseta do filme e de bermuda, absolutamente calmo, Arnold enfrentou as perguntas com bom humor e extrema autoconfiança.

Desde hoje cedo você está enfatizando que *O Último Grande Herói* atenderá a uma mudança notável no tipo de filmes que os americanos querem ver. Estaríamos diante de uma nova tendência de filmes de ação? E que tendência exatamente seria essa?

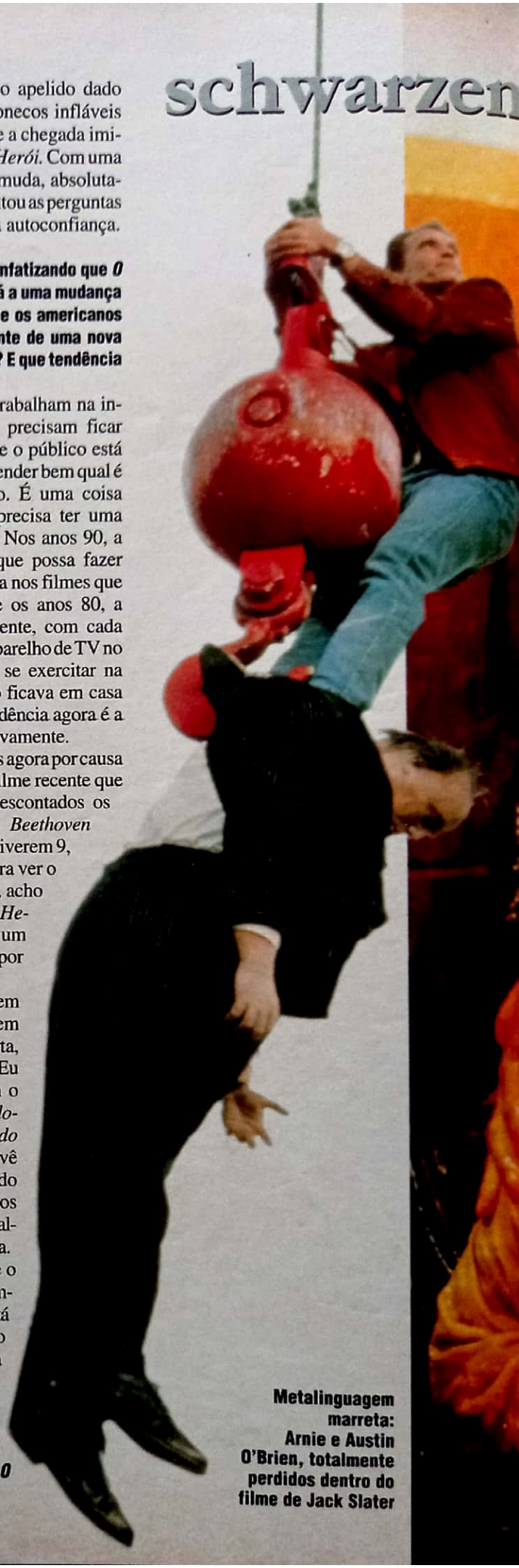
Todas as pessoas que trabalham na indústria de entretenimento precisam ficar ligadas para perceber o que o público está querendo ver, para compreender bem qual é o clima no mundo inteiro. É uma coisa difícil de se fazer, você precisa ter uma percepção muito aguçada. Nos anos 90, a família quer atividades que possa fazer junta, seja nos esportes, seja nos filmes que escolhe para ver. Durante os anos 80, a família se separou totalmente, com cada criança tendo seu próprio aparelho de TV no quarto, com os pais indo se exercitar na academia enquanto o filho ficava em casa jogando videogame. A tendência agora é a de todos ficarem juntos novamente.

Percebo isso muito mais agora por causa de minhas filhas: o único filme recente que elas gostaram de ver – descontados os desenhos animados – foi *Beethoven* (*risos*). Mas e quando elas tiverem 9, 10 anos, vamos levá-las para ver o que? Um filme como *Dave*, acho eu. Ou *O Último Grande Herói*, que é mais seguro que um *Exterminador do Futuro*, por exemplo.

Não existe uma cena em *O Último Grande Herói* em que uma pessoa seja morta, que explore a violência. Eu diria que é um filme com o mesmo espírito de *Caçadores da Arca Perdida* ou *Tudo por uma Esmeralda*. Você vê um monte de carros voando para cá e para lá, edifícios explodindo, mas nunca vê alguém fuzilando outra pessoa.

E como existe o fato de o garoto (*Austin O'Brien*) sempre lembrar a você que ele está dentro de um filme contido no filme, você sempre se toca de que nada daquilo é real, tudo aquilo é exagerado.

Você está dizendo que não faria mais um filme como *O Exterminador do Futuro*?



Metalinguagem marreta: Arnie e Austin O'Brien, totalmente perdidos dentro do filme de Jack Slater

Você precisa levar a sério o seu trabalho, mas também precisa ter a capacidade de se distanciar daquilo e rir um pouco. É o que estou fazendo com *O Último Grande Herói*: estou gozando os últimos 15 anos de minha carreira.

O Exterminador do Futuro 2 já era diferente, já havia uma mudança. Aquilo já assinalava o início dessa nova era: eu não matei ninguém naquele filme.

segundo ato
A Queda

O aroma de charutos já pode ser percebido no saguão do hotel Four Seasons, em Beverly Hills. Adquire proporções de praga dentro do elevador (onde é proibido fumar) e torna-se absolutamente inescapável no 14º andar, onde uma batelada de suítes está ocupada para pôr frente a frente Arnold e a imprensa do mundo inteiro. A camiseta de *O Último Grande Herói* foi substituída por uma colorida camisa de manga curta, espalhafatosa (mas dentro do estilo característico dele em encontros com a imprensa), estampada com imagens de um Schwarzenegger jovem, ainda apenas halterofilista ambicioso. E pela primeira vez na carreira deste que vos fala, Arnold dá a entrevista fumando um grosso charuto. Naquela mesma manhã havia saído as três primeiras resenhas do filme – na *Time*, na *Variety* e na *Hollywood Reporter*. Nenhuma delas um pouco favorável que fosse. Na verdade, as três revistas fuzilaram o filme, chamado nas folhas de "monstruosidade sem coração".

Esse filme exige que o público perceba a ironia do que você e o diretor John McTierman estão tentando fazer, que é uma gozação com o gênero de filmes que você mesmo ajudou a popularizar. Será que as pessoas perceberão essa ironia?

Só correndo riscos é que você descobrirá até onde é capaz de chegar. Passei a vida inteira ouvindo as pessoas me dizerem o que eu poderia ou não poderia fazer. Às vezes elas estão certas, às vezes estão erradas. Vindo do atletismo, sei que a única maneira de se descobrir quanto peso se consegue levantar é aumentar gradativamente a carga até chegar a um ponto em que você não consegue mais ir além.

Já me disseram que eu nunca deveria trabalhar com crianças porque elas roubariam o filme de mim. Já me disseram para nunca trabalhar com animais que eles seriam "difíceis" e também já me disseram para nunca "contracenar" com efeitos especiais. Pois *O Último Grande Herói* tem tudo isso, e acho que funciona.

schwarzenegger

Scharzie faz pose de herói de quadrinhos (no alto) para salvar o pentelho Austin das mãos do vilão da história

As pessoas acham muito perigoso fazer uma paródia de si mesmo. Pode até ser perigoso, mas e daí? Só existe uma maneira de se descobrir, não é verdade? Qualquer pessoa que, em qualquer profissão, tiver um mínimo de senso de humor, será capaz de achar graça no que faz. Há algo de hediondo e engraçado no trabalho de um político, há algo de extremamente engraçado em ficar sentado nessa mesa ouvindo o que tenha a falar qualquer zé-mané que tenha lançado alguma porcaria por aí. Tudo isso é engraçado! No meu tempo de halterofilismo, aquilo de ficar fazendo poses atléticas para um júri ou para uma platéia, aquilo era engraçado. Você treina a sério para ganhar a competição, mas aquilo não deixa de ser gozado.

Mas essa piada, digamos assim, chamada *O Último Grande Herói* custou de 70 a 80 milhões de dólares. E se as pessoas não entenderem a piada?

Há sempre um risco, isso é verdade. Mas não é um risco maior do que se corre realizando qualquer outro tipo de filme, a não ser que se trate de uma seqüência.

Além do mais, a Sony tem dinheiro de sobra (*risos*). Ninguém nessa sala precisa se preocupar com a falência da Sony ou coisa assim. Eles já ganharam seu dinheiro antes mesmo do filme ser lançado: o disco com a trilha sonora já é um estouro, está no quarto lugar da parada, ou algo assim (*N. R. : estava em 12º*). Só a Mattel pagou à Sony 20 milhões de dólares pela linha de brinquedos! Alguns jornalistas sempre se preocupam com os altos custos de um filme, eu nunca me preocupo com esse tipo de coisa. Estou aqui é para gastar! Adoro gastar o dinheiro de Hollywood: dinheiro gera dinheiro! Por isso acredito em promover o filme aqui e no mundo. Apóio os meus filmes do começo ao fim, em todos os níveis.

Por tudo isso, não há uma enorme e uma responsabilidade enorme depositada no seus ombros?

Eu não sinto pressão alguma (*risos*). Sou como um encanador que sai de casa todos os dias para trabalhar. Mas entendo o que você está dizendo. Quando você está por cima sabe que a qualquer momento pode ser fuzilado e cair do alto. É a hora em que a imprensa – que se acha responsável por você ter chegado ao topo – resolve que está na hora de "acabar" com você, e com isso vender mais revistas e jornais.

Tudo bem: disso eu já sabia há dez anos, antes de começar a me envolver com essa coisa toda. Você não pode querer ter só a parte boa de algo, você precisa aceitar a parte ruim também. Como se fala: "Se você não suporta o calor, então saia da cozinha". Sempre disse que suporto o calor, e vou permanecer dentro da cozinha por muito tempo.

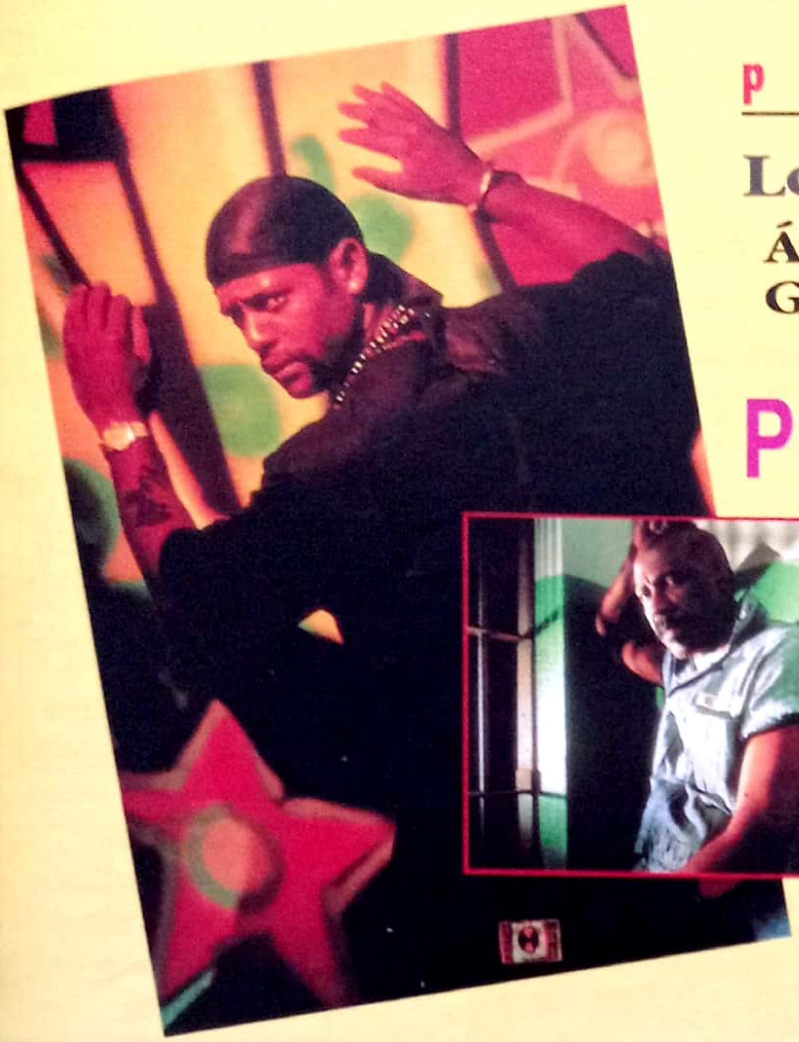
terceiro ato
Pílulas de Otimismo

Arnold recebe para o café da manhã no Schatzi On Main, seu restaurante tipicamente austríaco/californiano na fronteira de Santa Mônica com Venice. *O Último Grande Herói* estréia nos Estados Unidos, e as resenhas vêm mantendo o mesmo tom negativo. A festa de lançamento do filme, realizada num gigantesco estacionamento em Westwood, custou mais de meio milhão de dólares aos cofres da Columbia Pictures.

O filme estreou debaixo de críticas bem negativas e cercado de histórias quanto a problemas de produção que teriam forçado refilmagens de última hora. Você acha que as pessoas teriam um prazer perverso em ver Arnold Schwarzenegger fracassar?

Bom, depende do seu ponto de vista. Primeiro de tudo, você precisa compreender que nunca meus filmes abriram somente com resenhas positivas. Os críticos sempre me surraram, dizendo que meus filmes continham violência demais, ou alguma outra coisa em excesso. E sempre encarei isso de maneira diferente. Hoje de manhã, Vincent Canby (do *The New York Times*), o crítico número 1 dos Estados Unidos, desmanchou-se em elogios ao filme. Isso me faz tão bem quanto as críticas que dizem que "Arnold nunca esteve melhor!", "Melhor, maior, mais engraçado!", "O arrasa-quarteirão do ano!", "O filme preferido para o verão!" (*risos*). Essas foram frases tiradas de resenhas de críticos bastante respeitados. Então, eu sempre acho que o copo está cheio pela metade; outras pessoas acham que o copo está vazio pela metade.

José Emilio Rondeau

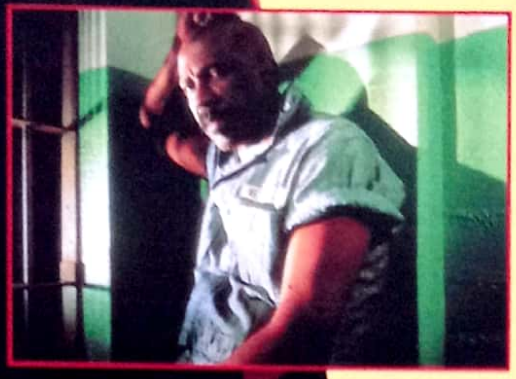


p o l i c i a l

Louis Gosset Jr.

Águia De Aço
Golpe Perfeito

Prisioneiro Do Ódio



O seu novo inimigo, naquela prisão de segurança máxima, é o seu próprio filho!

c o m é d i a

Leslie Nielsen

Corra Que A Polícia Vem Aí 1 & 2 1/2

antes Tarde do que Nunca

Ele, um viúvo pirado. Ela, muito rica e só com seis meses de vida. Como viver esse tempo?

NCA PICTURES

N.C.A. Pictures
R. Bom Jesus, 886 - Água Rasa - CEP 03344-000 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 966-6135 / 966-0535 - Fax: (011) 966-5142

ABAIXO VOCÊ ENCONTRA AS MELHORES REVENDAS DE VÍDEO.

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

CENTER
O Shopping das fitas novas e usadas

Não perca tempo e dinheiro,
vá direto onde há os melhores
lançamentos com os menores preços.
- Os Imperdoáveis
- Perfume de Mulher
- Uma Equipe Muito Especial
- Perdas e Danos
- Brincando nos Campos do Senhor

ABRA UMA VÍDEO LOCADORA

Assessoria completa desde a escolha do ponto, abertura de firma, instalação, informatização e a garantia total de quem realmente tem experiência. Consulte-nos!

Aceitamos automóveis, telefones e imóveis como forma de pagamento

Rua Tijuco Preto, 201
Tatuapé - CEP 03316 - SP
(Próx. Metrô Tatuapé)
Tel.: (011) 296-1715

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)
Tel.: (011) 290-4330
ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- Toda linha de acessórios
- Financiamos a partir de 30 a 120 dias
- Pagamentos com cheques semanais
- Aceitamos automóvel e telefone como forma de pagamento

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS
OFERECEMOS VÁRIOS LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!

- Os Imperdoáveis
- Perdas e Danos
- Brincando nos Campos do Senhor
- Uma Equipe Muito Especial
- Sonâmbulos

- Catálogos a partir de Cr$ 150.000,00
- Garantia total das fitas
- Melhor qualidade
- Ganhe estojos novos e usados

- **Cheques pré-datados sem juros**
- **Remetemos para todo o Brasil**

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

AQUI COLECIONADOR FAZ A FESTA!!!

- FITAS NOVAS E USADAS
- CLÁSSICOS FORA DE CATÁLOGO
- ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

NOVA
LOJA DO VÍDEO

ESTACIONAMENTO NO LOCAL
Rua Duarte de Azevedo, 248 1º Andar
CEP 02036 - Santana - SP - SP
(Próximo Metrô Santana)
Tel: (011) 267-5566 - 290-3856
Fax: (011) 290-7678

PATY'S
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
ACESSÓRIOS EM GERAL
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- Perfume de Mulher
- Os Imperdoáveis
- Perdas e Danos
- E outros

- ***PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO***
- ***PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO***
- ***PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA***
- ***GARANTIA E QUALIDADE***

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel.: (011) 298-1120
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

Dinossauros Digitais

Criadas à imagem e semelhança de um ser de carne e osso, as bestas pré-históricas de Spielberg marcam a gênese de um novo universo nos efeitos especiais

Fotos: UIP

"Para se ter uma idéia da ruptura que representa *Jurassic Park*", explica Mark Dippe, co-supervisor de efeitos visuais do filme, "já havíamos trabalhado bastante com personagens como o T-1000, em *O Exterminador do Futuro* 2, ou a 'cobra-d'água' de *O Segredo do Abismo*, e todas aquelas criações tinham um sentimento de 'ao vivo', você vê a criatura, seja ela de metal ou de água, e ela tem movimentos próprios, tem sua forma. Mas a diferença é que aquelas eram todas criações abstratas, inorgânicas. Desta vez estávamos trabalhando com algo vivo, algo que sangra quando sofre um corte, algo que sua quando faz calor, algo que tem músculos e peles que reagem à força da gravidade. Quando um dinossauro simulado em computador se move, os músculos dele precisam balançar. Quando se vira, os músculos dele precisam se retesar sobre os ossos de seu esqueleto. Tudo isso tem que ganhar vida."

No papel, todo o processo de criação, aprimoramento, movimentação e coreografia dos dinossauros feito por computador pode parecer – e, na teoria, não deixa de ser – simples: primeiro, desenha-se um modelo a lápis e tinta que, a seguir, ganha três dimensões através de um modelo de gesso pouco maior que dois palmos de altura. Esse boneco inerte, mais adiante, serve como guia para orientar os animadores na elaboração no computador de um esqueleto para o dinossauro. Se fosse "só" isso, até que o trabalho não seria tanto.

Mas falta muito mais ainda: o dinossauro de computador precisa, agora, ser combinado aos demais elementos do filme – sua escala de tamanho e sua posição na tela do cinema precisam levar em consideração a relação da massa do bicho com tudo ao seu redor –, ele precisa ser "vestido" com músculos e peles e "iluminado" conforme a cena em que aparece – com as respectivas zonas

de luz e sombra mudando constantemente, conforme os movimentos e as ações dos dinossauros – e, por fim, tem que "contracenar" com os atores e os elementos de cena, "quebrando" árvores verdadeiras, "comendo" galhos e folhas.

"As pessoas que assistem a esse filme", continua Dippe, "precisam acreditar que estão vendo dinossauros de verdade, e não dinossauros de computador". Para assegurar que suas criaturas digitais corresponderiam ao que se conhece do mundo animal, os animadores "voltaram às raízes", por assim dizer, e realizaram uma pesquisa profunda de comportamento. Primeiro, foram visitar os moradores do Marine World Africa/USA, uma espécie de zoológico moderno e parque de diversões, onde puderam observar os corpos e os movimentos de parentes distantes dos dinossauros, como o elefante (para estudar o brontossauro), o rinoceronte (primo do Triceratops) e o avestruz (descendente do *Gallimimus*). Depois, participaram de um laboratório de expressão corporal: imagine um bando de homens crescidos, cientistas e pesquisadores, movendo-se por uma sala como se fossem velociraptores famintos.

"O que nos deu mais trabalho", diz Mark, "foi o tiranossauro, porque é um bípede de seis toneladas. Como é que se mexe um animal desses? Como ele corre? Como ele caça?"

Problemas semelhantes foram encontrados por Stan Winston, o responsável pelo *design* dos dinossauros e pela construção e movimentação dos modelos em escala natural utilizados no filme. "Nunca havia sido tentado antes", explica Winston, "o que pretendíamos fazer nesse filme: um tiranossauro com toda aquela massa corpórea que fosse ágil e veloz, que se movimentasse de maneira orgânica, que tivesse empuxo e que tivesse uma pele que não parecesse borrachenta, que não formasse nós toda vez que ele se mexesse."

Parte da solução achada por Stan chama-se Waldo, um minitiranossauro que era movimentado por sete manipuladores. Todos os movimentos de Waldo eram registrados por um computador, "traduzidos" e enviados para o tiranossauro em escala real e este, então, reproduzia fielmente toda a coreografia. Outra parte foi inverter a ordem dos fatores conforme necessário: em algumas cenas, ao invés de o tiranossauro agir sobre um elemento de cena, ele reagia a esses elementos. "Em vez de o tiranossauro empurrar o jipe", detalha Michael Lantieri, responsável pelos efeitos especiais que envolviam o T. Rex em escala real, "é o jipe que empurra o tiranossauro."

A etapa final consistiu de combinar o trabalho da equipe de Stan com o das equipes de Lantieri e de Phill Tippett, o técnico que desenvolveu toda a coreografia necessária ao casamento do tiranossauro de computador com o primo maior de Waldo. Só muito bem coordenadas, as duas equipes seriam capazes de provocar no público a ilu-

A criação, passo a passo, de um animal pré-histórico no computador. A criatura é "desenhada" na tela, para depois ganhar "peles" e "músculos" digitais. No alto, o dino já pronto em cena do filme

SE VOCÊ GOSTA DE AÇÃO, MUITA AVENTURA, EXPLOSÕES E TIROTEIOS, PREPARE-SE!
JÁ EM SUA LOCADORA!
COM ELE, VOCÊ TEM O DIREITO DE PERMANECER EM SILÊNCIO, POIS... TUDO O QUE VOCÊ DISSER, SERÁ USADO CONTRA VOCÊ!
ROBERT Z'DAR
Maniac Cop, Maniac Cop 2, Tango & Cash
ROBERT DAVI
007 - Permissão para Matar, Duro de Matar
ELE É O JUIZ... JURI... EXECUTOR...
MANIAC COP3
O DISTINTIVO DO SILÊNCIO
MANIAC COP 3 - BADGE OF SILENCE
MAIS FORTE DO QUE NUNCA E MOVIDO POR PODERES SATÂNICOS, MANIAC COP IMPÕE SUA LEI CRUEL, TRANSFORMANDO A CIDADE NUM SANGRENTO CAMPO DE BATALHAS.
Tel.: (011) 579-6522 - Fax: (011) 275-0408 - 276-9582
EUROPA
Cret
HOME VIDEO

são de estar vendo sempre uma única criatura na tela.

E é assim, portanto, que, em cenas como a do estouro da manada de *Gallimimus* e a da perseguição do jipe pelo tiranossauro, não se consegue distinguir muito bem onde começa o computador e onde termina o mundo real: o tiranossauro que sai na captura do jipe que leva Laura Dern e Jeff Goldblum é todo de computador, mas a árvore que ele "destrói" no caminho é de verdade, explodida à distância e no momento preciso por Tippett. Os *Gallimimus* dão a impressão de estar destruindo parcialmente uma árvore caída quando a atropelam em seu estouro; na verdade, são dinossauros de computador que em nenhum momento tocaram nos troncos: Tippett, sim, se encarregou de movimentá-los nas horas certas.

Tippett não era o único elo de ligação entre os dinossauros digitais e o mundo real: a ILM empregou 80 supercomputadores da Silicon Graphics, um arsenal de 15 milhões de dólares – mais que isso, só a NASA tem – durante 18 meses para determinar as proporções ideais dos bichos animados em relação ao que havia sido filmado de verdade: só assim se combinariam bem, por exemplo, o tiranossauro digital com o tiranossauro de Stan Winston.

Foi um processo trabalhoso. Primeiro, Spielberg filmava uma cena com os atores, sempre levando em conta o espaço e a posição do bicho no quadro. Depois, com base na cena filmada, o animador encarregado de usar o computador estabelecia as proporções do animal em relação aos demais elementos em cena. A imagem do tiranossauro digital, então, era combinada ao celulóide filmado, com a devida atenção à iluminação da cena. Pronto, a mágica estava feita.

Aliás, em parte: a montagem das cenas em que aparece o tiranossauro (à exceção da hora em que ele almoça um *Gallimimus* e da última cena do filme, ambas rigorosamente feitas na base de computadores) também ajuda a dar a ilusão de que aquela é uma criatura presente e móvel, na cena, quando na verdade ela é uma combinação do bicho de Winston com os dinobytes da ILM. Por exemplo: quando a cabeça do T. Rex bate no jipe que carrega Sam Neill e Jeff Goldblum, Stan Winston está no comando. Uma vez que a cabeçorra sai de cena e a câmera revela o ponto de vista de Neill e Goldblum, aquele já é um tiranossauro digital.

Não se iluda, porém, quem acha que pode ir à loja de computadores da esquina e adquirir um software semelhante ao da ILM para fazer dinos digitais caseiros. O buraco é bem mais embaixo, conforme atesta Marke Duppe. "O computador é apenas um lápis grande", diz ele, "o importante é o talento e a habilidade de se criar uma imagem primeiro na sua mente. Sem essa visão, toda a tecnologia do mundo não fará a menor diferença."

Enquanto isso, o mestre dos bonecos Stan Winston – convertido às possibilidades abertas pela modelagem em computador – se associou à IBM e ao diretor James Cameron para criar a companhia Digital Domain, especializada neste tipo de efeito. "No meio de *Jurassic Park* percebi que temos agora um novo e maravilhoso instrumento", declarou ele à *Entertainment Weekly*, "e que se eu ão me envolvesse, era eu quem ia virar dinossauro".

José Emilio Rondeau

SET

Um brontossauro virtual que teve seus movimentos inspirados num elefante

WICKERL VIDEO

• EXPOSITORES
• ESTOJOS
• ACESSÓRIOS

Qualidade e preço justo!

*CD *GAME *VHS

• Expositores Convencionais

- Aramado de parede p/ 112 ou 364 fitas
- Aramado de centro p/ 56 ou 112 fitas
- Aço de parede p/ 64 fitas
- Aço de centro p/ 128 fitas

• Expositores Especiais

- Molduras de parede p/ 250 fitas
- Molduras de centro p/ 500 fitas
- Suporte "L" VHS transparente
- Módulos para CD INNOVA

"Se você acha que é tudo igual, venha conhecer e compare - pintura especial a pó que não risca nem descasca".

• Estojos injetados modelo WARNER, padrão de qualidade WICKERL a preço de um estojo "sem nome" Exija esta marca.

• Temos toda linha de impressos, etiquetas e painéis informativos para organizar o fluxo de trabalho de sua locadora de fitas VHS, game ou CD.
*** Breve Fitas e Games. Aguardem!!!**

***PREÇOS ESPECIAIS P/ REVENDA**

E se você, por qualquer motivo preferir comprar na concorrência não tem problema, colocamos a sua disposição mesa, telefone e fax, para que não perca tempo.

WICKERL VIDEO

8 ANOS

(011)562-9779
TRONCO CHAVE

Rua Alba, 1743 - CEP 04346-000 - V. Sta Catarina - São Paulo - SP - Fax: (011) 562-8257

JOSÉ MOJICA MARINS

delírios de um anormal

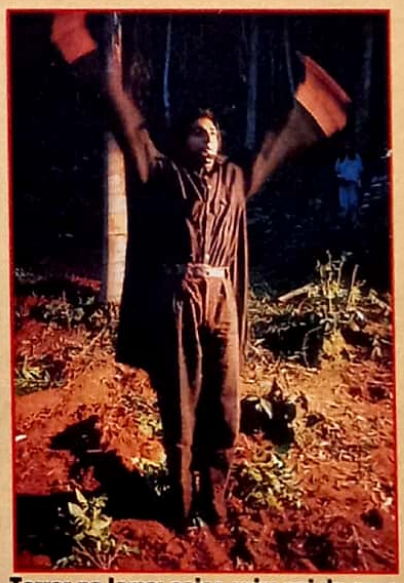
Desça ao inferno e acompanhe por um dia as filmagens de *Alucinação Macabra*, novo e horroroso filme de Zé do Caixão

Meio-dia de sábado. Sob um céu cinza chumbo tenebroso, me dirijo à Rua Silva Bueno, no bairro do Ipiranga, em São Paulo, onde costuma se esconder José Mojica Marins. Lá encontrarei os ônibus que transportarão duas dezenas de figurantes – alunos do curso permanente ministrado por Mojica e moradores do Ipiranga – até o set onde o diretor filmará alguns takes de sua nova produção, *Alucinação Macabra*.

As filmagens acontecerão num sítio em Guararema, cidadezinha próxima a São Paulo. De cara, encontro três motoristas completamente perdidos, sem a mínima idéia de qual é seu destino, familiares de Mojica fazendo às vezes de produtores e uma massa de gente empolgada com a oportunidade de aparecer em um filme do "mestre" – como Mojica é chamado no pedaço.

Na estrada, eu, o fotógrafo Rui Mendes e mais alguns amigos jornalistas, seguimos os ônibus dos "atores" pelo rastro de pacotes de salgadinhos vazios e latinhas de refrigerante atirados pelas janelas. Mesmo assim, acabamos dando em lugar nenhum por umas três vezes. A caravana, absolutamente desarticulada, acaba se reunindo novamente em uma encruzilhada. Talvez inspirada pelos exus, uma boa alma finalmente encontra o rumo.

Quase quatro horas da tarde, chegamos em um lugar barrento como o inferno. Guararema e redondezas havia se transformado em um mar de lama pior do que Brasília depois de três dias de chuvas torrenciais. Mojica já está parado no portão de entrada. Vestido de preto, câmera a postos, orienta a enxurrada de figurantes que desce dos ônibus para aquela que será a primeira cena do dia. Do alto de uma ladeira enlameada, ele grita: "Olhem para mim. Eu sou um churrasco saboroso e vocês estão loucos de fome. Não olhem para a câmera". Todos olham, lógico.



Terror na lama: coisa-ruim sai da cova

Em seguida ao primeiro take filmado, o diretor dá as boas vindas ao pessoal e dirige-se à meia-água onde o tal churrasco será realizado. No caminho, Mojica junta-se ao grupo de jornalistas e conta que aquele lugar se transformará, no futuro, na Cidade do Terror – espécie de Disneylândia macabra para deixar todo mundo de cabelos em pé.

Animado, começa a contar uma de suas terríveis aventuras. Na semana anterior, ele havia ido ao Rio de Janeiro se apresentar num espetáculo teatral. Tinha sido avisado que seria uma matinê. Pensou que, como era uma matinê, o show começaria às dez da manhã. Já eram onze e Mojica imaginava estar uma hora atrasado. Entrou pelos bastidores do teatro, esbaforido, já trajado como Zé do Caixão, e acompanhado por uma menina sumariamente fantasiada de pom-

A pomba-gira renasce das trevas após ter sido

ba-gira. Ela deveria começar a *performance* girando e berrando feito uma louca enquanto ele a seguiria naquele estilão macabro. Qual não foi sua surpresa quando viu no palco, ainda da coxia, um sujeito discursando inflamado sobre Deus e o pecado. Imaginou tratar-se de um quebra-galho esperto para preparar sua entrada tardia, mas foi chamado à realidade quando o homem virou-se em sua direção e exclamou: "Aproxime-se, pastor!"

Na hora Mojica se tocou. O que acontecia na sala era um encontro de crentes – e não uma peça de teatro – e ele tinha acabado de ser confundido com um membro da religião. Rapidamente escondeu a pomba-gira atrás da capa e desconversou: "Eu não sou pastor, irmão. Sou artista e só estou aqui porque gostaria de conhecer um pouco da religião para a qual pretendo entrar". O pastor mandou de volta que poderia fazer a conversão ali mesmo, no ato. Mojica lamentou a falta de tempo e saiu de fininho com a pomba-gira escondida. Gargalhada geral.

Na seqüência, ele fala sobre as dificuldades da produção de seu filme, que está sendo financiado por seus próprios filhos, e conta por alto do que se trata *Alucinação Macabra*. Uma mistura de fatos autobiográficos e delírios de horror. Aquelas costuras que ele sabe, como ninguém, emendar.

Na meia-água, o contingente de figurantes olha com avidez para o churrasco. A carne, aliás, foi providenciada por um deles – um açougueiro que, após ser abandonado pela mulher, retomou o sonho de infância de virar ator. Enquanto esperam pelos prazeres da carne, alguns atores cavam suas sepulturas. Literalmente. Mais tarde, eles sairão das covas como exus mortos-vivos. Eu chego lá.

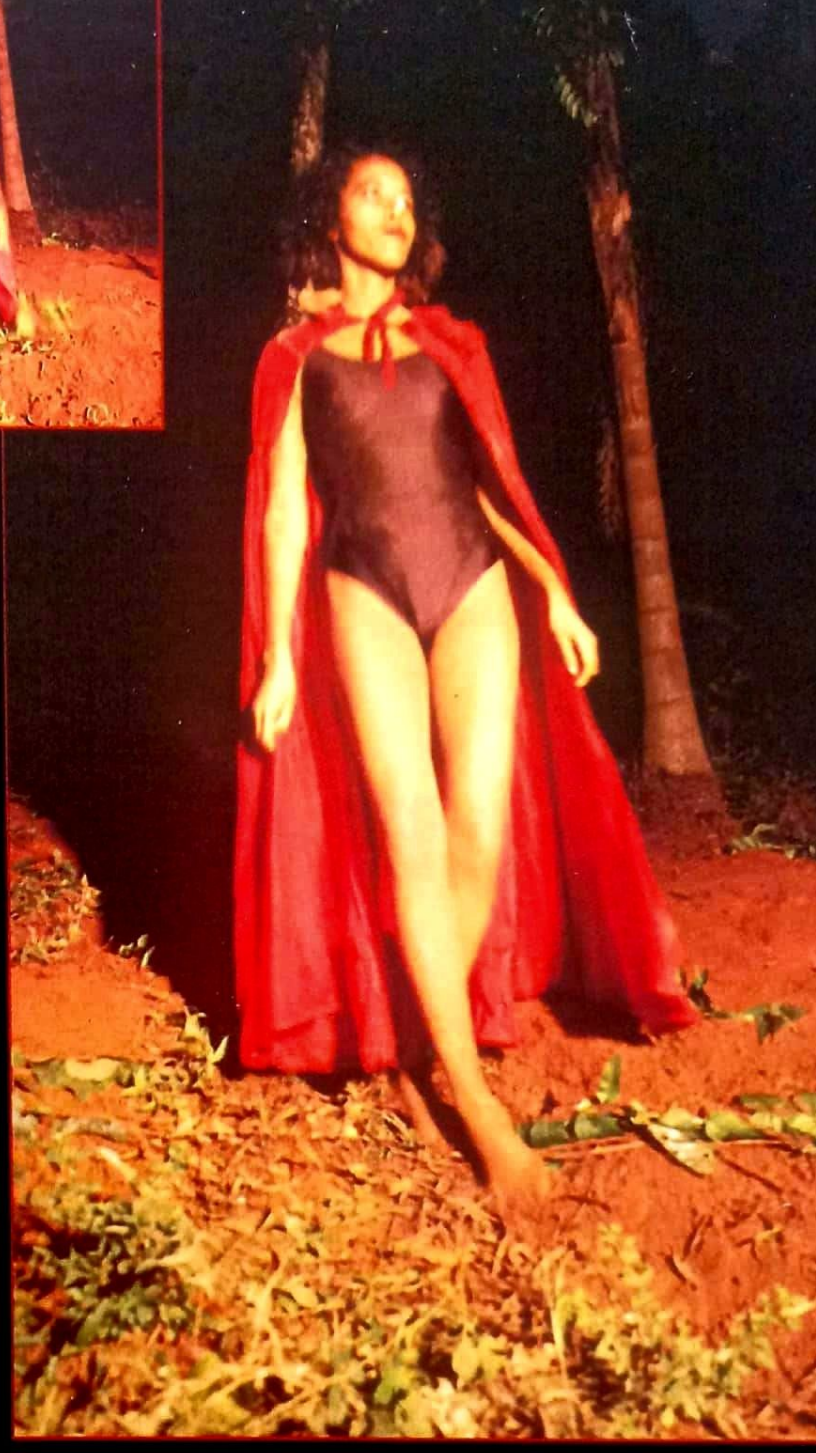
O diretor reúne à sua volta a equipe técnica para uma introdução ao trabalho a ser desenvolvido naquela tarde e contar algumas histórias, preparando o clima horrorífico. Falando articuladamente, em tom macabro e grandiloqüente, num microfone lotado de eco que teima em não funcionar direito, ele envereda por um discurso que mistura Deus, Nietzsche, perseverança e imortalidade através da Sétima Arte. A galera arregala os olhos e não esconde uma expressão de quem não entendeu nada.

Preliminares feitas, Mojica libera o churrasco para os figurantes e anuncia um show sertanejo para mais tarde. "Para divertir os colegas", diz ele, enquanto retoma a conversa com nosso grupo. É aí que ele se dirige a mim dizendo: "Miranda, temos que colocar essa tua cara mística no filme. Imortalizá-la em celulóide. E tem mais, o pessoal aí está pensando que você é um artista estrangeiro que veio para as filmagens". Ator? Estrangeiro? Eu? Brincou! Estou nessa.

A tarde vai passando, a luz diminuindo. Mojica resolve acabar com a alegria dos esfomeados, chamando o pessoal (alguns ainda nem conseguiram comer) para rodar uma cena. Seu assistente orienta a galera. Todos devem andar pelo campo descontraidamente quando, de repente, não conseguem mais respirar. Devem definhar em agonia até entrar em estado catatônico. Todos desfalecidos, exus e pombas-giras entram em cena para levar embora uma criança, diante do pranto da mãe. Depois todos se levantam como se nada tivesse acontecido. Simples.

O assistente empolgado encena a seqüência para os figurantes numa interpretação convincente o suficiente para deixar as pessoas meio assustadas. Mojica sobe em um barranco com o cinegrafista, fica coordenando a distribuição dos figurantes pelo local e preparando o clima com palavras mórbidas. Um ensaio. Rodando. Todo mundo segue à risca as ordens, mas um ou outro quer aparecer mais e fica perambulando pelo set como barata chapada de inseticida. Mojica exige, aos berros, mais concentração. Recoordena os figurantes e manda bala.

Todo mundo mortão no chão. Mojica se aproxima para fazer uns *close ups*. Eu ali, deitado entre umas mocinhas e umas crianças, de olho branco arregalado. Sinto seus passos se aproximando. Ele pára ao meu lado e diz: "Vamos fazer uma tomada meio que macabra demais. A câmera



enterrada viva. Abaixo, Zé do Caixão e seus zumbis amestrados

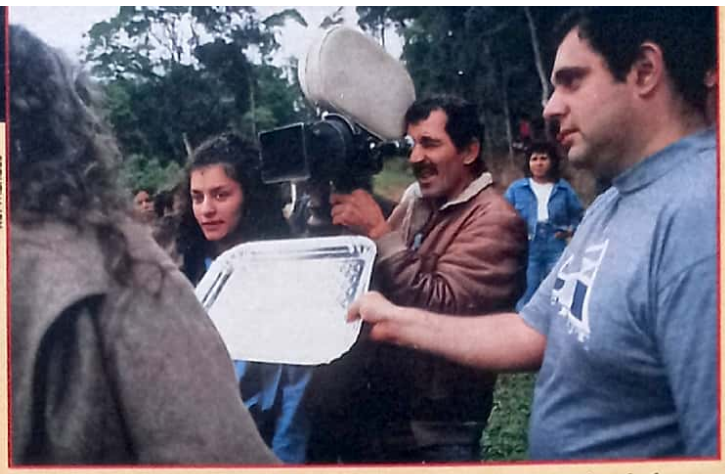
Carlos Eduardo Miranda, enviado especial aos quintos do Inferno, agoniza diante das câmeras do "mestre"

começa fechada no rostinho singelo deste menininho e, de repente, fecha no rosto horroroso do Miranda". Gostei!!! Mirandão macabrão ataca novamente! Foi aí que eu vi como é difícil a vida de ator. Tive de ficar uns 15 minutos mantendo a *faccia*, sem tremer os olhos. Impossível. Acho que vou ser o morto mais vivo da história do cinema.

Logo depois vem a tal cena da menininha, da mãe desesperada e dos exus. É um puxa–daqui, puxa–dali inacreditável. E Mojica impassível, dirigindo o indirigível. Os figurantes o respeitam muito, mas só conseguem se concentrar quando embarcam totalmente na encenação. Vira um Deus-nos-acuda.

Eis que o diretor me requisita de novo. É bomba. Vou ter que fazer uma cena romântica com uma menina que nunca vi na vida. Ela fica toda nervosa por ter de contracenar com o "galã internacional" – à essa altura absolutamente enlameado. Mas quem acaba mudo, sem assunto e sem graça, sou eu. Os outros jornalistas se dobram de rir.

Vem à tona, então, o maior talento do diretor: o improviso, de maneira completamente inusitada. "Tem pouca luz no rosto



Rui Mendes

A hora do improviso: bandeja de churrasco vira rebatedor de luz

do Miranda. Tragam um rebatedor", diz ele. Chega um assistente limpando, acredite se quiser, uma bandeja do churrasco para ser usada como rebatedor de luz. Fico eu ali, estarrecido com tão radical invenção, tendo que manter a cara romântica.

Break nas filmagens. A galera que não comeu, desesperada de fome, sai correndo para o churrasco como um bando de exus. Muita carne e cerveja depois, a noite já caindo, José Mojica resolve enfiar os exus e pombas-giras nas respectivas covas para a filmagem dos "coisas-ruins" renascendo das trevas.

Um único pau-de-luz é usado como iluminação, enquanto todos os outros figurantes se aglomeram para assistir ao mestre em ação. Os atores deitam-se nos buracos e são cobertos com terra e galhos secos. Levantam fazendo as caras mais horripilantes de que são capazes. Dá para sentir um clima estranho rolando, tamanha a intensidade da atuação e pela própria presença de Mojica, trajado de negro, como só faz quando incorpora o Zé do Caixão.

É tarde. Hora de voltar para São Paulo. Mojica despede-se: "Vão com Deus", como invariavelmente diz. No caminho de volta, como que para exorcizar os demos, uma nuvem de vaga-lumes toma conta da estrada, cercando o carro e cobrindo o campo ao redor como um tapete eletrificado que se estende até o horizonte. Nem Spielberg seria capaz de tamanha exuberância.

Carlos Eduardo Miranda

SET

COFFIN JOE GOES TO WASHINGTON

Mojica é lançado nos Estados Unidos como *cult-director*

Em setembro de 1991, mostrei alguns filmes de José Mojica Marins para Mike Vraney, dono de uma das maiores companhias independentes de vídeo dos EUA, a Something Weird, baseada em Seattle. Colecionador há mais de dez anos e dono de quase sete mil filmes de terror, ficção científica e *sexploitation*, ele me garantiu, boquiaberto, que nunca havia visto nada como aquilo. "Os filmes são muito melhores do que qualquer coisa que se fez nos Estados Unidos durante os anos 60."

Mojica foi contatado por Vraney, que lhe propôs lançar os filmes naquele país. Apesar de ser uma empresa independente, a Something Weird abocanha uma fatia considerável do mercado de vídeo de terror, distribui fitas para mais de cem lojas e tem cerca de quatro mil compradores particulares, incluindo nomes famosos como o guitarrista do Metallica, Kirk Hammet, e o cineasta Joe Dante.

Dos filmes de Mojica, foram lançados nos EUA *A Meia-Noite Levarei sua Alma* (64), *O Estranho Mundo de Zé do Caixão* (67), *O Despertar da Besta* (69/83), *Delírios de um Anormal* (78), *Esta Noite Encarnarei no seu Cadáver* (66), *Inferno Carnal* (76) e *Alucinação Macabra* (o novo filme). Todos em edição de luxo e legendadas. Na versão americana, o personagem de Zé do Caixão virou Coffin Joe. Antes mesmo do lançamento oficial das fitas em 2 de junho último, a empresa já recebera telefonemas de compradores interessados. "Muitos já ouviram falar do Mojica e estão excitados com a possibilidade de conhecer seus filmes", diz Vraney. "Temos recebido dez, doze telefonemas por dia de fãs querendo saber mais sobre ele", conta Greg, um dos empregados da Something Weird. David De Coteau, diretor de *Puppet Master 3*, não conseguia acreditar que *A Meia Noite Levarei sua Alma* tinha sido filmado em 1963. "É ousado demais para a época", disse surpreso.

A excelente repercussão deve valer a Mojica um convite para participar da Chiller Convention, encontro de fãs de terror que acontece duas vezes por ano em Nova Jersey. A Something Weird pretende ainda levá-lo para debates e convenções em Seattle, Cleveland, Nova York e Los Angeles. "Sei que no Brasil Mojica ainda não é reconhecido como um grande cineasta, mas quem viu seus filmes por aqui já notou que se trata de um gênio", diz Weldon. "Tenho certeza que o público americano vai tratá-lo como uma celebridade".

André Barcinski, de Los Angeles

O desempenho de Al Pacino em *Perfume de Mulher,* premiado com um Oscar, já está disponível em vídeo. Para os fãs dos clássicos, a safra é muito boa: *Pinóquio, Sob o Domínio do Mal,* de John Frankenheimer, *O Pai da Noiva,* com Spencer Tracy, e *Modelos,* com Rita Hayworth

COTAÇÕES

★ RUIM
★★ REGULAR
★★★ BOM
★★★★ ÓTIMO
★★★★★ OBRA-PRIMA

PERFUME DE MULHER ★

(Scent of a Woman, EUA, 1992) Direção: Martin Brest. Com Al Pacino, Chris O'Donnell, Gabrielle Anwar. CIC.

Al Pacino, Dustin Hoffman, Robert De Niro foram eleitos quase no nascedouro "os grandes atores de sua geração". Tinham coragem para escolher papéis polêmicos, tinham origem "étnica" e aplicavam com fervor o método de interpretação do Actor's Studio, a grande meca dos atores americanos dos 50 para cá.

Triste destino destes potenciais "Marlon Brando". Hoffman se tornou uma vedete balbuciante. De Niro vive de pontas canastronas em superproduções ou bancando o "nerd". Ambos já foram agraciados pela Academia como melhor ator – talvez a categoria certa fosse "por emprestar prestígio a produções de segunda".

Pacino acaba de entrar para o clube. *Perfume de Mulher* – refilmagem de um original italiano de 74, dirigido por Dino Risi – é uma novela mexicana politicamente correta.

Ele faz um coronel aposentado, veterano do Vietnã, que está ficando cego. Encostado na casa de parentes, remoendo a culpa pela morte de um soldado, bebendo sem parar, o milico decide se matar.

Mas antes o Coronel Pacino vai para Nova York, curtir um último fim de semana de diversão – restaurantes caros, carros rápidos e mulheres quentes. Como não enxerga, leva como guia um vestibulando bonzinho (o *barbie* Chris O'Donnell). O menino é tão bonzinho que no fim, adivinhe, esse bêbado suicida se metamorfoseou numa pessoa compreensiva, otimista, dada a acariciar cachorrinhos.

O primeiro *Perfume de Mulher* tinha tons de comédia e tragédia descabeladas – italiano entende dessas coisas, e Vittorio Gassman tem cara de triste mesmo. Hollywood converteu esse argumento numa daquelas historinhas de redenção, "sensíveis", de "interesse humano". E Pacino levou um Oscar por este show de canastrice – quando poderia, com justiça, levar um de melhor coadjuvante pelo seu desempenho como o corretor zen-calhorda de O Sucesso a Qualquer Preço. Mas tudo bem. Perfume de Mulher deu dinheiro, que no fim do dia é o que interessa em Hollywood, e nada contra. Até boa parte da crítica gostou. Considero uma historinha para boi dormir, emocionalmente desonesta e esteticamente medíocre – do baixo nível de um *Rain Man* ou *Tempo de Despertar*. Tire você mesmo a teima: alugue as duas versões.

André Forastieri

Até junho deste ano, *Perfume de Mulher* já havia arrecadado US$ 62 milhões nas bilheterias americanas. "O papel é uma boa desculpa para um show de exibicionismo, mas Pacino atua para valer (...) O filme, entretanto, é capenga", *Premiere*.

CIC

Al Pacino dança o tango com a melhor coisa de *Perfume de Mulher*, Gabrielle Anwar

NADA A PERDER ★★★
(American Heart, EUA, 1992) Direção: Martin Bell. Com Jeff Bridges, Edward Furlong, Lucinda Jenney. Vídeo Arte.
Embalado pelo som "baixo-astral" de Tom Waits, Jeff Bridges tenta contornar os problemas de ser um ex-presidiário: a falta de emprego e o filho adolescente que quer viver com ele. A vida não é fácil para os dois, e enquanto Bridges trabalha e se diverte com a namorada (a qual conheceu através da revista American Heart) todas as noites, o filho Nick (Furlong de *Exterminador 2*) aprende nas ruas o roubo e a prostituição. Essa história tinha tudo para ser uma novela ao estilo mexicano, mas o diretor realizou um drama até engraçado, e soube aproveitar a aparência frágil de Furlong, que mostra que já está criando um estilo próprio de representação.
Deborah Peleias

Jeremy Irons perde o rumo depois que tromba com Juliette Binoche em *Perdas e Danos*

SANDINO ★★
(Espanha/Nicarágua, 1990) Direção: Miguel Littin. Com Joaquim de Almeida, Kris Kristofferson, Victoria Abril, Angela Molina, Dean Stockwell. Globo Vídeo.
Biografia do líder político nicaraguense dos anos 20 e 30, Augusto Sandino, realizada pelo cineasta chileno Littin (uma espécie de Costa-Gravas latino-americano). O filme mostra o surgimento de Sandino (Almeida) como líder político dos camponeses, liderando-os na guerrilha contra a interferência americana em seu país e na América Latina. Kristofferson faz o papel de um repórter americano que o acompanha na difícil jornada política. Um produto raro em nosso mercado de cinema (tanto em origem quanto em tema). Deve agradar apenas aos mais engajados politicamente, já que a produção sofre, visivelmente, de problemas com orçamento. Co-produzido pela televisão espanhola, o que explica a presença das estrelas Victoria Abril e Angela Molina.
Roberto Rios

UMA EQUIPE MUITO ESPECIAL ★★
(A League of Their Own, 1992) Direção: Penny Marshall. Com Geena Davis, Tom Hanks, Madonna. LK-Tel/Vídeo.

A idéia principal da produção de *Uma Equipe Muito Especial* talvez tenha sido juntar tudo o que os americanos gostam num só filme. Assim, temos a nova queridinha da América, Geena Davis, o engraçadinho Tom Hanks e um dos ícones da cultura americana, o beisebol, como pano de fundo. Daí puseram Madonna para completar a mistura, o que já representa resenhas certas em todo o lugar.

Puseram também uma diretora, Penny Marshall, para dar um tratamento feminino à história da equipe de bravas mulheres que formava um núcleo único, em meio aos machões sexistas do beisebol nos EUA durante a Segunda Guerra.

Hummm... Pareceu aborrecido? De fato. O filme é meio assim mesmo. Tirando a delícia que é ver as atrizes (Madonna incluída, viu?) tentando jogar beisebol, em belas locações, *Uma Equipe Muito Especial* não vai muito longe.

Erika Palomino

PERDAS E DANOS ★★★★

(Damage, França/Inglaterra, 1992) Direção: Louis Malle. Com Jeremy Irons, Juliette Binoche, Miranda Richardson. Paris.

Bem que Anna Barton (Juliette), marcada pelo suicídio do irmão que a amava, avisou a Stephen Fleming (Irons), médico e político conservador, casado, vida resolvida: "Pessoas machucadas podem ser perigosas". Anna, a popular chave de cadeia, falava para ouvidos moucos – Fleming, superestruturado, incapaz de lidar com sentimentos de forma madura, rei do understatement, esta virtude (?) tão cara aos britânicos, já estava fisgado por mais esta "Lilith" e, portanto, em rota de colisão com a tragédia.

Não bastasse ser um visível poço de neuras, Anna é ainda noiva do pobre filho de Fleming, que, educado com frieza, fica fascinado pela possibilidade de poder realmente ajudar alma tão torturada. A elegante Ingrid (Miranda), a esposa, vê seu organizado mundo desmoronar e, no final, só consegue lidar com sua enorme dor se mutilando. Nada termina bem. Nem poderia.

Estava na hora de um cineasta de mão sutil tratar do tema da atração fatal, embora Malle já tenha feito coisas bem melhores, como *Adeus, Meninos*; *Lacombe, Lucien* ou o magnífico *Atlantic City*. Ainda assim, imperdível.

José Eduardo Mendonça

Perdas e Danos arrecadou US$ 7,5 milhões em 20 semanas de exibição nos Estados Unidos. "O eroticamente selvagem e profundamente comovedor *Perdas e Danos* lança um feitiço hipnótico, sem ser moralizante", *Premiere*.

Look

PARA O RESTO DE NOSSAS VIDAS★★★

(Peter's Friends, Inglaterra, 1992) Direção: Kenneth Branagh. Com Hugh Laurie, Imelda Staunton, Kenneth Branagh, Emma Thompson, Stephen Fry. Look.

Kenneth Branagh aparentemente resolveu fazer um drama sobre a juventude perdida, tema que já rendeu quilômetros e quilômetros de filmes nos EUA. Mas o que seria um filme previsível evolui e muda surpreendentemente, mostrando que Branagh começa a adquirir maturidade como cineasta. Na história, um dândi desajeitado, lembrando vagamente Oscar Wilde, recebe amigos de juventude na mansão vitoriana de seu pai, já morto. Divergências, amores não correspondidos, antigas simpatias e antipatias, tudo desfila em dois ou três dias de final de ano.

Ao contrário do diretor norte-americano Lawrence Kasdan, que mexeu no baú dos anos 60 ao juntar velhos amigos em *O Reencontro*, Branagh conseguiu dar a seu filme a cara dos anos 80 e 90. E fez um drama que se sobrepõe a muitas piadas, à nostalgia levada com deboche, à ironia que contrapõe Grã-Bretanha e EUA.

Uma volta por cima para ele, que fez um filme superior a *Voltar a Morrer*, seu primeiro trabalho nos EUA, thriller em que tentou se inspirar em Hitchcock. *Para o Resto de Nossas Vidas* é um filme comparável a *Henrique V*, versão de Shakespeare com que Branagh se revelou no cinema e nos palcos londrinos.

Marcos Strecker

Para o Resto de Nossas Vidas arrecadou quase US$ 4 milhões em cem dias em cartaz nos EUA. "É vivo, engraçado, e tem ótimas interpretações", *Newsweek*.

***Para o Resto de Nossas Vidas* não economiza lágrimas e risadas**

TEXASVILLE★
(EUA, 1991) Direção: Peter Bogdanovich. Com Jeff Bridges, Cybill Shepperd, Annie Potts. Mundial.
Ninguém tem obrigação de ter visto *A Última Sessão de Cinema*, de 1971, de Peter Bogdanovich, apesar de ser um clássico da melancolia. *Texasville*, a continuação feita vinte anos depois com os mesmos atores, poderia até ser um bom filme – caso o diretor estivesse disposto a mostrar alguma coisa nova. Mas é um apanhado de referências não amarradas da primeira história girando em torno do milionário Duane (Jeff Bridges) e da sua ex-amada, a atriz Jacy Farrow (Cybill Shepperd). Bogdanovich não precisava deste filme. E nós também não.
Cesar Garcia Lima

HERÓI SEM PÁTRIA★★
(For Queen and Country, Inglaterra, 1988) Direção: Martin Stellman. Com Denzel Washington, Amanda Redman. CIC.
Denzel Washington é um soldado inglês que serviu na Irlanda e combateu nas Malvinas. Desiludido com a carreira militar – por ser negro é preterido nas promoções – ele volta para sua vida em um bairro proletário, onde tem que enfrentar a falta de perspectivas, pobreza e racismo dos ingleses brancos, tudo agravado pelo fracasso do "milagre econômico" de Margaret Thatcher. Mas as boas intenções do diretor Stellman são prejudicadas pelo ritmo lento e pela sua indecisão entre investir nas cenas de ação ou fazer um filme de "conteúdo".
Vitor Paolozzi

AMY FISHER, A NINFETA ASSASSINA★★★
(Beyond Control: the Amy Fisher Story, EUA, 1992) Direção: Andy Tennant. Com Drew Barrymore, Anthony John Denison. TV Vídeo.
O caso Amy Fisher rendeu, nos EUA, três filmes para TV, um musical que virou hit em Nova York e um livro em quadrinhos. Amy foi para a cadeia por ter tentado matar a esposa (Mary Jo) do amante Joey Buttafuoco. Aos 15 anos, ela se apaixonou pelo mecânico Joey e se entregou de corpo e alma ao sexo e à prostituição. Ao perceber que jamais o teria com exclusividade, resolveu matar a esposa. Errou o alvo e atirou no rosto de Mary Jo, deixando-a deformada. No julgamento, Joey a desmentiu dizendo que nunca fizeram sexo. Para ganhar a opinião pública, tentou o suicídio três vezes e apesar de até a cantora Madonna ter dado seu apoio à garota dizendo que o verdadeiro culpado estava solto, as coisas correram mal para Amy. Vale a pena conferir pelo menos por Drew Barrymore, que já esteve a um passo de ser Amy Fisher.
D.P.

SINGLES – VIDA DE SOLTEIRO★★
(Singles, EUA, 1992) Direção: Cameron Crowe. Com Matt Dillon, Bridget Fonda, Kyra Sedgwick, Campbell Scott. Warner.

Singles, o filme, não chegou a ser um marco de vendagens. Nem era essa, talvez, a idéia. Já as bandas que compõem sua trilha (Soundgarden, Pearl Jam, Alice in Chains etc.) e a cidade que lhe serviu de cenário, a decantada Seattle, tiveram, como é sabido, outra sorte – tanto que hoje se fala em declínio. Mas vamos ao filme.

Trata-se de uma comédia romântica, e, como tal, despretensiosa, em que várias histórias paralelas e próximas se desenrolam simultaneamente. O pano de fundo é a cena grunge, então emergente. Há, por exemplo, Dillon, que faz o líder narcisista de uma banda local, Citzen Dick (que tem os integrantes do Pearl Jam), e a bela Bridget Fonda, sua ingênua namorada. Há também o casal mais "sensível", maduro, formado pela dupla Scott-Kyra. E há ainda personagens mais bizarros. Mas tudo não passa de bobagem, com direito a momentos constrangedores. Para alguns é inofensivo. Para outros, intragável.

Daniel Benevides

O ÚLTIMO DOS MOICANOS★★

(The Last of the Mohicans, EUA, 1992) Direção: Michael Mann. Com Daniel Day-Lewis, Madeleine Stowe, Jodhi May, Steven Waddington. Warner.

Houve uma época em que esta clássica aventura colonial do escritor James Feminore Cooper era leitura obrigatória para todo menino de 12 anos. Hoje em dia o livro, juntamente com *A Ilha do Tesouro* e *As Aventuras de Tom Sawyer*, entre outros, está virtualmente esquecido pelos adolescentes. Com certeza foi por essa razão que o diretor Michael Mann (ex-produtor do seriado de TV *Miami Vice*) resolveu fazer uma adaptação mais "adulta" da história, investindo no drama e no romance, visivelmente de olho no público feminino (e também no espectador que fez de *Dança com Lobos* um enorme sucesso de bilheteria).

Lewis (Oscar de Melhor Ator por *Meu Pé Esquerdo*) faz o papel de Hawkeye, um branco adotado por índios moicanos, que se envolve na sangrenta luta entre colonizadores franceses e ingleses na América do Norte do século XVIII. Em meio a uma guerra da qual não quer tomar partido, Hawkeye se apaixona por uma donzela inglesa (Stowe) que, depois de ser salva por Hawkeye em várias ocasiões, acaba por retribuir-lhe o amor. Um dos pontos fortes do filme, no entanto, são as seqüências de ação, e não as de amor.

O grande problema é que Lewis não funciona como herói (e só um pouco como galã). Por esses motivos e por causa de uma excessiva duração (122 minutos), o interesse do espectador despenca e se perde na segunda metade do filme, recuperando-se apenas no clímax final. A favor de *O Último dos Moicanos* está a correta recriação de época, realista até o menor detalhe de encenação. Pena que esse realismo não justifique a decisão do diretor Mann em abandonar o famoso corte de cabelo moicano em favor da pouca convincente peruca que Lewis usa.

Roberto Rios

O Último dos Moicanos foi premiado com o Oscar de Melhor Som e atingiu a marca de US$ 70 milhões de bilheteria no ano passado nos EUA. "A partir da primeira cena você já sabe que o filme não vai ser consistente", *Rolling Stone*.

Warner

Daniel Day-Lewis, no centro, faz o gênero "índio-porém-cool" em *O Último dos Moicanos*

INTERCEPTOR – O CAÇA INVISÍVEL ★★
(Interceptor, EUA, 1992) Direção: Michael Kohn. Com Andrew Divoff, Jurgen Prochnow. Sunset.
Terroristas invadem um avião de carga americano em pleno ar. O objetivo: roubar a última novidade da Força Aérea norte-americana, o caça invisível Stealth, que foi usado na guerra do Golfo e é assim chamado porque os radares inimigos não conseguem rastreá-lo. Parece adrenalina pura, não é? Mas que nada. O caça, que deveria ser a estrela do filme, acaba fazendo uma pontinha nos cinco minutos finais do filme.
Marcus Resende Gomes

GLADIATOR★★
(EUA, 1991) Direção: Rowdy Herrington. Com James Marshall, Cuba Gooding Jr., Brian Dennehy. LK-Tel/Vídeo.
Dependendo de coisas como *Gladiator*, filmes sobre boxe são um gênero esgotado. A imaginação foi a nocaute neste filme, junto com a escolha do ator principal. James Marshall (o caso ingênuo de Laura Palmer em *Twin Peaks*) é a jovem esperança branca ameaçada pelas sujeiras da máfia dos ringues. O filme tenta se segurar pela boa produção e pelo elenco de apoio, que tem o bom Cuba Gooding Jr., de *Boyz in the Hood*. Mas é o que resta porque, perto de Marshall, Maguila é Marlon Brando.
Marcos Smirkoff

TRAVESSIA SANGRENTA★
(Beyond Killimanjaro – Across the River of Blood, Itália, 1990) Direção: Martin Dolman. Com Richard Hatch, James Mitchum. Top Tape.
O canastra Hatch banca o ambientalista na selva africana e passa boa parte da história tentando esconder da namorada que está marcado para morrer pela Máfia. Na base do tiroteio, ele tenta dar seu grito de liberdade. O filme foi feito no Quênia e tem uma fotografia que lembra os melhores documentários da *National Geographic*, por isso o cenário é mais interessante que a própria intriga.
Hamilton Rosa Junior

K2 – A MONTANHA DA MORTE★★
(K2, Canadá, 1992) Direção: Franc Roddan. Com Michael Biehn, Matt Craven, Raymond J. Barry. Paris.
Dois grandes amigos, o galinhão Taylor (Biehn) e o tímido e bem casado Harold (Craven) praticam no Canadá seu esporte predileto, o alpinismo. Ao salvarem a vida do bilionário Claiborne (Barry), têm a chance de suas vidas – escalar o inóspito K2, segundo maior pico do mundo, no Paquistão. E lá, com a morte em seu encalço, largados à própria sorte, eles aprendem, a duras penas, que treino é treino, jogo é jogo.
J.E.M.

Cena de *O Homem Que Caiu na Terra*, que também ilustra a capa do disco *Station To Station* (76), de David Bowie

O HOMEM QUE CAIU NA TERRA★★★

(The Man Who Fell To Earth, 1976) Direção: Nicolas Roeg. Com David Bowie, Rip Torn e Candy Clark. Europa.

Quem só conhecia esta fita através da TV, em sua versão dublada e mutilada (no sexo, claro), deve conferir esta curiosa adaptação do romance de Walter Tevis pelo diretor inglês de *Inverno de Sangue em Veneza* e da obra-prima *A Longa Caminhada*.

O primeiro grande papel de David Bowie no cinema ainda hoje é o melhor de todos. O cantor já havia feito de sua magreza, androginia e pupila paralisada a moldura do alienígena Ziggy Stardust, caído na Terra para viver a ascensão e queda de um rock star, personagem-tema do disco que fez sua carreira decolar de vez em 1972. Assim, se encaixa perfeitamente na pele do extra-terrestre Thomas Jerome Newton, enigmático, simultaneamente poderoso e frágil. O impacto do personagem na carreira do cantor pode ser medido pelo fato de fotos suas em *O Homem Que Caiu Na Terra* ilustrarem a capa de seus dois discos posteriores, *Station To Station* (76) e *Low* (77) – coincidentemente, duas de suas melhores mutações musicais.

Nicolas Roeg já havia aproveitado Mick Jagger em simbiose semelhante, no amoral *Performance*, outro de seus melhores filmes. A marca registrada do cineasta, formado como fotógrafo, está em sua edição elíptica, entrecortando situações paralelas e saltando blocos de causa-e-efeito. Às vezes o recurso o aproxima de um "vanguardismo" pentelho e gratuito – não é o caso desta sua investida na ficção científica. O ritmo chega até a cair lá pela metade do filme, mas logo esquenta as turbinas para o aterrador final do processo de "humanização" deste E.T. adulto.

José Augusto Lemos

"É uma história que deve ser vista e não contada, tão rica é em suas subtramas, que espelham a reação do 'puro' viajante do espaço ao entrar em contato com um meio ambiente corrupto", *Variety*.

GODZILLA CONTRA BIOLLANTE ★★★

(Gojira Tai Biorante, Japão, 1989) Direção: Kazuki Omori. Com Kunihiko Mitamura, Yoshiko Tanaka. Concorde.

Seqüência do *Godzilla* de 1984, nunca exibido no Brasil. No fim da parte anterior, o selvagem monstro desaparecia dentro de um vulcão após arrasar Tóquio. Agora, tudo recomeça com agentes estrangeiros coletando uma amostra da pele de Godzilla, que havia ficado perdida entre os destroços da cidade. Dessa amostra, que é roubada por uma superpotência fictícia, serão desenvolvidas pesquisas de biotecnologia aplicadas a projetos de agricultura. Cinco anos depois, Godzilla retorna mais violento do que nunca. Para evitar a ameaça, o cientista Shiragami constrói em laboratório um ser misturando o DNA de sua filha morta, células de Godzilla e células vegetais. É o monstro Biollante, o único capaz de deter Godzilla. Orçado em 10 milhões de dólares, é um filme com produção razoável e trilha sonora excelente. Os fãs do

THE TOXIC AVENGER ★★★

(The Toxic Avenger, EUA, 1984) Direção: Michael Herz e Samuel Weil. Roteiro: Joe Ritter. Com Andree Maranda, Mitchel Cohen, Pat Ryan Jr. , Jennifer Babtist, Mark Torgl. Central.

Esqueça Hannibal Lecter, Freddy Krueger e David Lynch. Se você quer mergulhar na demência americana, sua melhor companhia é *Toxic Avenger*, que chega ao Brasil com um atraso de quase dez anos. O filme, como todos os outros produzidos pela Troma, bota no liquificador vários ícones da cultura de massa, acrescenta boa dose de cinismo e tempera tudo com cenas de extrema violência e deboche explícito.

Toxic Avenger é o herói mais popular da Troma. A história começa em Tromaville, subúrbio de Nova York onde os adolescentes mais bonzinhos se divertem atropelando criancinhas e espancando velhinhas. Melvin (Mark Torgl) é um *nerd* que vive sendo sacaneado pela turma da academia de ginástica onde trabalha como faxineiro. Numa das brincadeiras que aprontam com ele, Melvin cai num latão de lixo tóxico e se transforma em Toxic Avenger – *mezzo* monstro *mezzo* super-herói – que resolve limpar Tromaville.

O filme tem um humor debochado e absurdo. Melvin, já monstruoso, continua vivendo com a mãe e ela nem percebe o que aconteceu com o filho; envolve-se com uma garota cega (e não faltam piadas politicamente incorretas com o problema físico da moça) e arrasa os bandidos da cidade arrancando braços e pernas. É como se Harvey Kurtzman (o genial criador do *Mad* original) tivesse escrito um roteiro e entregue para George Romero dirigir. A ironia da história é que *Toxic* fez tanto sucesso por lá que acabou se transformando em tudo aquilo que satiriza: histórias em quadrinhos, camisetas, desenhos animados, bonequinhos e já está no terceiro filme da série. A demência americana, como se vê, não tem limites.

Edson Arantes

gênero não vão se decepcionar.
Alexandre Nagado

UMA ESTRADA PARA O INFERNO★★
(Highway to Hell, EUA, 1991) Direção: Ate De Jong. Com Chad Lowe, Kristy Swanson, Patrick Bergin. LK-Tel/Vídeo.
Versão "teen" para o *Inferno* de Dante, com Patrick Bergin vivendo o capeta. Casal de guris foge para se casar, pega uma estrada deserta e mergulha numa dimensão alternativa. Os demônios de Sam Raimi perdem para a turma do pedaço. O mais normal é um policial careca com a cara tatuada com nomes de suas vítimas. A mocinha da história (Kristy Swanson) é seqüestrada por ele. O noivo (Chad Lowe) tenta resgatá-la abrindo as portas do inferno de rolls-royce. Momento mais animal: uma diabinha corre peladinha atrás do mocinho para uma rápida transa. Bom assistir com um sal de frutas no bolso.
H.R.Jr.

PESADELO FUTURO★★
(Mindwarp, EUA, 1991) Direção: Steve Barnett. Com Bruce Campbell, Angus Scrimm e Marta Martin. LK-Tel/Vídeo.
Este filme é uma produção da *Fangoria*, a mais importante revista de cinema especializada em terror. Os caras sabem o que funciona em um filme de terror. E juntaram tudo nesse filme: tem citação à tão badalada realidade virtual, tem monstro gosmento, tem o toque *Mad Max*, algo das idéias do escritor Philip K. Dick, tem o mais idolatrado astro dos filmes B atuais, Bruce Campbell, e tem até uma heroína gostozinha fugindo, de calcinha e sutiã, de um monstro estuprador. Oba! O problema é que nada é tão simples. Não basta uma mistura de elementos bacanas para fazer um filme bacana. *Pesadelo Futuro* vale para uma sessão da tarde, não mais.
Rogério de Campos

PROJETO MORTAL★★
(Shadowchaser Project, EUA, 1992) Direção: John Eyres. Com Martin Kove, Meg Foster, Joss Ackland. Alpha.
"Obra-prima" do filme classe B, reunindo uma quantidade respeitável de clichês por minuto. *Projeto Mortal* junta no mesmo saco *Blade Runner* e *Duro de Matar II*, suas referências imediatas, com lugar para piadas, literais, de *Indiana Jones*. Do pastel todo sai um andróide psicopata e musculoso que rapta ninguém menos que a filha do presidente dos EUA, que trabalha num hospital como enfermeira (o uniforme é de seda...). Todo o absurdo deste filme que tem um herói chamado DaSilva (Kove) é ainda mais ampliado por Ackland (*Máquina Mortífera II*), que interpreta Kinderman, fazendo às vezes de "pai" do robô alucinado. Um verdadeiro *Maciste versus Ursus* dos anos 90.
Francisco Costa

AS CRIANÇAS DA NOITE ★
(Children of The Night, EUA, 1991) Direção: Tony Randel. Com Karen Black, Peter DeLuise, Ami Dolenz. LK-Tel.
O *plot* até é interessante: uma cidadezinha americana é totalmente vampirizada e os pacatos cidadãos transformam-se em sugadores de sangue. No meio da confusão, o herói da história (DeLuise) tenta tirar do vilarejo uma garotinha virgem (Ami Dolenz), cobiçada por todos os vampiros. Daí para frente é só besteira, estacas e sangue. A direção de Tony Randel até consegue manter o clima, mas não salva o roteiro lastimável. Karen Black, que deve estar topando fazer qualquer coisa, só faz uma ponta, apesar de seu nome vir em destaque nos créditos. Curiosidade: o filme é produzido pela *Fangoria*. Os editores deviam ter mais vergonha na cara...
E. Aran.

DRÁCULA DE BRAM STOKER★★★★

(Bram Stoker's Dracula, EUA, 1992) Direção: Francis Ford Coppola. Com Gary Oldman, Winona Ryder, Anthony Hopkins, Keanu Reeves, Sadie Frost, Richard E. Grant, Bill Campbell, Cary Elwes. LK-Tel/Vídeo.

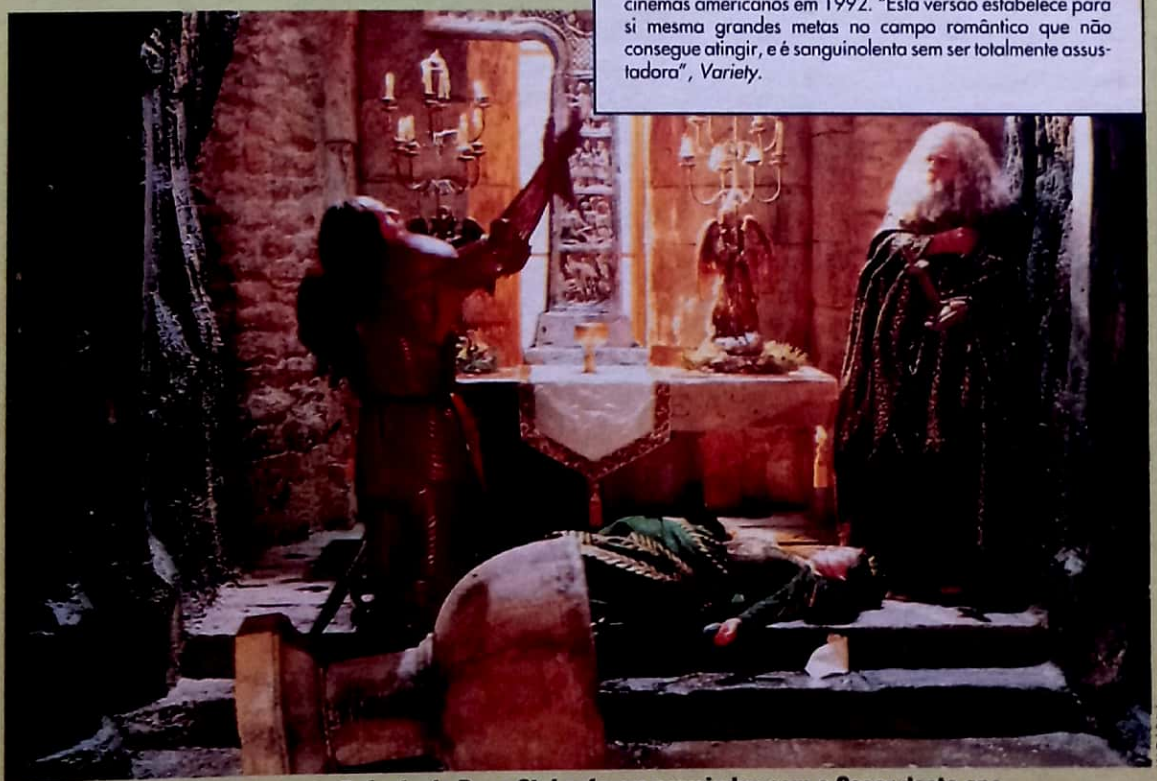
O que poderia ser dito sobre *Drácula*, a última grande obra de mr. Coppola, depois de oito meses do sucesso obtido em sua estréia, quando a própria SET em sua edição nº 67 praticamente esgotou o filme e o tema do vampirismo? Resta falar mal, o que não é o caso.

A última máxima que ouvi sobre o filme é a de que seu problema é a redenção católica obtida pelo conde no final. E daí, quem se importa se Drácula foi ou não ao encontro de Deus? O mais importante é a carga impetuosa de sentimentos que tanto Coppola quanto o roteirista Jim Hart conseguiram transmitir: a angústia de perder um amor; a solidão de viver séculos à espera de revivê-lo; a dor da paixão e de não se poder ter o ser amado; a sexualidade à flor da pele, ou a luxúria em que vivem todos os vampiros.

Tem gente que vai ler e dizer: isso dá samba! Tudo bem, não me importo, desde que os leitores acreditem que o filme é "duca" e que vale assisti-lo quantas vezes forem necessárias para entender como é a alma de um vampiro e assim aprender a sugar em completa lascívia a jugular de suas próximas vítimas.

Deborah Peleias

Drácula de Bram Stoker arrecadou US$ 80 milhões nos cinemas americanos em 1992. "Esta versão estabelece para si mesma grandes metas no campo romântico que não consegue atingir, e é sanguinolenta sem ser totalmente assustadora", *Variety*.



LK-Tel/Vídeo

Os figurinos e a maquiagem de *Drácula de Bram Stoker* foram premiados com o Oscar deste ano

LK-Tel/Vídeo

Rita Hayworth brilha em *Modelos*

MODELOS★★★★

(Cover Girl, EUA, 1944) Direção: Charles Vidor. Com Rita Hayworth, Gene Kelly, Lee Bowman, Phil Silvers. LK-Tel/Vídeo.

Atenção: esta é uma resenha em que você não vai ler "nunca houve uma mulher como Rita Hayworth". Isso posto, vamos ao que interessa. Para quem, quando se fala em Rita Hayworth, pensa logo em *Gilda*, duas informações dignas de nota: *Modelos* foi feito dois anos antes de a atriz se tornar *bombshell*, também sob as mãos hábeis de Charles Vidor.

Em *Modelos*, Rita já era uma estrela, mas não ainda nas proporções estúpidas que tomou a coisa. Pois Rita interpreta uma "chorus girl", uma corista aspirante ao estrelato. Seu parceiro é ninguém menos que Gene Kelly, com músicas de Jerome Kern e letras de Ira Gershwin. Tudo isso já faz de *Modelos* um atrativo para quem gosta de musicais.

Em termos de canção, o filme nos propiciou uma das maravilhas da música americana, "Long Ago (And Far Away)", cantada docemente por Gene Kelly a Rita Hayworth, com o precioso verso (intraduzível, como os melhores Gershwin) "chills run up and down my spine, Alladin's lamp is mine". Só isso já valeria comprar a fita para ter em casa.

Além, claro, do rosto de boneca de Rita nessa produção. E ver como funcionava a nem tão ingênua indústria da beleza em Hollywood dos anos 40.

Erika Palomino

Vencedor do Oscar de Melhor Trilha Sonora de Musical de 1944. "As seqüências de dança que exibem as habilidades de Hayworth e Kelly são feitas magistralmente. A trilha de Jerome Kern e Ira Gershin, constituída de sete músicas, é de alto calibre", *Variety*.

THE STORY OF ROCK'N'ROLL – JERRY LEE LEWIS★★★★
(EUA, 1991) Direção: Chris Hegedus e D.A. Pennebaker. BMG.

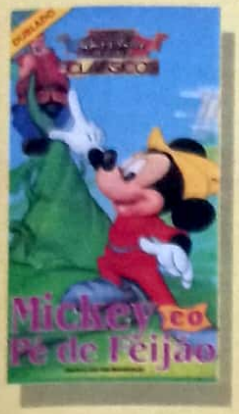
Num certo cartório cultural, a briga para se conseguir o carimbo na certidão de paternidade do rock'n'roll é das mais confusas. Do Diabo em diante um bom número de "artistas" (ou seus despachantes) se debatem pela honra de serem considerados os inventores. *The Story of Rock'N'Roll – Jerry Lee Lewis* é um documento importante para ajudar a elucidar a questão.

Ainda que estruturado numa apresentação mais comedida de Jerry Lee (no Toronto Rock'N'Roll Revival, em 1969), o vídeo brilha pela preciosidade dos trechos tirados de um passado de poesia preto-e-branco, histórico. Com uma seleção que vai de "Great Balls of Fire" a "Whole Lotta Shakin' ", a fita é um documento indispensável para quem quer ter culpa no cartório.

Fabio Massari

RED HOT CHILI PEPPERS – FUNKY MONKS★★★
(EUA, 1991) Direção: Gavin Bowder. Warner.
Documentário tenebroso das gravações do disco *bloodsugarsexmagik*. Tenebroso porque os apimentados roqueiros fizeram questão de preparar o disco numa mansão mal-assombrada dos arredores de Los Angeles. A casa em questão foi habitada por gângsters nos anos 20 e a banda jura que entre um acorde e outro viu alguns fantasmas passeando pelo corredor. O filme tem fotografia em preto-e-branco, não mostra assombrações mas em compensação documenta como a banda conseguiu inspiração para os arranjos de "Breaking the Girl" e "They're Red Hot". O batuque de "Breaking the Girl", por exemplo, foi armado por Flea enquanto brincava com canos e latas.
H.R.Jr.

LA CARRERA PANAMERICANA★★★
(Inglaterra, 1992) Direção: Ian McArthur. Com Dave Gilmour e Nick Mason. Sony.
Esta fita é só para quem gosta de carros antigos. É muito mais bem-produzida que a média do gênero – tem trilha sonora especial do Pink Floyd, que, apesar de chata, ainda supera quase tudo o que se encontra na concorrência (que é, na maior parte dos casos, uma salada insossa de músicas de época em versões nada originais). Dave Gilmour e Nick Mason (guitarrista e baterista do grupo, respectivamente) mostram como é bom ter grana sobrando para atravessar o México em seis dias, pilotando dois Jaguar 1952, em uma edição comemorativa da Carrera Panamericana, corrida de estrada que foi disputada entre 1950 e 1954. Algumas cenas de jornais cinematográficos mostram como era arriscar o pescoço naquela estradinha, enquanto o pessoal saudosista da prova moderna também estoura seus Jaguar, Alfa, Studebaker e Oldsmobile em árvores e barrancos. Se o seu negócio é ferrugem, vale o aluguel.
M.Sm.



MICKEY E O PÉ DE FEIJÃO★★★
(Mickey And The Beanstalk, EUA, 1947) Direção: Hamilton S. Luske. Abril Vídeo.
DONALD NO PAÍS DA MATEMÁGICA★★★★
(Donald In Mathmagic Land, EUA, 1959) Direção: Hamilton S. Luske. Abril Vídeo.

Dois bem-vindos acréscimos à série de "mini-clássicos" Disney, estas fitas – de cerca de meia hora cada – obviamente não têm o impacto visual de um *Pinóquio*, mas merecem uma atenção especial. Quer dizer, crianças e marmanjos disneyófilos incuráveis não vão se contentar em assisti-las uma única vez. *Mickey e o Pé de Feijão* já é conhecido de cor por quem assistia religiosamente *Disneylândia* todo domingo de manhã na TV. Sua produção é bem anterior ao lançamento original, iniciada na crise que o estúdio atravessou durante a Segunda Guerra. Pela primeira vez Walt Disney não faz a voz de Mickey (detalhe irrelevante, já que todas suas produções são editadas aqui com dublagem; se pelo menos a Abril Vídeo fizesse uma tiragem limitada com o som original...). Além disso, o filme marca a etapa final do desenvolvimento visual do ratinho como o conhecemos hoje, revisão iniciada pelo grande Fred Moore em O *Alfaiate Valente* (38), em que Mickey também enfrenta um gigante.

Já *Donald No País da Matemágica* é uma das maiores preciosidades da série educativa produzida pelo estúdio nos anos 50. Apesar de traços mais simples, vence pelo brilhante roteiro: uma visita à Grécia antiga para encontrar o "matemágico" Pitágoras, um personagem sob medida para a Disney em sua fusão de arte e ciência como manifestações divinas na terra. Se não apaixonar seu filho pela matemática em particular e pelas chamadas "ciências exatas" em geral, pode considerar o garoto um caso perdido.

J.A.L.

O MELHOR DE PERNINHA E LILICA★★★★
(Promise Her Anything/ Thirteen Something, EUA, 1993) Direção: Ken Boyer e Jon McClenahan. Warner.
Dois clássicos do Tiny Toons. No primeiro desenho rola uma festança na universidade – onde os molequinhos têm aula com os mestres Pernalonga, Frajola, Patolino... – e Perninha tenta "tombar" com umas danças para enganar otário que copiou dos desenhos antigos do Pernalonga. É lógico que o negócio acaba pegando mal. No segundo episódio, Lilica resolve entrar para o mundo humano da TV e dá uma de atriz numa série tipo *Barrados No Baile*. Nessas, acaba passando pelo programa do Geraldo – aquele mundocão que passa no SBT – e cruza com Arnold Schwarzenegger e Steven Spielberg.
Carlos Eduardo Miranda

TAZ-TRONAUTA★★★
(Taz-Tronaut, EUA, 1992) Direção: Leonard Robinson, Douglas McCarthy e Jon McClenahan. Warner.
TECNO-TAZ★★
(Techno-Taz, EUA, 1992) Direção: Keith Baxter. Warner.
Inacreditável! O herói mais radical dos desenhos animados, coadjuvante giratório e esfomeado do Pernalonga, conseguiu passar para o primeiro time. Taz agora ataca em carreira solo. Mas qual não é a decepção ao se descobrir que inventaram uma tropa de maletas para dividir os preciosos minutos de animação com o Demônio da Tasmânia. É uma cambada de chatos que falam pelos cotovelos contra nosso herói, que até mudo é. Ou quase. É coisa para qualquer fã ficar irado. Mas nem tudo são agruras. Sempre que os roteiros focam a ação nele, a coisa pega fogo. Esse é o caso da fita *Taz-tronauta*. São quatro desenhos bem legais. Já *Tecno-Taz* é um pouco chata, com seus coadjuvantes roubando a cena. De bom só restam os cenários. Exacerbações da estilização radical que o mestre Chuck Jones usava nas aventuras do Papa-Léguas.
C.E. M.

Abril Vídeo

Produzido há 53 anos, *Pinóquio* permanece uma das maiores obras-primas da história da animação

PINÓQUIO★★★★★

(Pinocchio, EUA, 1940) Direção: Hamilton Luske. Abril Vídeo.

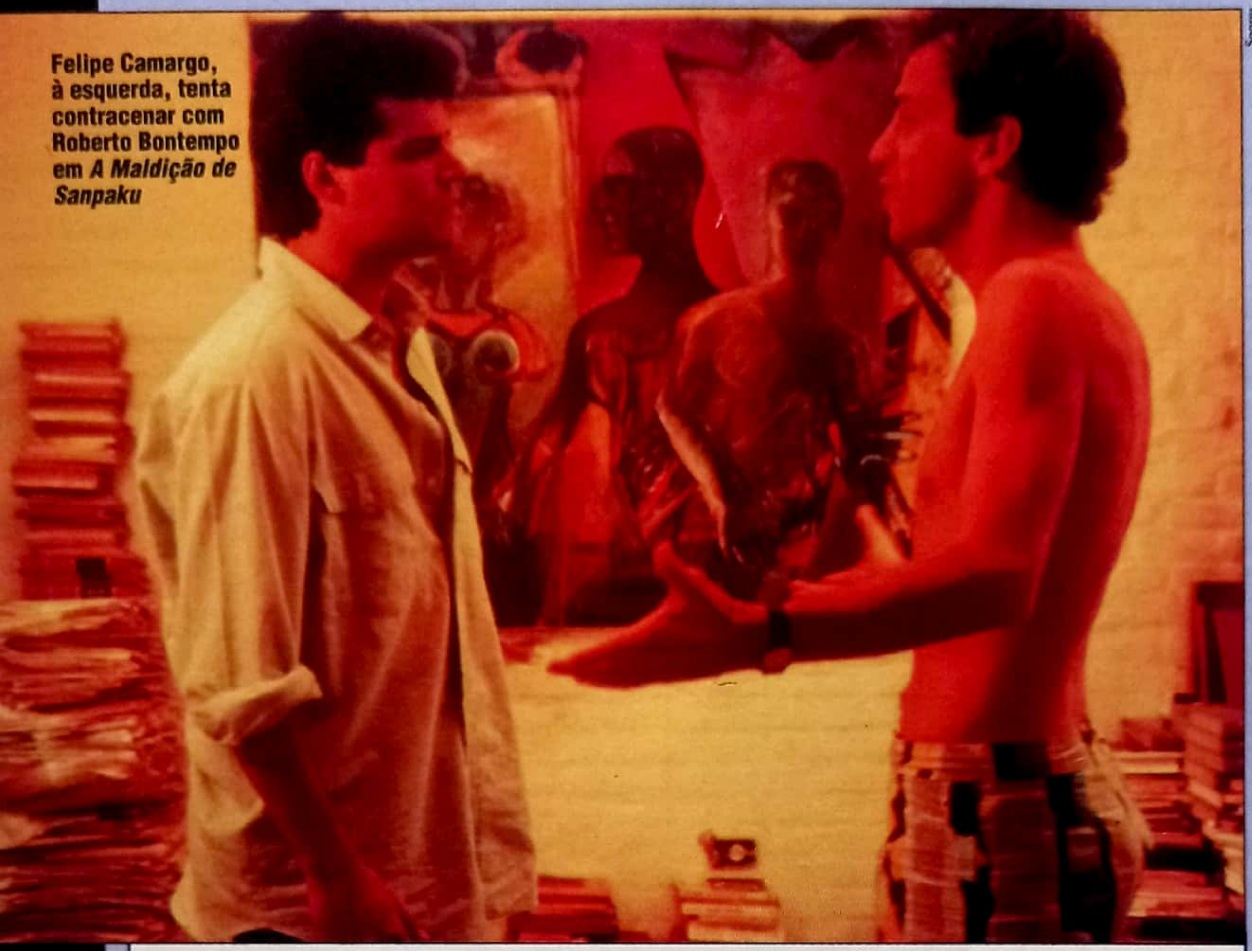
Alguém lembra quem foi Carlo Collodi? Foi quem escreveu o *Pinóquio* original. Assistindo a esta obra-prima de Disney fica difícil mesmo atribuir as aventuras do bonequinho narigudo a outro senão o caipirão americano Walt. Suas marcas registradas estão todas aqui: bons sentimentos, aventura e nonsense controlado, distribuído por personagens para lá de carismáticos. É o caso do Grilo Falante, que serve como consciência de Pinóquio. Mais que isso, ele simboliza os ideais do mundo Disney, que bem ou mal fizeram escola. É só lembrar que o tema do grilo, "When You Wish Upon a Star", foi levado às estrelas por Spielberg em *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*.

Tudo deu certo nesse desenho, em parte graças ao perfeccionismo de Disney, que reprovou os primeiros seis meses de trabalho. Valeu a pena. Uma olhada atenta na seqüência final com a baleia explica mais do que caberia dizer neste espaço. O melhor é que a versão em vídeo partiu de uma recuperação dos negativos originais do desenho, trazendo de volta as cores e contrastes de luz das primeiras cópias exibidas em cinema.

E ainda tem de se levar em conta os detalhes cavernosos e deliciosos da história. Como em muitos dos antigos contos infantis, as lições de moral em *Pinóquio* são levadas a conseqüências radicais. E Gepeto, o pai-inventor do garoto de madeira, tem seu dia bíblico *à la* Jó, indo parar dentro da barriga de uma baleia. Com gato e peixinho dourado.

Marcos Smirkoff

Ganhou os Oscar de Melhor Canção ("When You Wish Upon a Star") e Melhor Trilha Sonora de 1940. "*Pinóquio* é uma densa obra de entretenimento para crianças e adultos. Tanto a animação como a fotografia estão muito evoluídas em relação ao primeiro longa de Disney, *Branca de Neve*", *Variety*.



Sagres

Felipe Camargo, à esquerda, tenta contracenar com Roberto Bontempo em *A Maldição de Sanpaku*

A MALDIÇÃO DE SANPAKU★

(Brasil, 1992) Direção: José Joffily. Com Felipe Camargo, Roberto Bontempo, Patrícia Pillar, Rogéria. Sagres.

Os cineastas nacionais são safados, safados. A geração Cinema Novo até entendia de sétima arte mas preferia pegar dinheiro na Embrafilme e fazer alegorias sobre a relação entre proletariado e burguesia. No Brasil Colonial! O público? Ora, por que se preocupar com ele quando quem paga a conta é o contribuinte? De uns tempos para cá, entretanto, surgiu uma nova geração de (vá lá) diretores que se preocupa com o público pagante, adora filmes policiais dos anos 40 e até quer fazer cinema comercial, mas – tragédia!– não entende picas do assunto.

O último integrante deste Novíssimo Cinema Brasileiro (de onde já despontaram para o anonimato Walter Salles Jr. e Guilherme de Almeida Prado) é José Joffily com *A Maldição de Sanpaku* – sua produção anterior, *Urubus e Papagaios*, quase ninguém viu. O filme (?) é uma trama (?) policial mal-alinhavada envolvendo uma pedra preciosa, uma aeromoça (Patrícia Pillar), um escritor (Felipe Camargo) e uma quadrilha de contrabandistas. Todos os chavões do cinema *noir* estão lá. Todos no lugar errado, claro. Os diálogos são tão ridículos que o Código de Defesa do Consumidor deveria entrar em ação imediatamente.

Na escalação do elenco os equívocos foram ainda maiores. Felipe Camargo, coitado, não é ator, nunca foi, e deveria se contentar em ser apenas o Sr. Vera Fischer – o que, convenhamos, não é mau negócio. Patrícia Pillar está linda como sempre mas, como quase não tira a roupa, ficamos privados de apreciar seu talento dramático. Rogéria está tão *fake* e deslocada no papel de matadora que parece ter caído do caminhão de mudança do John Waters ao passar pelas areias de Copacabana.

A Maldição de Sanpaku, lamento, não chega nem perto do que chamamos de filme. Cinema comercial é OK, mas é bom que os novíssimos cineastas caboclos gastem algumas horas na frente de uma tela antes de produzirem suas obras. Do verbo "obrar", naturalmente.

Edson Arantes

"Tem charme e proporciona boa diversão. Mais um pouco e seria bom de verdade", *O Estado de S.Paulo*. "Sanpaku cumpre o que promete – uma trama policial com humor, que empresta um pouco da alma carioca ao espírito de Dashiell Hamett", *Jornal do Brasil*.

BUSCA MORTAL★★★

(Shattered, EUA, 1992) Direção: Wolfgang Petersen. Com Tom Berenger, Bob Hoskins, Greta Scacchi. Paris. Carro do rico arquiteto Merrick (Berenger) despenca em precipício. Todo arrebentado, ele perde a memória e tem o rosto reconstruído por médicos. Tenta recuperá-la com a ajuda de sua mulher, Judith (Greta), que estava junto e se safou. Enquanto busca descobrir seu passado, Merrick acha fotos que revelam a existência de um terceiro em sua vida conjugal. Para ajudá-lo a resolver um quebra-cabeças cujas peças não se encaixam, chama o asmático detetive Gus Klein (Hoskins). Final surpreendente e clímas de densidade incomum em filmes americanos do gênero.

J.E.M.

JOE & ELAINE, COMO BONNIE & CLYDE★★

(Bail Jumper, EUA, 1990) Direção: Christian Faber. Com Eszter Balint, B.J. Spalding, Tony Askin. FJ Lucas. Christian Faber fez uma espécie de cruzamento entre Jim Jarmusch e David Lynch neste policial: do primeiro tirou a história de Joe e Elaine (mais a atriz Eszter Balint, que atuou com Jarmusch), narrada em ritmo etílico e pontuada por frases de efeito como "você está vendo a minha geladeira morrer", e do segundo, a idéia sem sentido mas divertida de cercar os personagens com acidentes pouco prováveis e desastres naturais. Mas para ser visto como comédia o filme necessita que o espectador esteja um pouco bêbado, pelo menos para juntar os dois estilos sem prejuízos. Ou, então, agüente a pretensão do diretor.

M.Sm.

SODA CRACKER – O REFLEXO DA MORTE★
(The Kill Reflex, EUA, 1990) Direção: Fred Williamson. Com Fred Williamson, Maud Adams e Bo Svenson. Califórnia.
O policial-herói Soda Cracker investiga a morte de seu parceiro. Seu superior exige que ele pare a investigação, mas ele resiste e luta por justiça. Nada original, mas com um pouco de molho este argumento já rendeu dezenas de bons filmes. O problema é que a única "ousadia" deste filme é ter um protagonista negro, que transa com uma mulher branca. Soda Cracker é interpretado pelo ator Fred Williamson, também diretor e produtor do filme. Tanto trabalho parece ter sobrecarregado o pobre Williamson. O ritmo é arrastado feito um filme de arte europeu, a falta de amarração é completa. E, como ator, Williamson também se arrasta o tempo todo, caindo a qualquer tapinha. Seria de dar pena, não fosse ele o culpado por tamanho desperdício de celulóide.
R.C.

MISTÉRIO, SEDUÇÃO E... MORTE!★
(Blind Vision, EUA, 1990) Direção: Shuki Levy. Com Lenny Van Dohlen, Deborah Shelton, Louise Fletcher. Sato.
Não espere muito mistério nem sedução desta fita. Aliás, nem leia o rótulo dela, porque tudo o que está escrito é enrolação. A história do psicologicamente desequilibrado William Dalton (Van Dohlen) já foi contada em filmes bem melhores: ele é tímido e tem obsessão por uma loira (meio passada) que trabalha em seu escritório e coincidentemente mora no prédio em frente ao seu. Nas horas vagas, Dalton é fotógrafo e voyeur, isto é, fica olhando a loira com uma superlente. Ela nem tchuns para ele. Numa noite, ele assiste ao assassinato do novo namorado dela e passa a ser o suspeito. Neste ínterim, percebe-se que todo o problema do doidão é a mãe, superprotetora, e que no final quase tudo dará certo.
D.P.

AGENDA SECRETA★★★★
(Hidden Agenda, Inglaterra, 1990) Direção: Ken Loach. Com Frances McDorman, Brian Cox, Brad Dourif. Paris.

Impressionante thriller político, vencedor do Prêmio Especial do Júri do Festival de Cannes de 1990, inspirado em acontecimentos da turbulenta Irlanda do Norte.
O filme começa com uma operação do serviço secreto inglês, que seqüestra e mata um jornalista. A partir daí, a luta para descobrir o que aconteceu com o jornalista envolve terroristas do IRA, encadeia-se com outros fatos e chega ao clímax: um complô da direita inglesa que teria provocado a queda do então Primeiro-Ministro britânico, o trabalhista Harold Wilson.
V.P.

SOB O DOMÍNIO DO MAL★★★★

(The Manchurian Candidate, EUA, 1962) Direção: John Frankenheimer. Com Frank Sinatra, Laurence Harvey, Angela Lansbury, Janet Leigh. Warner.

Sob o Domínio do Mal, de John Frankenheimer, sempre foi considerado um grande filme desde o seu lançamento. Por causa de sua história, no entanto, dois outros adjetivos foram incorporados depois à menção de seu nome: adjetivos ligados à premonição e ao azar. Premonição porque sua história, bem-escrita e contada com eficácia, tem como tema o assassinato de político proeminente dos EUA, planejado a partir da lavagem cerebral de soldados americanos durante a guerra da Coréia, e mostrado na seqüência inicial, um longo travelling de 360 graus, brilhante, onde a direção mistura dois tempos de ação. Um assassinato que antecipou de certa forma, em 1962, a morte de John Kennedy (1963) e Robert Kennedy (1968).

Frank Sinatra, à esquerda, em cena do "maldito" *Sob o Domínio do Mal*

Azar porque Frank Sinatra, ator do filme e um de seus produtores, depois da morte de Robert Kennedy, recolheu *Sob o Domínio do Mal* e não permitiu mais que o filme fosse exibido em nenhum lugar, até 1989, quando resolveu liberá-lo novamente. Azar também para o diretor Frankenheimer, que depois de 1968 não conseguiu mais fazer nenhum outro filme importante. Por causa de ser ele o diretor de *Sob o Domínio do Mal*? Não exatamente. É que Robert Kennedy, enquanto ia de carro para o hotel de Los Angeles em que seria assassinado, dizia ao motorista que provavelmente não conseguiriam chegar na hora. O motorista garantiu que sim e chegou na hora, apesar do trânsito difícil, bem a tempo de entregar Kennedy à morte. Quem era o motorista? Bingo: John Frankenheimer. O diretor nunca mais se recuperou emocionalmente.

Quem assistir agora em vídeo a este filme de Frankenheimer, inegavelmente um grande espetáculo de cinema, gostará ainda mais do que vai ver, lembrando-se dos fatos contados acima. E observe a notável interpretação de Angela Lansbury como a mãe ambiciosa do político. *Sob o Domínio do Mal* é criativo, perturbador e, vá lá o clichê, um filme adiante de seu tempo. Literalmente.

Adilson Laranjeira

Sob o Domínio do Mal recebeu uma indicação para o Oscar de Melhor Montagem e Angela Lansbury foi indicada para Melhor Atriz Coadjuvante, em 1962. "A adaptação de George Axelrod e John Frankenheimer do best-seller de Richard Condon funciona bem em todos os departamentos", *Variety*.

Spencer Tracy reavalia o sentido de sua vida após o casamento de Elizabeth Taylor, em *O Pai da Noiva*

O PAI DA NOIVA★★★★

(Father of the Bride, EUA, 1950) Direção: Vincente Minnelli. Com Spencer Tracy, Elizabeth Taylor, Don Taylor, Joan Bennett. Warner.

O Pai da Noiva, de Vincente Minnelli, é uma comédia clássica. Produção modesta para os padrões da então toda poderosa MGM, rodado em apenas 28 dias, o filme faturou em sua estréia nos EUA US$ 4,15 milhões. Desse sucesso foi feita uma seqüência pelo mesmo diretor e elenco, em 1951, *O Netinho do Papai* (*Father's Little Dividend*), e uma série para a TV de 34 episódios levada ao ar na temporada 1961-1962 pela CBS. Os compositores Alan Jay Lerner e Frederick Loew (a dupla de *My Fair Lady*) pensaram em fazer um musical da mesma história, que, a propósito, foi refilmada em 1991 (*O Pai da Noiva*, de Charles Shyer), com Steve Martin no papel aqui representado por Spencer Tracy.

A história é conhecida. Um pai (Tracy) é surpreendido com a decisão da filha, Elizabeth Taylor (com 18 anos na época), de casar-se. Ele tem então de adaptar-se ao noivo (Don Taylor) e, junto com a mulher (Joan Bennett), encarar as despesas e os difíceis preparativos para a festa de casamento, além de conviver com o sentimento de perda, provocado pela notícia de que a filha vai sair de casa para sempre. Como geralmente acontece, este original de 1950 é melhor que a refilmagem. Primeiro porque o roteiro do casal Francis Goodrich e Albert Hackett, escrito a partir de um romance de Edward Streeter, é primoroso e rico de observações sobre a vida das pessoas quando colocadas frente a esta situação pela qual todos passam. Depois, pela direção elegante e refinada de Minnelli e finalmente pelo elenco, no qual predomina o carisma de Spencer Tracy.

O vestido de noiva de Elizabeth Taylor, desenhado por Helen Rose, custou, sozinho, US$ 1,8 mil. Helen Rose, por causa disso, foi convidada logo em seguida por Elizabeth para desenhar o seu vestido de casamento com o milionário Nick Hilton, herdeiro da cadeia de hotéis Hilton e primeiro marido da atriz. Os tempos de então, como o próprio filme, eram outros. Daí *O Pai da Noiva* ser uma deliciosa nostalgia.

Adilson Laranjeira

Recebeu uma indicação para o Oscar de Melhor Filme de 1950. "*O Pai da Noiva*, o filme, propicia tantas risadas quanto o livro de Edward Streeter", *Variety*.

ARY TOLEDO COM A CORDA TODA★★
(Brasil, 1993) Direção: Ary Toledo. Com Ary Toledo. Lunil.
A pretensa sofisticação de certos formadores de opinião "transformou" em humor apenas o que é sutil, capaz de provocar sorrisos mas nunca gargalhadas. Se para você humor também é isso, passe longe desta fita. O vídeo é o show (que ficou em cartaz durante seis anos e foi assistido por mais de um milhão pessoas) filmado. Tem piadas boas, tem piadas ruins, todas grossas, a maioria engraçada. Ary é um ótimo showman e a fita não é de todo má. Poderia ser melhor se a direção não fosse tão ruim. Faltam closes, enquadramentos diferenciados, mais takes da platéia, uma iluminação e uma edição mais cuidadas. De qualquer forma, é boa opção para um domingão chato. Assista junto com os amigos, tomando cerveja.
E. Aran.

NÃO QUERO FALAR SOBRE ISSO AGORA★★★
(Brasil, 1991) Direção: Mauro Farias. Com Evandro Mesquita, Eliana Fonseca, Marisa Orth. HVC.
A saga de um sujeito comum que quanto mais se desencaminha na vida mais persegue algum tipo de sucesso. Daniel O'Neill (Evandro Mesquita, também co-autor do roteiro) arrisca a sorte como escritor de televisão, professor de inglês, músico e fotógrafo – mas fracassar parece seu destino. Inclusive quando tenta entrar na congestionada rota do tráfico de drogas. Pontos brilhantes deste filme simpático são as atuações de Eliana Fonseca e Marisa Orth, como as mulheres da vida de Daniel.
Edmar Pereira

O GORDO E O MAGRO – VOLUME 1★★★

Inquilinos do Barulho (Laughing Gravy, EUA, 1931) Direção: James W. Horne.
Dois a Dois (Twice Two, EUA, 1933) Direção: James Parrott.
O Morto-Vivo (The Live Ghost, EUA, 1934) Direção: Charles Rogers. Com Stan Laurel e Oliver Hardy. Continental.

Os filmes do Gordo e o Magro já fizeram rir gerações e gerações de cinéfilos e continuarão fazendo por muitos e muitos anos. As gags são simples, diretas, sem sutileza e, por isso mesmo, engraçadíssimas. Embora esta seleção da Continental não apresente os melhores trabalhos da dupla, não deixa de ser uma boa introdução ao seu humor. Dos três curtas, o melhor é o segundo, em que Laurel e Hardy fazem o papel de suas mulheres (um casou com a irmã do outro) com resultado hilariante. Os outros dois espisódios mostram as confusões da dupla numa pensão durante uma noite fria de inverno e seu encontro com um fantasma de mentira num navio supostamente assombrado. Gargalhadas garantidas. Mas a Continental fica devendo aos fãs da dupla outras fitas com trabalhos melhores. Um recado para a distribuidora: não está na hora de resgatar as maluquices do *Keystone Kops*?

E. Aran.

A Bela e a Fera, produção da Disney de 1991 premiada com os Oscar de Melhor Trilha Sonora e Melhor Canção, chega em setembro às locadoras. ***Cães de Aluguel***, a aclamada estréia do diretor e ator norte-americano Quentin Tarantino, sai em vídeo poucos meses após sua carreira nos cinemas brasileiros. Também passando rapidamente das telas para a TV estão ***O Óleo de Lorenzo***, o melodramático filme de George Miller (diretor de ***Mad Max***) que deu uma indicação ao Oscar para Susan Sarandon, e ***Código de Honra***, dirigido por Robert Mandel e estrelado por Chris O'Donnell (de ***Perfume de Mulher***) e Brendan Fraser (de ***O Homem da Califórnia***).

BOLSA DE VÍDEO

Clássicos dominam a preferência e ficam com os quatro primeiros lugares

	Celso Fioravante Folha de S. Paulo	Marcel Plasse O Estado de S. Paulo	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Roberto Rios TVA	Rubens Edwald Filho Jornal da Tarde	Wanderley Sanches Veja São Paulo	Hamilton Rosa Jr. Folha de Tarde	Luciano Trigo O Globo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Vitor Paolozzi Set	Média
1º *Sob o Domínio do Mal* (Warner)	–	9	9	10	10	–	10	8	–	–	9.3
2º *Pinóquio* (Abril Vídeo)	8	9	9	10	10	9	9	8	7	10	8.9
3º *Modelos* (LK-Tel)	–	–	9	8	10	–	–	–	6	–	8.3
4º *O Pai da Noiva* (Warner)	–	8	9	8	10	8	–	8	6	–	8.1
5º *Bram Stoker's Dracula* (LK-Tel)	7	7	7	5	7	10	9	6	8	7	7.3
6º *Perfume de Mulher* (CIC)	7	7	8	8	7	8	7	6	5	7	7
7º *O Homem que Caiu na Terra* (Europa)	7	8	7	7	6	8	8	7	5	6	6.9
8º *Vida de Solteiro* (Warner)	6	8	6	–	5	9	8	6	7	–	6.9
9º *Perdas e Danos* (Paris)	5	7	7	4	7	8	8	6	3	5	6
10º *Uma Equipe Muito Especial* (LK-Tel)	–	7	6	7	6	7	7	5	3	6	6

OS MAIS ALUGADOS

JUNHO

BRASIL

1 *Instinto Selvagem* (LK-Tel/Vídeo))
2 *A Morte lhe Cai Bem* (CIC)
3 *A Força Em Alerta* (Warner)
4 *Uma Luz na Escuridão* (Abril Vídeo)
5 *Mudança de Hábito* (Abril Vídeo)
6 *1492 – A Conquista do Paraíso* (Vídeo Arte)
7 *Chaplin* (Look Vídeo)
8 *Retorno a Howards End* (Europa)
9 *Face a Face com o Inimigo* (Top Tape)
10 *A Prostituta* (Europa)

Fontes: Vídeo Factory (SP), Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo(SP), Vídeo Shack (RJ), Copa 6 (RJ), Star Vídeo (GO), Scorpius (GO), Cine Vídeo (GO), Vídeo 2 (S.Bernardo do Campo), Vídeo Gama (RS), Back I (RS)

EUA

1 *Jurassic Park* (Universal)
2 *Cliffhanger* (TriStar)
3 *Made in America* (Warner Bros.)
4 *Guilty as Sin* (Buena Vista)
5 *Dave* (Warner Bros.)
6 *Menace II Society* (New Line)
7 *Life With Mikey* (Buena Vista)
8 *Hot Shots! Part Deux* (20th Century Fox)
9 *Sliver* (Paramount)
10 *Super Mario Bros* (Hollywood)

Fonte: *Entertainment Weekly* (de 25/06/93 à 08/07/93)

O ÚLTIMO GRANDE HERÓI

Schwarzenegger tenta fazer filme-cabeça e decepciona os fãs que esperavam sangue e muita ação

Quem foi o alucinado que botou na cabeça de Arnold Schwarzenegger que ele deveria fazer filmes mais "complicados" e "profundos"? Não existe castigo suficiente para um estraga-prazeres desses.

O Schwarza que todo mundo ama é o troglodita boçal de *O Exterminador do Futuro*, que não perguntava nada, só destruía. Ninguém paga ingresso para ver Schwarzenegger pensando. O povo quer sangue. Arnold sabe disso e durante toda sua carreira não deu bola fora: sempre fez filmes violentos, com muita ação e, mais importante, com roteiros simples e eficazes.

O Predador e a série *O Exterminador do Futuro* eram filmes B com orçamentos milionários. A fórmula sempre deu certo: um herói bacana, um bandido mais bacana ainda e muita pancadaria. Para que mais? Alguém esperava que Arnold fosse se tornar algum Ingmar Bergman?

Infelizmente Schwarza botou na cabeça que seus filmes precisavam de mais conteúdo. Não sei se é culpa da idade, se ele está sendo pressionado por grupos reacionários de combate à violência nas artes, mas o fato é que nosso ídolo virou um pacifista chato, um bom moço, um Betinho de 100 quilos.

O resultado é *O Último Grande Herói*. A história não tem nada de novo: um garoto, fã de filmes de ação, acaba por mágica "entrando" dentro de uma tela de cinema, onde encontra seu herói, Jack Slater (Schwarzenegger).

O filme é hipócrita: quer ser sério, quer se destacar por uma pretensa inteligência, quer mostrar um Arnold mais "vulnerável", mas ao mesmo tempo não pode abrir mão do batalhão de fãs que o ator ganhou com seus filmes legais. Para isso, finge que é radical, finge que vai trazer a mesma brutalidade irracional de *O Predador*. Pelos primeiros 40 minutos até engana um pouco, com ótimas cenas de ação.

Mas o tempo passa e o filme murcha. Os fãs se coçam, se espreguiçam... "Quando é que ele vai arrebentar a cabeça de alguém?" Mas isso não acontece. Em vez disso, vemos Arnold se contorcendo de culpa por ser tão violento, desfilando piadinhas auto-referentes, como se estivesse fazendo uma autocrítica e pedindo desculpas por ter sido um herói da molecada.

O brutamontes resolve ser bonzinho e estraga *O Último Grande Herói*

Como comédia, até que *O Último Grande Herói* funciona bem. Em quase duas horas, contam-se seis ou sete boas gargalhadas da platéia. Como filme de ação, é uma nulidade. Se, como o título deixa a entender, esse é o último filme de "ação" da carreira do ator, é melhor correr para a locadora e pegar um estoque de predadores, exterminadores, sobreviventes, vingadores... É assim que queremos lembrar o velho Schwarza.

André Barcinski

The Last Action Hero, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: John McTiernan ■ ROTEIRO: Shane Black e David Arnott ■ DIRETOR DE FOTOGRAFIA: Dean Semler ■ EDIÇÃO: Richard Harris e John Wright ■ MÚSICA: Michael Kamen ■ Com Arnold Schwarzenegger, Austin O'Brien, F. Murray Abrahams, Art Carney, Charles Dance, Frank McRae ■ Columbia

MADADAYO

Apesar do final arrastado, Kurosawa realiza uma obra comovente sobre um mestre e seus alunos

Kurosawa foi ovacionado pela crítica internacional presente no badalado Festival de Cinema de Cannes, depois da exibição do *hors concours* *Madadayo*, baseado nos últimos vinte anos da vida do professor e escritor japonês Hyakken Uchida (1889-1971). Considerado um autor libertário e bem-humorado, Uchida ficou famoso por se recusar a aceitar uma cadeira na Academia de Arte Japonesa.

A primeira seqüência de *Madadayo* pode surpreender os menos avisados, pela reverência que faz à figura do professor. O *sensei* (Tatsuo Matsumura, esplêndido) despede-se dos alunos, depois de 30 anos de ensino de alemão, porque vai dedicar-se a escrever. Estamos em 1943 e o excêntrico professor, que só recebe visita dos ex-alunos de quinze em quinze dias, desenha pueris armadilhas para assaltantes e adolescentes que mijam nas paredes. Calibrado a litros de saquê, ele encanta os convidados com histórias maravilhosas e canções emocionadas.

Em *Madadayo*, Kurosawa

Não é à toa que os alunos lhe dão de presente uma casa, depois da antiga ter sido destruída pelas

bombas, e inventam o "Dia de Madadayo" para comemorar com uma grande festa o 61º aniversário do mestre. Madadayo vem de uma cantiga infantil sobre a morte, onde as crianças perguntam *mouii kai* (pronto?), e as outras, escondidas, respondem *madadayo* (ainda não).

Toda a seqüência da festa é magistral. De um elenco numeroso e competente, composto de homens maduros, vestidos em ternos sisudos, Kurosawa tira alegria juvenil, pureza e até uma brincadeira de roda improvisada com os versos repentistas do aniversariante.

O episódio do sumiço da gata Nora, quase no final, quebra o ritmo mágico e lírico que o filme mantém nos dois primeiros terços. Vinte minutos a menos e Kurosawa teria feito uma obra-prima. Mas ele deve ter o seus motivos. Talvez esses vinte minutos se assemelhem aos vinte anos que o diretor japonês amargou a escassez de recursos para seus novos projetos, considerados "americanizados" demais.

Há quem possa ver no filme um réquiem da obra e vida do último grande cineasta-autor do cinema japonês, herdeiro do talento de Ozu e Mizoguchi. Ledo engano: Kurosawa tem pelo menos três projetos em mente para os próximos anos. Como seu brilhante professor Uchida, brindando com um inesgotável copinho de saquê, ele pode dizer: "ainda não".

Fátima Gigliotti

Madadayo, Japão, 1993 ■ DIREÇÃO e ROTEIRO: Akira Kurosawa ■ FOTOGRAFIA: Takao Saito e Masaharu Veda ■ Com Tatsuo Matsumara, Kyoko Kagawa, Hisashi Igawa, George Tokoro, Masayuki Yui, Akira Terao ■ Look

Look

reverencia o professor e escritor Hyakken Uchida

Warner

Às voltas com as confusões de sempre, Whoopi descobre o amor em *Feita por Encomenda*

FEITA POR ENCOMENDA

Comédia romântica de Richard Benjamin mostra o casal de namorados Whoopi Goldberg e Ted Danson

São quase visíveis as roscas, os parafusos e as molas que movem a comédia romântica *Feita por Encomenda*. Tudo no roteiro cumpre uma função específica e imediata, tudo é orgânico e indissociável, nada está ali por acaso ou acidente. E isso torna um filme bom ou ruim? Se a intenção é realizar um filme completo, com três atos bem definidos, conflitos e resoluções claras e indiscutíveis, *Feita por Encomenda* é um sucesso. Por outro lado, quando essas qualidades são tão evidentes, perceptíveis até para quem não estudou cinema na UCLA, talvez o filme seja previsível demais.

O diretor Richard Benjamin nos faz entender muito bem o que leva a adolescente Zora (a novata Nia Long, vinda de um desempenho igualmente ótimo em *Boyz'N the Hood*) a querer descobrir – escondida da mãe viúva, Sarah (Whoopi Goldberg) – a identidade de seu pai biológico entre os clientes de um banco de esperma. Ele nos faz simpatizar com a garota quando ela conclui a investigação e vai dar num homem (Ted Danson) mulherengo, beberrão e egoísta e – surpresa maior da menina – branco. Benjamin já nos prepara para o conflito formado entre a família de mulheres negras e convictas em sua independência e o palhação ignorante que fez fortuna à frente de uma revendedora de carros. E quase não deixa dúvida de que os três, dentro dos 50 minutos seguintes, se transformarão na família mais feliz do planeta.

O melhor do filme não são os protagonistas – apesar de Whoopi e Ted, que recentemente se assumiram como namorados, formarem uma dupla cômico-romântica quase memorável –, mas, sim, os coadjuvantes, como o rapper-ator Will Smith, o melhor amigo/quase namorado de Zora. Smith literalmente rouba todas as cenas em que aparece, inclusive onde contracena com a sempre imbatível Whoopi Goldberg.

José Emilio Rondeau

Made in America, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Richard Benjamin ■ ROTEIRO: Holly Goldberg Sloan ■ FOTOGRAFIA: Ralf Bode ■ Com Whoopi Goldberg, Ted Danson, Nia Long, Will Smith ■ Warner

ROBOCOP 3

Sem a ironia dos filmes anteriores, a série se autodestrói com um roteiro idiota e previsível

Se *Robocop 3* tivesse um título de complementação do gênero "a missão" ou "o resgate", bem que poderia ser *Robocop 3 – O Abacaxi*. O personagem que tinha potencial para uma longa série de filmes, foi estraçalhado por um roteiro idiota e indigno de Frank Miller. Tudo bem que a série seja despretensiosa e descaradamente calcada em quadrinhos (Robocop é um pastiche de *Judge Dredd*, o herói mais popular dos comics britânicos, e aproveitou muitas idéias da série *O Cavaleiro das Trevas*, do próprio Miller). Os filmes anteriores, entretanto, tinham um humor aguçado, uma auto-ironia que garantia um quociente de inteligência superior às produções do gênero. Não é o caso desta seqüência, infelizmente.

Neste terceiro filme, a OCP – companhia que, entre outras coisas, controla a polícia de Detroit – é comprada pela multinacional japonesa Kanemitsu. Como a empresa pretende transformar uma grande área da cidade numa abominação arquitetônica chamada Delta City em curto espaço de tempo, pessoas são despejadas de suas casas à força por um comando paramilitar. Robocop, claro, torna-se o herói dos sem-teto, vira uma espécie de Lulacop. Quem acompanha o trabalho de Miller nos quadrinhos já conhece o truque: transformar o super-herói num *outsider* que, por não acreditar na justiça oficial, resolve tomar a lei em suas próprias mãos. A idéia, que revigorou os super-seres nos anos 80, não funcionou na tela. Sobrou apenas o discurso pseudo-engajado contra o capitalismo selvagem e o "perigo amarelo". Aliás, se o filme tem alguma, digamos, virtude, é esta: explicitar o ódio velado que os americanos sentem pelos japoneses que, humilhados em 1945, hoje transformaram os Estados Unidos em seu quintal.

Aguardem, para breve, o retorno de Frank Miller aos quadrinhos. Nesta área, pelo menos por enquanto, ele costuma não se expor a vexames como este Ro*bocop 3*.

Edson Arantes

Robocop 3, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Fred Dekker ■ ROTEIRO: Frank Miller ■ Com Robert Burke, Nancy Allen, Rip Torn ■ Columbia.

Orion Pictures

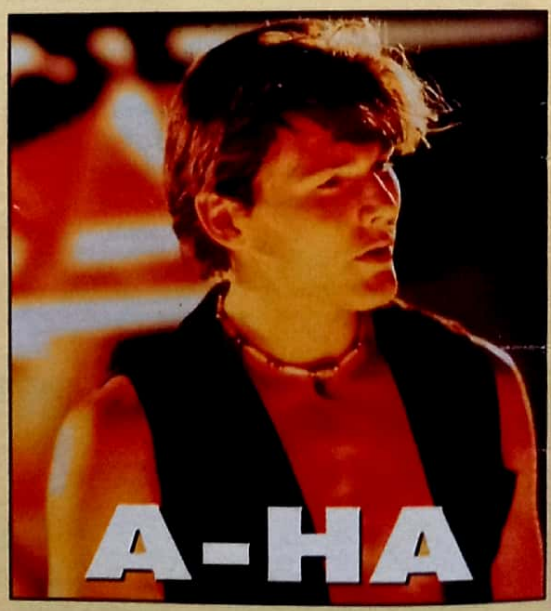
O herói enlatado é destroçado pelo roteiro idiota e bem intencionado de Frank Miller

Sabe aquela letra que você entendeu mas não compreendeu?

Está aqui.

REVISTA BIZZ Letras traduzidas

NESTE MÊS



★ ABBA ★ ALICE IN CHAINS
★ BEASTIE BOYS ★ CURE
★ BODY COUNT ★ STING ★ EMF
★ INNER CIRCLE ★ NIRVANA
★ MADONNA ★ MORRISSEY
★ PAULA ABDUL ★ ROXETTE

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

Columbia

O RENASCER DE UMA MULHER

(Born Yesterday, EUA, 1993) Direção: Luis Mandoki. Roteiro: Douglas MacGrath. Com Melanie Griffith, John Goodman, Don Johnson, Edward Herrmann. Columbia.

Comédia baseada em peça de Garson Kanin apresentada pela primeira vez em 1946, na Broadway. Melanie Griffith é Billie Dawn, uma ex-cantora de Las Vegas que é levada para Washington D.C. pelo namorado, o milionário Harry Brock (John Goodman). Inconformado com a falta de cultura de Billie, Harry contrata um professor, o intelectual Paul Verral (Don Johnson), para evitar que ela dê vexames em reuniões sociais.

FOGO NO CÉU

(Fire in the Sky, EUA, 1993) Direção: Robert Lieberman. Roteiro: Tracy Torme. Com D.B. Sweeney, Robert Patrick, Craig Sheffer, Peter Berg, James Garner. UIP.

Filme baseado numa história real acontecida em 1975 nos Estados Unidos. Cinco lenhadores do Arizona informam à polícia o sumiço de um homem, mas acabam acusados de terem assassinado a pessoa desaparecida.

A VIAGEM AO GRANDE DESERTO

(A Far Off Place, EUA, 1993) Direção: Mikael Salomon. Roteiro: Robert Caswell, Jonathan Hensleigh e Sally Robinson. Com Reese Whiterspoon, Ethan Randall, Jack Thompson, Sarel Bok, Robert Burke. Columbia.

Aventura da Disney rodada no Zimbábue em que dois adolescentes (Reese Whiterspoon e Ethan Randall) vão parar no deserto de Kalahari depois que caçadores de animais proibidos atacam a casa onde estão e matam seus pais. Em busca de ajuda, eles iniciam uma travessia de 1.600 km, acompanhados apenas pelo índio Xhabbo (Sarel Bok). Antes da exibição do filme será mostrado o curta-metragem *Piquenique com Roger Rabbit.*

AMBIÇÃO TOTAL

(The Temp, EUA, 1993) Direção: Tom Holland. Roteiro: Kevin Falls. Com Timothy Hutton, Lara Flynn Boyle, Dwight Schultz, Oliver Platt, Faye Dunaway. UIP.

Thriller contemporâneo de Tom Holland ambientado no mundo dos negócios, em que os personagens têm de saber como sobreviver no meio de trapaças e negociatas.

EL MARIACHI

(El Mariachi, EUA, 1992) Direção e roteiro: Robert Rodriguez. Com Carlos Gallardo, Reinol Martinez, Consuelo Gomez, Peter Marquandt. Columbia.

Thriller barato (custou apenas 7 mil dólares), filmado em uma cidade da fronteira dos Estados Unidos com o México, sobre um músico que é confundido com um assassino. O filme foi um grande sucesso do último Sundance Festival e revelou o diretor Robert Rodriguez.

METADE NEGRA

(The Dark Half, EUA, 1993) Direção: George Romero. Com Timothy Hutton. Columbia.

Adaptação de George Romero para uma história com toques autobiográficos de Stephen King. Timothy Hutton faz o papel de um escritor que criou um pseudônimo para publicar livros de baixa qualidade e passa a ter sua vida assombrada pelo personagem depois que decide matá-lo.

FEITIÇO DO TEMPO

(Groundhog Day, EUA, 1993) Direção: Harold Ramis. Com Bill Murray, Andie MacDowell, Chris Elliot. Columbia.

Comédia despretensiosa com Bill Murray que arrecadou mais de US$ 60 milhões nos Estados Unidos. Ele é um repórter de TV que leva uma vida monótona até o dia em que entra numa espécie de "tempo circular", onde suas atividades se repetem infinitamente.

O SILÊNCIO DO LAGO

(The Vanishing, EUA, 1993) Direção: George Sluizer. Com Jeff Bridges, Kiefer Sutherland, Nancy Travis, Sandra Bullock. Fox.

Refilmagem do thriller holandês *Spoorloos*, de 1988. Kiefer Sutherland move montanhas em busca da namorada (Sandra Bullock), desaparecida misteriosamente depois que os dois tiveram uma discussão.

BOLSA DE CINEMA

Crianças de Domingo, com roteiro de Ingmar Bergman e dirigido pelo seu filho Daniel, é a melhor opção na opinião dos críticos

	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luiz Zanin Oricchio O Estado de São Paulo	Christian Petermann Guia de Vídeo News Cultural	Wilson Cunha GLOBO/SAT	Tuio Becker Zero Hora	José Eduardo Mendonça Playboy	Carlos Heif Jornal do Brasil	Celso Arnaldo Araújo Revista Manchete	Edson Arantes SBT	Ivan Cláudio Isto É	Média
1º *Crianças de Domingo* (Filmes do Estação)	8	7	6	4	6	–	6	–	–	7	6.3
2º *Noites Felinas* (Belas Artes)	8	6	5	–	–	5	–	7	–	6	6.2
3º *Conflitos de Amor* (Columbia/TriStar)	9	4	7	–	3	–	–	7	–	7	6.2
4º *Orlando, A Mulher Imortal* (Art Filmes)	9	3	7	4	–	3	8	6	8	7	6.1
5º *Feitiço do Tempo* (Columbia/TriStar)	–	–	–	5	–	6	7	6	–	–	6
6º *Parque dos Dinossauros* (UIP)	9	3	5	4	4	7	8	7	5	5	5.7
7º *A Assassina* (Warner)	3	5	6	6	–	4	6	5	7	5	5.2
8º *Dennis, O Pimentinha* (Warner)	5	–	4	2	–	6	3	6	7	6	4.9
9º *Frankenstein* (Europa)	–	–	–	–	–	6	–	–	2	–	4
10º *Robocop 3* (Columbia/TriStar)	–	–	–	0	7	4	–	5	2	–	3.6

Deusa do Sexo

Muito antes de Sharon Stone e Marilyn Monroe, a Vênus Platinada já enlouquecia os homens do planeta com suas curvas

Marilyn Monroe não foi a única. Nem a primeira. Quando MM ainda estava no berço, lá naquele orfanato onde viveu uma infância miserável, outra loura arrasava nas telas e era conhecida sob o título de *sex godess* (deusa do sexo). Seu nome, Jean Harlow: pouco mais de metro e meio de altura coroado com belos seios, ancas voluptuosas, lábios provocantes, olhar maldosamente ingênuo e uma cabeleira platinada (o vulgo louro farmácia) que lhe dava um ar meio divino, meio profano. Ela foi o artefato sexual mais bem acabado da Hollywood dos anos 30. Nem pensar em Garbo ou Dietrich. Essas eram "deusas" e, portanto, inacessíveis. Mae West também não vale, pois sua sensualidade era vendida com sutileza de camelô em fim de feira.

Jean Harlow era puro sexo e podia muito bem se passar pela vizinha, prima ou balconista da loja de departamentos mais próxima. Cabia como uma luva nas fantasias eróticas do homem médio americano dos anos da Depressão.

Harlean Carpentier nasceu em Kansas City, Missouri, sob o signo de peixes em 1911. Seu pai era um médico de nome Montclair Carpentier. E sua mãe uma atriz frustrada de nome Jean Harlow, que viu na filha a oportunidade de realizar seus sonhos de sucesso. Harlean não a decepcionou, mostrando muito cedo que tinha vindo ao mundo para ser uma linda mulher. Assim, aos 15 anos, em 1926, a mãe a levou a Chicago para tentar a sorte como modelo e atriz em curtas-metragens mudos. Para a jovem Harlean as coisas começaram a acontecer na base do tudo ao mesmo tempo agora.

Primeiro, apareceu Charles McGrew, por quem ela se apaixonou, casou e separou na seqüência. A mãe, a quem Harlean obedecia cegamente, não gostou do noivo e desaprovou a união. Em seguida, os pais se separaram. Harlean ganhou como padrasto um certo Marino Bello, *bon vivant* e trambiqueiro de luxo, e ele passou a ser o principal desafeto de sua vida. Então veio a mudança para Hollywood. Jovem, loura e linda, Harlean atraía atenções masculinas como doces atraem moscas. Um desses admiradores por acaso chamava-se Howard Hughes. Era bonito, louco, indecentemente rico e produtor de cinema. Colocou-a em um filme chamado *Anjos do Inferno* (*Hell's Angels*, 1930) e o sucesso chegou do dia para a noite.

Jean Harlow praticamente não sabia atuar, mas que garota bonita! E que corpo! Desde suas aparições nos curtas mudos, o ar de garota ingênua do interior havia se reve-

Lábios fatais: Robert Taylor e Harlow em *Seu Criado, Obrigado* (1937)

lado um talento nato para interpretar louras *sexies* e burras ou beldades hilariantes. Foi tudo que o público viu e comprou como a nova estrela das matinês. Foi nesse primeiro filme de sucesso que Jean Harlow cunhou um dos mais duradouros clichês da história do cinema. Usando um vestido transparente feito papel de seda, ela pergunta ao seu galã, Ben Lyon: "Você ficaria chocado se eu vestisse algo mais confortável?"

Mas Hughes não cuidou bem de sua estrela e logo a MGM, o mais poderoso estúdio da época, comprou o passe da loura a preço de banana. Depois de uma inútil tentativa de torná-la ruiva em *A Mulher dos Cabelos de Fogo (Red Headed Woman*, 1932), a Metro colocou-a em uma série de filmes que estabeleceram sua fama como *sex symbol* e uma das grandes comediantes dos anos 30, só perdendo para outra loura, Carole Lombard. Entre 1932 e 1936 emplacou antológicos sucessos como *Terra de Paixões (Red Dust, 32)*, ao lado de Clark Gable – com quem formava dupla imbatível nas bilheterias –, *Mlle. Dinamite (Bombshell, 33), Jantar às Oito (Dinner at Eight, 33)* com Wallace Berry e dirigido por George Cukor, *Mares da China (China Seas, 35)* e *Casado com Minha Noiva (Libeled Lady, 36).*

Enquanto isso, a vida pessoal da moça não era um mar de rosas. Em 1932 casou-se com o produtor Paul Bern, o responsável por sua contratação pela MGM. Assim como Marilyn, Harlow era atraída por figuras paternais e tipos intelectuais. Bern era 22 anos mais velho do que ela, introspectivo e fazia tentativas como escritor. Dois meses depois do casamento ele se matou com um tiro no peito. O escândalo foi abafado pelo estúdio mas os biógrafos de Harlow incumbiram-se de dissipar o mistério: Bern era homossexual e impotente com a bela esposa. Um ano depois da morte de Bern ela casou-se com o diretor de fotografia Harold Rosson, também mais velho, também intelectual. O casamento durou seis meses. Seu terceiro marido foi o galã em *Tentação dos Outros* (*Reckless*, 1935), William Powell, ex-marido da rival Carole Lombard. Powell e Harlow viviam aos tapas e beijos, dentro e fora de casa. Entre uma desilução e outra, Jean escreveu um romance erótico intitulado *Today is Tonight.* Para resguardar a reputação de uma de suas mais valiosas propriedades, a Metro comprou não só toda a edição do livro como também os direitos de filma-

gem. Afinal, eles já haviam apagado o passado de modelo da atriz que, como Marilyn em começo de carreira, também havia posado nua. Jean Harlow nunca se conformou com o controle que a Metro exercia sobre seus menores passos.

O divórcio de William Powell deixou a atriz emocional e fisicamente abalada. Ela contraiu uma infecção nos rins (talvez devido a um aborto mal feito), foi internada mas teve o tratamento médico vetado pela mãe que, devota da seita Ciência de Cristo, não acreditava em medicamentos. Assim, a estrela da Metro, promovida através do mundo como a Vênus Platinada (contraponto à Vênus Loura de Marlene Dietrich, estrela da Paramount) morreu de infecção urinária aos 26 anos, em 1937, deixando incompleto

Retna

MGM

Jean, deliciosa, no tempo em que era a mais valiosa propriedade da MGM (esquerda) e num amasso com Clark Gable em *Terra de Paixões*

o filme *Saratoga* (*Saratoga, 37*) – uma dublê foi usada para terminar a fita.

Jean Harlow pode parecer uma peça de museu nos dias de hoje, mas sua aparência e *sex appeal* funcionaram, muitos anos após sua morte, para moldar outras bombas louras *made in* Hollywood. Vide Lana Turner na primeira versão de *O Destino Bate à Sua Porta*. É pura Harlow. Marilyn só não sucumbiu ao clichê porque revelou personalidade própria e apelo sexual muito mais irresistível. Madonna não deixou de homenagear Harlow na canção e no videoclip *Vogue*. Nos anos 60, foram feitos quase que simultaneamente dois filmes sobre a vida da estrela. Ambos abacaxis melodramáticos e sensacionalistas. O fracasso dessas fitas (reprisadas com freqüência nos Corujões da vida) servem como comédias ou soporíferos. E mostram apenas que, em se tratando de estrelas do porte de Jean Harlow, respeito é necessário. Os fãs agradecem e preferem lembrá-la na memorável cena de *Jantar às Oito*, quando ela tenta se passar por garota bem educada para uma aristocrática anfitriã, a atriz Margareth Dumont.

Harlow: Sabe, outro dia eu estava lendo um livro...

Dumont (tropeçando): Como!?

Harlow: Um livro bárbaro. Sobre o futuro. Você sabe que no futuro as máquinas vão fazer tudo? Nós seremos totalmente dispensáveis!

Dumont (olhando Harlow, no mais colante dos vestidos de cetim, de cima a baixo): Querida, você não tem nada com que se preocupar...

Mário Mendes

★★★★ SEJA CRIATIVO E GANHE UMA FITA DE VÍDEO! ★★★★

GRANDE PROMOÇÃO

ONDE ESTÁ ELIZABETH?

JEFF GOLDBLUM
JURASSIK PARK

MIMI ROGERS
HORAS DE DESESPERO

Howard não aguenta mais sua mulher Elizabeth e arma um plano para matá-la. Só que ela some misteriosamente e deixa seu maridão numa grande enrascada com a polícia. Agora ele precisa descobrir onde está Elizabeth para provar sua inocência. E você pode ajudar Howard nesta divertida missão participando desta promoção!

É MUITO FÁCIL GANHAR!

São vinte fitas de vídeo para os autores das vinte frases mais engraçadas e criativas sobre este filme.
Passe já na sua locadora, descubra onde está Elizabeth no **Poster Promocional**, crie a sua frase, preencha o cupom abaixo e envie para

REVISTA SET - PROMOÇÃO ONDE ESTÁ ELIZABETH?
Departamento de Promoção
Av. das Nações Unidas, 5777 - Alto de Pinheiros
CEP 05479-900 - São Paulo - SP

PROCURE ESTE POSTER NA SUA LOCADORA E DESCUBRA ONDE ESTÁ ELIZABETH!

ATENÇÃO NÃO É NECESSÁRIO RASGAR SUA REVISTA. VOCÊ PODE COPIAR OS DADOS DESTE CUPOM EM PAPEL À PARTE OU ENVIAR XEROX.

MINHA FRASE É _____

_____

NOME _____

END _____

IDADE _____ TELEFONE PARA CONTATO _____

LOCADORA _____

ONDE ESTÁ ELIZABETH? NO POSTER _____

NO FILME _____

Se a minha frase for uma das 20 escolhidas eu quero ganhar a seguinte fita de vídeo:

- ☐ ONDE ESTÁ ELIZABETH? (COMÉDIA)
- ☐ ANA E O ANEL MÁGICO (DESENHO)
- ☐ A HORA DO LOBISOMEM II (TERROR)
- ☐ SUNSET GRILL-CÓDIGO DA MORTE (POLICIAL)
- ☐ UM ASSASSINO ENTRE NÓS (SUSPENSE)
- ☐ TRAÍDOS PELO SILÊNCIO (SUSPENSE)

TODOS ESTES FILMES ESTÃO DISPONÍVEIS NAS MELHORES LOCADORAS DE VÍDEO.

APOIO REVISTA SET

THE Movie Group

SATO CO. LTD.

Digitalizado com CamScanner

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA & VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: Edson Arantes
Editora: Deborah Peleias
Editor-Executivo: Dilson Pedro Gomes
Editor-Contribuinte: André Forastieri
Redator: Vitor Paolozzi
Diretor de Arte: Michel Spitale
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramador: Izaú Norbertino
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau, André Barcinski
Colaboradores - Texto: Adilson Laranjeira, Carlos Eduardo Miranda, César Garcia Lima, Christian Petermann, Daniel Benevides, Erika Palomino, Fábio Massari, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Hamilton Rosa Jr., José Eduardo Mendonça, Marcos Smirkoff, Marcos Strecker, Marcelo Rezende Gomes, Mário Mendes, Roberto Rios, Rogério de Campos, Sheila Nassar. **Fotografia:** Ivan Cameiro. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE

Diretor: Claudio Santos
Supervisores de Contas: Maira Gisele Magno, Nilo Galdeano Bastos, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marília Hindi (Dir.), Reginaldo Andrade (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lídia Camarate
Marketing Publicitário: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **ISSN 0104 -1592**, edição 74, agosto de 1993. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, Centro, CEP 20020-080, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1486. CP 4816. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista: **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio d e seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: Postscript Artes & Gráfica, Fotoline Ltda, Grafcolor
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

PARA VOCÊ QUE GOSTA DE FÓRMULA-1, FÓRMULA INDY, MOTOVELOCIDADE, CARROS IMPORTADOS, FÓRMULA UNO FORD, CHEVROLET, COPA SHELL, RALLY, NASCAR E TODAS AS GRANDES EMOÇÕES DO AUTOMOBILISMO.

Chegou GRID.
A revista para quem sabe que antes da largada e depois da bandeirada muita coisa importante acontece.
Revista GRID.
Aqui tem sempre mais corrida para você.

GSK

TODO MÊS NAS BANCAS.

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42.66.31.18 - Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42.66.13.99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

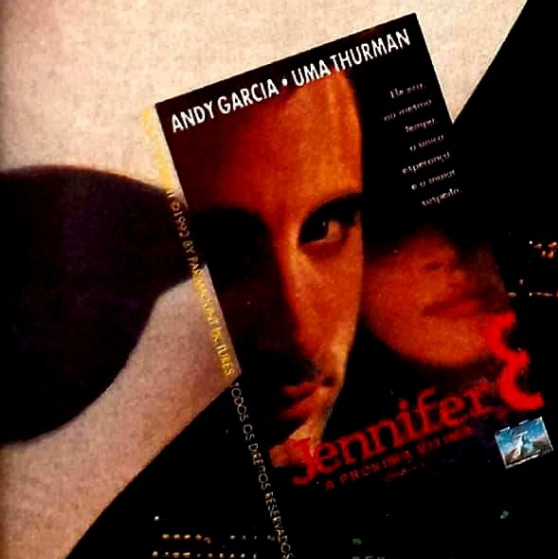
Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2059
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

VOCÊ NUNCA VIU UM ANÚNCIO COM UMA DOSE TÃO GRANDE DE

SUSPENSE.

Z-Y-Denison

É noite. Você entra na locadora de sempre, achando que está seguro. Cumprimenta o rapaz do balcão e, inadvertidamente, vai em direção à prateleria dos novos lançamentos. Pega essas duas fitas e acha que vai poder passar uma noite tranquila, sem sustos. Não sabe que está levando para dentro de sua própria casa dois terríveis assassinos. Chega. Coloca a primeira fita no vídeo. Se acomoda na poltrona favorita. E pronto. Mal sabe que quando acionar a tecla "play" vai levar o maior susto de sua vida.



Disney

Sou um grande fã de Walt Disney e li a reportagem sobre o filme *Aladdin* (SET nº 72), que é o trigésimo-primeiro longa de animação dos estúdios Disney. Gostaria de saber quais são os outros trinta longas de animação, seus anos de lançamento e nomes originais e quais dos clássicos foram lançados em laser disc, onde encontrá-los?
Fernando Paulo de Santis
(Porto Ferreira – SP)

Aí estão os trinta longas de animação – os asteriscos indicam quais já saíram em laser disc: Branca de Neve e os Sete Anões (Snow White and the Seven Dwarfs, 1937), Pinóquio* (1940), Fantasia (1940), Dumbo* (1941), Bambi (1942), Alô Amigos! (Saludos Amigos, 1943), Você já Foi à Bahia?* (Three Caballeros, 1944/45), Música, Maestro (Make Mine Music, 1946), Bongo (Fun and Fancy Free, 1947), Melodia (Melody Time, 1948), Dois Sujeitos Fabulosos (The Adventures of Inchabod and Mr. Toad, 1949), A Gata Borralheira (Cinderella, 1950), Alice No País das Maravilhas* (Alice in Wonderland, 1951), As Aventuras de Peter Pan (Peter Pan, 1952/53), A Dama e o Vagabundo (Lady and the Tramp, 1954/55), A Bela Adormecida (Sleeping Beauty, 1956/59), A Guerra dos Dálmatas (101 Dalmatians, 1960/61), A Espada Era a Lei* (The Sword in The Stone, 1962/63), Mowgli, o Menino Lobo* (Jungle Book, 1967/70), As Aristogatas (The Aristocats, 1967/70), Robin Hood* (1973), Bernardo e Bianca Em Missão Secreta* (The Rescuers, 1977), O Cão e a Raposa (The Hound and The Fox, 1981), O Caldeirão Mágico (The Black Cauldron, 1985), As Peripécias de um Ratinho Detetive* (The Great Mouse Detective, 1986), Oliver e Seus Companheiros (Oliver & Company, 1988), Uma Cilada Para Roger Rabbit (Who Framed Roger Rabbit?, 1988), A Pequena Sereia (The Little Mermaid, 1989), Bernardo e Bianca na Austrália* (The Rescuers Down Under, 1990), A Bela e a Fera* (Beauty and The Beast, 1991). *Existem várias lojas em São Paulo e Rio de Janeiro que têm alguns dos filmes à venda. A Disc-O-Rama (tel. 011/280-4213 e 011/282-6321) aceita encomendas dos que não tiver em estoque.*

Como leitor assíduo desta maravilhosa revista quero parabenizá-los pela ótima edição de aniversário. Gostaria muito de receber o endereço dos Estúdios Disney e da Industrial Light & Magic.
Leandro Musenek
(Nova Odessa – SP)

Endereço da Industrial Light & Magic: P.O.Box 2459, San Rafael, California, 94912. Walt Disney Pictures/ Touchstone Pictures: 500 S. Buena Vista Street, Burbank, California, 91521-0001.

Séries

Gostaria de saber se está sendo rodada alguma produção das séries: *James Bond, Jornada nas Estrelas, Guerra nas Estrelas* e um terceiro *História Sem Fim*. Quanto à *Jornada nas Estrelas*, por que não é apresentada no Brasil em vídeo pelas grandes distribuidoras e redes de televisão?
Ronald Rahal
(São Paulo – SP)

Ronald, suas dúvidas sobre James Bond *estão respondidas em* Takes *desta edição.* Guerra nas Estrelas *depende de George Lucas, que tem um roteiro novo nas mãos. Por enquanto, não existe nada de concreto sobre* História Sem Fim 3. *A Paramount planeja um novo filme. Há um projeto para transformar* Star Trek Next Generation *em filme, com participação de alguns dos atores da série original. Ainda em relação à* Jornada nas Estrelas: *a CIC Vídeo lançou cinco volumes da série dos anos 60 e dez da* Next Generation. *Porque a série não merece mais consideração das TVs brasileiras é algo que nós também queremos saber.*

Família Lee

Após brindar os leitores com uma inesquecível reportagem na SET nº 64 com o título "Brandon Lee, o Herdeiro do Rei", a revista decepcionou na edição nº 71 na seção *Takes* com a infeliz nota "Brandon Lee 1966 – 1993, a Maldição do Demônio Chinês". Como leitor assíduo e brucemaníaco venho prestar as necessárias retificações: a) Brandon Lee nasceu em fevereiro de 1965, b) seu pai, Bruce Lee, morreu durante as filmagens do fatídico *Game of Death* e não de *Enter the Dragon*, até porque o mesmo estava concluído e foi lançado nas telas americanas três semanas depois de sua prematura morte.
Floriano Antônio
(Rio de Janeiro – RJ)

Assim como você, Floriano, também Tácito Suassuna, de Natal, RN, percebeu o erro de SET.

Pau nos críticos

Escrevo à redação da SET para denunciar um fato. Na resenha do filme *O Retorno de Casanova* (*Videolançamentos*, nº 71), o resenhista escreveu: a) "Casanova encontra um amigo rico e fica com o dinheiro e a mulher deste". Ora, isso não existiu. Casanova ganha uma quantia num jogo de cartas em que o dono da casa nem participou; b) "Casanova tenta conquistar a empregada do casal". Outra mentira. Ele se apaixona pela sobrinha do casal, uma nobre, como ele. É evidente que o resenhista não assistiu ao filme. Ele termina dizendo que o espectador quase cai da cadeira de tanto rir. Uma comédia? Por que está na seção "drama"?
Luiz Alberto Castro
(Rio de Janeiro – RJ)

Hamilton Rosa Junior responde: Pelas perucas do Ivon Cury! Ou seria Alain Delon? Não foi apenas eu que caí da cadeira de tanto rir. Você sabia que o filme foi exibido no Festival de Cannes de 1992 e o público não vaiou, caiu na gargalhada? Agora, vamos aos equívocos do leitor: a) o leitor diz que estou confundindo a empregada com uma nobre. Convenhamos, estamos falando de Casanova! O "Don Juan" do filme está cansado mas nem por isso deixa de ser implacável. Traça a nobre ninfeta e também uma criada; b) o leitor diz que ele não fica com o dinheiro do marido. Pois fica. Há duas partidas de cartas no filme. Na primeira, o bocó está na mesa. Faça o tira-teima.

O crítico Marcos Strecker diz que *Uma Luz na Escuridão* é um dramalhão fraquíssimo, sem nem mesmo ter prestado atenção ao que assistiu. Lembro-me muito bem que não é Michael Douglas quem recruta Melanie Griffith e sim ela que se oferece e insiste em ir para a Alemanha. Outro detalhe: Douglas realmente atravessa a fronteira com Melanie nos braços, só que não continua caminhando sem se abalar: é baleado, cai, ergue-se e aí cruza a fronteira. É incrível que em 16 linhas de crítica Marcos Strecker tenha cometido dois erros graves quanto à história do filme.
Fúlvio Torres Flores
(São Paulo – SP)

Perguntado se gostaria de responder a carta, Marcos Strecker disse que os "erros graves" apontados não alteram em nada a crítica que escreveu. Agora, dá licença, Fúlvio: isso não faz mesmo qualquer diferença. O que acontece é que, dentro do pequeno espaço disponível (como você notou), o crítico deve fazer uma opção em contar a história resumidamente (o que significa desprezar detalhes) e destacar as qualidades, ou falta delas, do filme.

Leio a SET desde seu primeiro número, guardando-as dentro de sacos plásticos do tipo acid free, desta forma conservando as revistas como se fossem novas. Deixando de lado minhas manias de colecionador, estou escrevendo com a intenção de elogiar e de, em termos, criticar certos aspectos da revista. No nº 72, com relação a *Kafka*, o crítico Marcos Strecker elegeu como única qualidade do filme sua "fotografia expressionista, toda em preto-e-branco". Penso que ele não assistiu ao filme inteiro, pois há uma seqüência inteira colorida; b) com relação à lista de filmes dirigidos por Michael Crichton, José Emilio Rondeau acrescentou um filme a mais, *O Enigma de Andrômeda*, que na verdade teve direção de Robert Wise; c) Gerson Lodi-Ribeiro trocou a editora do livro *O Mundo Perdido* para Melhoramentos, quando na verdade quem editou o livro foi a Francisco Alves.
Paulo Sérgio Pruner
(Camboriú – SC)

Em relação a Kafka: *Marcos Strecker repete a resposta que já deu ao leitor Fúlvio Flores. Robert Wise é realmente o diretor de* O Enigma de Andrômeda. *Quanto à editora de* O Mundo Perdido, *os dois estão certos: as duas editoras lançaram o livro.*

Errata

Na edição 72, na seção Videolançamentos, *os filmes* The Commitments *e* Lute Pela Coisa Certa *saíram como sendo da Abril Vídeo, quando na verdade pertencem ao acervo da LK-Tel/Vídeo.*

VOCÊ PODE APENAS LIGAR O RÁDIO, OU SINTONIZAR A ALPHA FM

e ouvir as melhores músicas nacionais e internacionais de todos os tempos, e ainda, estar sempre bem informado com os boletins econômicos e últimas notícias do Brasil e do mundo.

A ESCOLHA É SUA.

PÁTIO

ALPHA FM

101,7 MHz

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

JEAN HARLOW

Atriz, nasceu a 3 de março de 1911, em Kansas City, MO, e morreu a 7 junho de 1937. A loira comediante, que apesar do pouco tempo de carreira tornou-se legenda hollywoodiana, não dava muitas risadas na vida real. Dois meses antes de casar com o diretor Paul Bern, ele cometeu suicídio. Casou mais tarde com Harold Rosson, diretor de fotografia, divorciando-se pouco tempo depois. Harlow morreu aos 26 anos de durante as filmagens de *Saratoga*.

Como Atriz: 1929: THE SATURDAY NIGHT KID ■ 1930: ANJOS DO INFERNO (*Hell's Angels*, de Howard Hughes) ■ 1931: GOLDIE; POR UMA MULHER (*The Iron Man*, de Tod Browning); LOURA E SEDUTORA (*Platinum Blonde*, de Frank Capra); INIMIGO PÚBLICO (*The Public Enemy*, de William Wellman); THE SECRET SIX (de George Hill) ■ 1932: THE BEAST OF THE CITY (de Charles Brabin); TERRA DE PAIXÕES (*Red Dust*, de Victor Fleming); A MULHER DE CABELOS DE FOGO (*Red-Headed Woman*, de Jack Conway); THREE WISE GIRLS (de William Beaudine) ■ 1933: MLLE. DINAMITE (*The Blonde Bombshell*, de Victor Fleming); JANTAR ÀS OITO (*Dinner at Eight*, de George Cukor); AMAR E SER AMADA (*Hold Your Man*, de Sam Wood) ■ 1934: BOCA PARA BEIJAR (*The Girl From Missouri*, de Jack Conway) ■ 1935: MARES DA CHINA (*China Seas*, de Tay Garnett); TENTAÇÃO DOS OUTROS (*Reckless*, de Victor Fleming); RIFFRAFF (de J. Walter Ruben) ■ 1936: CASADO COM MINHA NOIVA (*Libeled Lady*, de Jack Conway); SUZY (de George Fitzmaurice); CIÚMES (*Wife vs. Secretary*, de Clarence Brown) ■ 1937: SEU CRIADO, OBRIGADO (*Personal Property*, de W. S. Van Dyke); SARATOGA (de Jack Conway) ■ 1957: THE GOLDEN AGE OF COMEDY (Coletânea de Arquivos).

LFI

JOSÉ MOJICA MARINS

Diretor, produtor, roteirista e ator, nascido em São Paulo, SP, em 1931.

Como Diretor e Ator: 1957: SINA DE AVENTUREIRO ■ 1961: MEU DESTINO EM SUAS MÃOS ■ 1964: À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA*; 1965: O DIABO DE VILA VELHA ■ 1966: ESTA NOITE ENCARNAREI NO TEU CADÁVER* ■ 1967: TRILOGIA DO TERROR* (3º episódio: *Pesadelo Macabro*); O ESTRANHO MUNDO DE ZÉ DO CAIXÃO (1º episódio: *O Fabricante de Boneca*; 2º episódio: *A Tara*; 3º episódio: *A Ideologia*) ■ 1969: RITUAL DE SÁDICOS (rebatizado em 1980 como *Despertar da Besta*) ■ 1970: SEXO E SANGUE NA TRILHA DO TESOURO ■ 1971: FINIS HOMINIS; DGAJÃO MATA PARA VINGAR ■ 1972: QUANDO OS DEUSES ADORMECEM ■ 1974: EXORCISMO NEGRO ■ 1976: INFERNO CARNAL ■ 1977-78: DELÍRIOS DE UM ANORMAL* ■ 1978: PERVERSÃO ■ O MUNDO, MERCADO DO SEXO ■ 1980: A PRAGA ■ 1983: A 5º DIMENSÃO DO SEXO ■ 1984: 24 HORAS DE SEXO ARDENTE ■ 1986: 48 HORAS DE SEXO ARDENTE .

Como Diretor com o pseudônimo J. Avelar: 1973: A VIRGEM E O MACHÃO ■ 1975: COMO CONSOLAR VIÚVAS ■ 1977: A MULHER QUE PÕE A POMBA NO AR ■ 1986: O DR. FRANK NA CLÍNICA DAS TARAS.

Como Produtor: 1975: A ESTRANHA HOSPEDARIA DOS PRAZERES (de Marcelo Mota).

Como Ator: 1969: O PROFETA DA FOME (de Maurice Capovilla); CANGACEIRO SEM DEUS (de Osvaldo Oliveira) ■ 1970: O FRACASSO DE UM HOMEN NAS DUAS NOITES DE NÚPCIAS (de George Serkis) ■ 1975: PADRE PEDRO E A REVOLTA DAS CRIANÇAS (de Francisco Cavalcanti).

Filmes para TV: 1967-69: ALÉM, MUITO ALÉM DO ALÉM ■ 1981: SHOW DO OUTRO MUNDO.

** disponível em vídeo*

PLATINUM PLUS

Charles Chaplin, o ator Burgess Meredith e o romancista Erich Maria Remarque, os últimos três de seus quatro maridos, só podem ser considerados homens de extremadíssimo bom-gosto: Paulette Goddard mostra aqui sua versão refinada da loura fatal, nem tão básica, nem tão instintiva.

Kobal Collection

9 INDICAÇÕES
VENCEDOR DE
4 OSCARS®
MELHOR FILME
MELHOR DIRETOR
Clint Eastwood
MELHOR ATOR
COADJUVANTE
Gene Hackman
MELHOR EDIÇÃO
A VOLTA TRIUNFAL DO VELHO OESTE.
UM DUELO DE GIGANTES!
CLINT EASTWOOD
GENE HACKMAN
MORGAN FREEMAN
RICHARD HARRIS
OS IMPERDOÁVEIS
"UNFORGIVEN"
DUBLADO
E
LEGENDADO
JÁ NA SUA LOCADORA
WARNER HOME VIDEO

Para captar imagem e som...

... A QUALQUER DISTÂNCIA.

SUPER VHS
M9000

MICROFONE ESTÉREO ZOOM
- Na posição "Zoom", o microfone se ajusta automaticamente para atrair o som e as imagens simultaneamente, criando uma atmosfera excepcional.
- No modo "Tele", o microfone capta com clareza os sons de objetos distantes.
- No modo "Wide", a gravação de áudio é de forma estereofônica, complementando o efeito tridimensional de espaço e profundidade.

SUPER VHS
- Resolução horizontal de mais de 400 linhas. Todo o realismo da cena original é captado com detalhes.
- Foco Automático Digital com Inteligência Artificial (AI)
- Zoom digital de velocidade variável 100x
- Congelamento de imagem digital
- Cortina (wipe) digital

VHS
M3000

MAGIC 1 (100X DIGITAL ZOOM)
Graças à tecnologia digital Panasonic, você pode aproximar suas tomadas em até 100 vezes.

MAGIC 2 (1 LUX)
Com este recurso, você obtém imagens claras e nítidas, mesmo gravando em ambientes com baixa luminosidade.

MAGIC 3 (DIGITAL MIX)
Esta função permite a mixagem entre imagens congeladas memorizadas e imagens em movimento.

- Digital tracer (efeito rastro)
- Cortina (wipe) digital
- Auto gravação temporizada
- Lente grande angular

Panasonic

Produtos Importados
À venda na Zona Franca de Manaus